

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES

Ronald de Carvalho
Monteiro Lobato
Brenno Ferraz

N. 76

ABRIL
1922

EDITORES

Monteiro Lobato
& Comp. — São Paulo
Rua dos Gusmões, 70

SUMMARIO

A "EVOLUÇÃO DAS IDEAS ARGENTINAS".	Monteiro Lobato	289
O CRIME INUTIL	Lucilo Varejão.	295
OS DOIS BRASIS.	V. Coaracy.	307
VELHINHA RENDEIRA	Jayme D'Altavilla.	314
A PHILOSOPHIA NATURAL DO DR. VON IHERING	Rodolpho von Ihering.	316
TRINTA ANNOS.	Oscar Brisolla	323
VARIANTE CARIOLA DE UM SUBDIALECTO BRASILEIRO .	Antenor Nascentes	327
IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES	Miguel Arrojado Lisbôa	333
BIBLIOGRAPHIA		339
RESENHA DO MEZ		348
DEBATES E PESQUIZAS		363
QUESTÕES SOCIAES.		371
NOTAS DO EXTERIOR		376

SPAULO — 1922 — RIO

REVISTA DO BRASIL - RUA DOS GUSMÕES, 70 — CAIXA, 2-B — S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO — 20\$000 EXTRANGEIRO — 25\$000 ; — NUMERO AVULSO — 1\$800.

O Que Todas as SENHORAS e SENHORITAS, devem Saber e Ensinar as suas Amigas!!!

A PASTA RUSSA do Doutor G. RICABAL, é o único Remedio existente no Mundo inteiro, que em menos de um mez dá á Mulher a Belleza dos SEIOS, fazendo Crescer, Fortificando e Aformoseando, produzindo rapidamente ENDURECIMENTO E FIRMEZA.

Milhares de attestados affirmam o grande valor curativo da Pasta Russa do Doutor G. Ricabal. — Cautela com as falsificações e imitações perigosas!

Exijam sempre "A PASTA RUSSA" do Doutor G. Ricabal

— NAO SE ILLUDAM!!! —

A' venda em todas as Pharmacias, Drogarias e Perfumarias do Brasil

 AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 12\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1.724
RIO DE JANEIRO

GRAVIDEZ

Evita-se usando os Pessarios Americanos; são inofensivos, commodos, de effeito seguro e antisepticos. — Encontram-se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

 AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1.724
RIO DE JANEIRO

AOS ASTHMATICOS

O Remedio do Doutor Reyngate, notavel Medico e Scientista Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites Catarraes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Cansaço, Suffocações, é um Medicamento de valor, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, nem contém ioduretos, nem morphina e outras substancias nocivas á saude dos Asthmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas principaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. -- Rio de Janeiro

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcçao de
Installações Hydro-Electricas completas, Bondes
Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de
Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mfg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4

DOIS LIVROS NOTAVEIS

PARQUE ANTIGO, de **Galeão Coutinho**
e **MOCIDADE**, de **Affonso Schmidt.**



Diversos na contextura porém ambos igualmente notaveis como expressão dos pensamentos mais altos e dos sentimentos mais subtils de dois verdadeiros, de dois grandes poetas.

Em paiz de poetas como o nosso, para alcançar o destaque destes dois estreantes é necessario que possuam elles um valor realmente de excepção.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

REVISTA DO BRASIL

RUA DOS GUSMÕES, 70

S. PAULO

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

—S. PAULO—

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes
para construcçāo,
aço e ferro, anilinas
e outros
productos chimicos.

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

**Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.**

Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

MONTEIRO LOBATO
BRENNO FERRAZ

N. 76

ABRIL
1922

EDITORES:

MONTEIRO LOBATO
& COMP. — SÃO PAULO

A "EVOLUÇÃO DAS IDÉAS ARGENTINAS"

DE J. INGENIEROS

POR

MONTEIRO LOBATO

NAME nenhum das letras argentinas já tanto se vulgarisou entre nós como o de J. Ingenieros. Suas obras andam por toda parte e se vendem cada vez mais. Seu prestígio cresce e sua opinião é sempre chamada como argumento de valor.

E com toda a justiça. Ingenieros além dum scientista de ampla envergadura, capaz das largas visões da synthese, tem a serviço das idéas um estylo seductor, claro e ameno, sem o vicio da eloquencia empolada tão commum nos sul-americanos de origem hispanica. Idéas claras em estylo claro: o eterno segredo.

É como é assim, nenhum espirito culto, cá pela America, deixa de inclui-lo em sua bibliotheca, nas estantes onde, até elle, só figuravam nomes europeus. Isso impõe á nossa critica informativa o dever de noticiar-lhe os livros menos apressadamente do que o faz para o commum da producção mental sul-americana.

"A Evolução das Idéas Argentinas", sua ultima obra, obedece a um plano grandioso, qual o de historiar a marcha da civilização argentina desde os primordios até hoje. No primeiro tomo, grosso volume de 560 paginas, que não conhecemos e se acha exgottado, estuda Ingenieros a Revolução. Neste agora sahido estuda a Restauração que Juan Manuel de Rosas personificou. A idéa central do livro gyra em torno do parallelismo guardado entre o movimento politico-ideologico europeu, oriundo no furacão francez de 89 e a revolução argentina de Maio; depois, entre

o movimento contra-revolucionario encabeçado pela Santa Alliança e o movimento restaurador de Rosas.

Não ha negar que, tanto no velho como no novo mundo, a acção e a reacção tiveram causas communs, e que esta veiu pela fome de paz e sede de ordem que as convulsões revolucionarias abriram em todos os paizes. Mas na America Rosas imprimiu-lhe um cunho especialissimo. De todas as figuras do movimento, Fernando VII de Espanha, Luiz XVIII de França, os reis da Prussia, da Austria, da Sardenha, de Napolis e o papa, nenhuma possuiu o relevo nem a envergadura de Rosas, que foi innegavelmente uma força da natureza, producto logico do campo argentino, plasmado e conformado da mesma massa e no mesmo molde dos Napoleões. Creou como o corso a sua formula pessoal de despotismo, mentiu como elle e como elle construiu os alicerces da ordem nova que até hoje dura, com excepção da Russia onde a subverteu o bolchevismo.

Juan Manuel de Rosas appareceu no momento opportuno, quando a republica, a braços com a anarchia consequente a todo movimento revolucionario que procura ás cegas um systema de equilibrio estavel, revelou-se cançada de idealismo e sequiosa por um regimen de ordem em que os negocios pudessm prosperar.

Orden e patacones! A tyrannia de Rosas deu a ella esse ambicionado periodo de ordem, suffocando brutalmente todas as reacções e preparando o advento da Argentina actual.

Rosas foi um homem de qualidades excepcionaes, desses seres sobrehumanos que nascem para a dominação. Filho de familia prestigiosa, começou a vida activa administrando os vastos feudos paternos, em Rincon de López. E lá, pelo prestigio fascinante de sua presença, o mais bello homiem que era do seu tempo, e pelas geniaes qualidades de administrador que foi revelando, conseguiu em breve transformar o latifundio num centro pecuário e agricola de grande movimento. Como, porém, os seus processos eram novidade naquelle meio, surgiram intrigantes que indispuzeram contra elle sua mãe, residente em Buenos Aires, mulher energica e despotica, de quem o joven Rosas herdára a infibratura do caracter. Esquecida das vantagens enormes que a familia auferia com a gerencia do filho, commetteu ella a imprudencia de censural-o. Foi o bastante para que o ardoroso mancebo, que primava em manter insuspeita a sua honestidade, abondonasse o feudo e rompesse com a familia, mudando-se para a capital. Lá viveu uns tempos, inteiramente deslocado no torvelinho da vida urbana. Nascera para o viver liberrimo dos campos e não se conformava com a vida estreita, amarrada e policiada de uma capital. Sahiu. Estudou a situação e resolveu fazer-se tropeiro ao sul de Buenos Aires.

Adquirindo a credito uma bella tropa de muares, pessoalmente a conduziu, nas primeiras viajens, em serviços de transporte. Começa aqui a carreira do dictador. Começa Rosas de baixo, do ultimo degrão, e, como Napoleão, ascende ao fastigio exclusivamente pela força do valor pessoal. Napoleãoinda teve a favor a circunstancia de encarreirar-se pelo exercito, meio commum que aos temperamentos despoticos ocorre de mais depressa alcançarem a mira. Rosa não se apoiou no exercito. Fez-se elle proprio um fóco de convergencia e deixou que em torno de si se creasse um exercito de peões, fanatizados pela varonilidade do mais bello e valente dos gaúchos. Nascido para governar povos, começasse por onde começasse seu destino havia de cumprir-se. Como ha o artista que se faz, ha o artista que nasce feito. Como ha reis por injuncções da estirpe, ha-os natos. Rosas foi um. Nascera rei e rei seria.

Começou duas vezes. A primeira em Rincon de López. Não fôra a incomprehensão da familia e seria de lá que a aguia alteraria o vôo. Rompido com os seus, porém, desce ao mais infimo degrão da escada, e, só, desajudado de toda influencia familiar, recomeça a escalada do poder, desta feita com gloria maior porque a ninguem deveria o menor impulso ascensional.

O bello tropeiro impoz-se na zona trafegada, auferiu lucros abundantes, aumentou a tropa, tomou a serviço peões, cresceu em credito e poude logo adquirir as primeiras terras.

Estava fincado no territorio argentino o germen de um estado dentro do estado. A estancia inicial de Rosas cresceria como mancha de azeite até absorver toda republica. Seu governo naquella estancia seria o governo do paiz. Seu modo de tratar os peões, seu sistema administrativo, seu despotismo seriam em breve o governo da Argentina durante trinta annos.

Não ha na historia caso mais typico de victoria individual. Rosas cresce sempre, em prestigio, á medida que sua estancia cresce em area. Em pouco tempo o maior proprietario argentino é elle, e como lhe não bastassem as terras existentes, conquista-as aos indios. Só numa destas expedições de investida contra o deserto recebeu como paga de serviços sessenta leguas quadradas.

Organisador nato, deu á população do feudo uma disciplina ferrea, de maneira a tel-a mobil, prompta e segura, como um exercito. A gaúchada accorria de todos os lados afim de servir sob suas ordens, arrastada pelo mysterioso prestigio do rei dos pampas. Os estancieiros viam nelle o *leader* sonhado, a força capaz de amparal-os e dar-lhes um periodo longo de ordem favoravel á prosperidade economica. E Rosas surgia assim, aos olhos de todos, como o salvador, o guia, o sol do systema planetario dos prejudicados pelas experiencias *in anima vili* dos ideologos

de Maio. E o dictador entrou a dictar as bases do *trust saladeirista*. Constituiu uma firma social, Rosas, Torrero & Cia. que se erigiu logo na maior potencia commercial da epoca e que negociou em larga escala com a ilha de Cuba e o imperio do Brasil, a cujos escravos se destinava quasi toda a producção do xarque platino.

Como fosse o governo o senhor das portas de sahida e impedissem a prosperidade do negocio, cobrando em Buenos Aires taxas alfandegarias, Rosas abriu um porto para o *trust* e organizou frota mercante propria. Contrabando? Que lhe importava isso, "essa palavra"? Era, sim, a reacção, a resposta logica e natural de um organismo que quer e precisa viver dada á inepcia de um governo fraco, incomprehensivo e suffocante. Se a la-voura de S. Paulo encontrasse um Rosas que lhe abrisse um porto contrabandista por onde se escoassem as safras cafeeiras que pagam um absurdo, ineptissimo e imbecilissimo imposto de sahida (*taxu, castigo á mercadoria que sae a buscar o ouro de que o paiz precisa!...*), que beneficio enorme para a nação!

Esse assombroso movimento expansivo de Rosas processou-se de maneira tal que, quando o paiz despertou, o governo era elle; a lei, sua vontade; o guia, sua previsao; a força, sua manopla de ferro; a ordem, "sua ordem". A medida que crescia esta força nova o governo legal empallidecia e annullava-se. E' que o governo já o era *in-nomine*; o governo de facto já era Juan Manuel de Rosas.

Ao contrario dos outros chefes de estado, Rosas não procurou ser governo á força de intrigas e manhas. Fez-se governo naturalmente, sem imposição, sem revolução, sem conchavo de partidos ou de influencias familiares. Fez-se governo pela força irresistivel da formidavel irradiação da sua personalidade.

Todos sabemos o que foi o despotismo de Rosas e Ingenieros o repete na linguagem condemnatoria sobejamente conhecida. Elle o vê como reflexo da contra-revolução e mostra como agiu, odiosamente, pelas regras e como que de acordo com os reis ultramontanos da Santa Aliança.

Parece-nos certo isto — na apparencia. No fundo ha que divergir. Rosas deu á restauração um cunho de que Fernando VII, Luiz XVIII e outros imbecis coroados, conduzidos pelo nariz por Metternich, não eram capazes. Longe e livre da influencia tremenda dos focos reaccionarios, Papado e Santa Alianña, incapaz de obedecer a *mot-d'-ordres*, elle plasmou a restauração por um molde seu, de sentido accentuadamente economico.

A revolução prejudicava os saladeiristas; a revolução era liberal; logo, o inimigo da ordem que os fazendeiros pediam era o liberalismo. Refreal-o por longos annos, violentamente, até

que os alicerces economicos da nação se consolidassem, se não foi estrictamente o seu programma, foi a resultante do seu despotismo. E outra não podia ser a politica de um estancieiro de genio, que figurava á frente da cohorte estancieira argentina. Foi, pois, o mais logico dos tyrannos e, confessemol-o, um tyranno genial! Os meios que inventou para comprimir a ideologia revolucionaria, nociva, "no momento", á economia da nação, foram odiosos, e ataram-no ao pelourinho da historia, mas é innegavel que foram engenhosissimos e perfeitamente adequados aos fins.

Rosas orientou a creação da Sociedade Popular Restauradora, por meio da qual elle, como chefe supremo, "emittia opinião publica". Esta opinião apontava a dedo e marcava com um sinal singelissimo a todos os discolos que erguiam ou ameaçavam erguer a cabeça contra o regimen de "orden e patacones". A marca era simplesmente genial e abrangia tudo, supprimindo subtilezas e nuances que complicam as situações e embaraçam a accão repressiva: "Morram os selvagens unitarios!" Em baixo, figurando de soberania popular, uma ralé executiva, a "Mazorca". Rosas, indicava o discolo, o embaraço, o tropeço, o inimigo, enfim, com um simples volver de olhos. A "opinião publica" o condemnava, marcando-o com o estigma fatal. A Mazorca intervinha então e eliminava o rebelde. Odioso, não havia dúvida, mas efficacissimo e pratico. Sem esta invenção os pronunciamentos se succederiam e a industria da carne não conseguiria formar os alicerces sobre os quaes se ergue a grande Argentina de hoje.

Parece-nos que Ingenieros, tomado de nobre indignação contra a tyrannia theocratica de Rosas, não deu o devido apreço a este aspecto do phenomeno; como nos parece tambem que o sociologo futuro exculpará Rosas dos seus crimes dada a innegavel utilidade que delles resultou para a nação. Além disso, se, no terreno material, a paz despotica apressou o advento da nação moderna, no moral contribuiu bastante para a tempora do caracter argentino. A atroz perseguição ao liberalismo lançou no exilio os seus mais nobres representantes e lá se temperaram elles de modo feliz, a geito de, após á queda do tyranno, virem continuar a obra da revolução, num paiz já muito diferente do primitivo, porque enriquecido, disciplinado á força e domado pelo freio terrivel do formidavel domador de homens. Dahi a facilidade com que, após pequenas oscillações, caiu a nação argentina na magnifica estabilidade actual.

Os povos que nunca sofreram o açoite das tyrannias jámais adquirem plena consciencia dos seus direitos e deveres. As liberdades publicas hão de ser arrancadas e não recebidas por outorga.

No Brasil, muita falha do caracter nacional provém da ausencia de tyrannos em sua vida politica. O 7 de Setembro, outorgado por um rei portuguez, foi um mal. Bem, e grande, seria se em vez de o recebermos de presente, cheios de surpreza, o tivessemos conquistado de armas na mão, depois de longa e sangrenta lucta.

O despotismo de Rosas creou em Montividéo um centro de reacção que não esmoreceu nunca e acabou vencendo a tyrannia.

Ingenieros estuda a função social dessa pleiade fulgurante, os verdadeiros organisadores da Argentina moderna sob as bases unitarias que o maior unitario da Argentina, Juan Manuel de Rosas (que ironia!) lhes deixou.

Foram elles Echeverria, o poeta; Alberdi, o sociologo; Gutierrez, o historiador; Mitre, o grande soldado; Sarmiento, o educador; Lopez e tantos outros menores. Nelles o espirito da revolução permaneceu vivo, *ignis ardens*, e pelo soffrimento, pela paciencia, pelas durezas todas do ostracismo se depurou e se sublimou para a victoria definitiva. "Na hora memoravel de Caseros, convocados para constituir a nacionalidade sonhada no exilio, acudiram todos, com luzes novas, trazendo, cada qual á sua maneira, um raio de sol no cerebro. A proscripção foi a escola da Liberdade."

E Rosas o creador dessa escola. Se suprimiu elle as outras onde se ensinava a ler a cartilha, teve a gloria de crear a unica que tempora e amadurece os grandes caracteres. Isto o ridime da metade dos seus crimes, pelo menos.





O CRIME INUTIL

LUCILO VAREJÃO

CASOU-ME, na verdade, um grande pasmo o casamento do Benicio Gonzaga — aquelle incomensuravel Benicio de quem todos nós tão bem conheciamos as opiniões extravagantes sobre o matrimonio.

Ainda tres annos atrás, em Paris, affirmára-nos elle certa noite, com a sua gordura immensa e o seu immenso horror á virtude, que preferia de bom grado a mais tremenda das mortes á desgraça de vir um dia a ficar preso á graça de uma mulher honesta.

E embora, naquella occasião, o Benicio tivesse na cabeça nada menos de tres garrafas de authentic "Clicquot", embora o relogio marcasse tres horas da manhã e num dos seus divans estivesse adormecida pela fadiga a mais bella das viciosas do Paris alegre, todos acreditávamos que realmente o Benicio falava com a mais admiravel das franquezas.

Ademais tinha elle já seus quarenta e quatro annos, uma calvicie pronunciada, uma obesidade nada recommendavel além duma fortuna de quatro mil contos, que lhe permittiria todos os vicios capazes de fazerem-no esquecer as vantagens e o conforto do casamento, se elle um dia chegasse na verdade a pensar nisso.

— Nem o Benicio — ponderou o Julio de Xáu — com aquelle seu aspecto suino, e aquella sua idade, e sobretudo aquella sua dolorosa experincia da vida, adquirida no contacto diario com o vicio, seria capaz de se metter nessa tremenda aventura a que se chama de casamento.

— ... a menos que — atalhou o Eliseu Claro, outro empedernido solteirão impenitente — a menos que se dispuzesse a fundar uma sociedade a tres...

Estirado numa cadeira, defronte de nós, Benigno, ainda de casaca, ria a bom rir dos nossos dislates. E não havia no seu vasto rosto rasgado, uma só ruga indicadora de desgosto ou de tristeza.

No começo da primavera de 1914, negressámos todos ao Brasil. Erámos sete, brasileiros, e todos do norte.

Ainda me recordo daquella manhã tristonha em que, na "gare" Saint Lazare, lançámos o ultimo olhar para a cidade que acordava. Havia já em tudo um ar de tristeza, como o presentimento da grande desgraça que em breve teria de acontecer. Ainda um instante permanecemos debruçados nos vagons, com os corações oppressos de saudade.

— Até quando, Paris? — gritou o Raul de Mello, unico herdeiro dum grande proprietario de usinas.

— Até para o anno — bradámos todos a uma voz.

Na "gare", ainda illuminada, as nossas ultimas conquistas choramingavam docemente. Um apito rouco, um estremeção repentina, e o comboio foi deixando para traz a cidade onde acabáramos de commetter as maiores loucuras.

Ainda por alguns minutos olhámos no céu cinzento, quasi apagado na nevoa amethysta, o perfil esguio da Torre Eiffel. E só. Tinhamos deixado Paris. Nos nossos corações, agora, só havia a saudade. Sentados todos num compartimento do vagão, não dizíamos uma palavra. Pensavamos, vendo escorrer através do crystal do vagão, a paisagem monotoná e nua, mas seis interminas horas de viagem em comboio, na tristeza do "Cherbourg" e no tédio do "Avon" que nos havia de recambiar á patria. Em Recife ainda outra tristeza. Dos sete vian-dantes apenas eu e o Benicio ficaríamos na cidade. Raul de Mello retornava á sua Alagoas; Julio de Xáu subia para o Ceará. Os outros iriam ainda mais além — para o Pará e para Manáos.

E ainda de nós dois, enquanto Benicio se reinstallaria no seu sumptuoso palacete em Olinda, onde, nos seus ocios de rico, ganharia novas forças para a volta projectada, eu continuaria em Recife, roendo os fundilhos numa pequena repartição publica.

Mas a verdade era que não deixaria de visitar como sempre continuadamente o Benicio. Devia-lhe muitos obsequios, devia-lhe mesmo dinheiro e cada dia me recebia elle mais alegre, mais satisfeito, interessando-se pela minha saúde e pelo meu bem-estar.

Embora a nossa flagrante diferença de idade — pois Benicio era mais velho quinze annos do que eu, havia entre nós tantas affinidades de pensar e de sentir que, se foramos irmãos pelo sangue, não viveríamos em melhor harmonia. E lhes não quero negar que, apesar da gordura disforme do Benicio, e da sua fealdade, e mesmo da sua idade desigual da minha, sempre me pareceu que aquella criatura tinha em si qualquer coisa que fascinava, que empolgava mesmo. Seu modo de falar e de andar, até o corte das suas roupas, tudo n'elle, para mim, era o alvo das minhas aspirações de rapazola pobre. Até suas idéas de celibatismo e que elle tão bem sabia defender, eu as ia aos poucos assimilando para fazel-as depois, diante dos meus amigos, passar por minhas.

Comtudo, uma manhã, fiquei estatelado, quasi em syncope.

Benicio me fizera parar e pozera-me sobre a fragilidade do meu ombro, a sua gordachuda manopla, para dizer-me simplesmente:

— Sabes que me vou casar?

A principio aquillo me pareceu tão fantastico, tão impossivel de se realizar, que sorri.

Mas logo o riso gelou-se-me nos labios. Benicio estava sério e pálido, com uma grande decisão nos olhos fulgentes:

— Não rias, Jorge. Vou casar.

E como eu fizesse uma tremenda cara de espanto:

— Não te admires, meu caro. O homem nunca terá vontade enquanto na terra existir a mulher. E como a mulher existirá sempre na terra, o homem nunca terá vontade.

Eu não dizia nada. Nem, aliás, cousa alguma poderia dizer, se o quizesse

Benicio pegou-me pela mão e puxou-me:

— Anda cá.

Um minuto atravessamos em silencio o longo corredor da casa e entrámos num salão ao fundo que era o bello salão em que o Benicio sempre nos recebia nos dias de seu anniversario. Era uma peça imensa e sumptuosa. Ao longo de todas as paredes estendiam-se enormes colchas da India, dos mais bizarros e imprevistos desenhos. Sobre riquissimos contadores de páu preto, com ferragens, pesados candelabros de prata lavrada pareciam dormir alli uma paz de séculos.

Pelos cantos do salão, onde a luz mal penetrava pela unica janella aberta, arcas negras, de ricas incrustações doiradas, lembravam esquifes em deposito. Um tapete espessissimo abafava-nos os passos. Um cheiro de morte enchia o ambiente. Sempre sentira um grande aperto no coração todas as vezes, aliás bem poucas, em que fôra obrigado a entrar naquelle salão. Era sempre nelle, naquelle scenario propicio á meditação e á tristeza, que Benicio me falava dos seus antepassados e da influencia nefasta que a mulher exercera entre todos elles. Alli mesmo, trinta annos antes, confessara-me elle certa vez, seu pai apunhalara a mulher, numa crise de ciume. No salão contiguo — o da bibliotheca, seu tio, conego da Sé de Olinda, diante dos quinze mil volumes que lá estão, enforcára-se num estante, para não renegar a crença por uma mulher.

E não parava ahi o martyrologio. Seu avô matara a mulher e se mataria depois: dois irmãos de seu avô se haviam batido até á morte por um corpo branco de mulher. E agora, a meio daquelles moveis arves, Benicio fazia-me a descripção do tremendo amôr que o empolgára:

— Sinto-me perdido, meu caro Jorge, completamente perdido. Aquela creatura entrou-me por todos os sentidos entontecendo-me, maltratando-me. E embora saiba que não escaparei á negra fatalidade que pesa sobre os meus, sinto que não posso esquecer a mulher a quem adoro e morrerei de desespero se não a possuir.

Assaltou-me o desejo de lhe perguntar o nome della. Benicio não me deixou realizar o secreto intento. E prosseguiu:

— Faz hoje quatro mezes que os meus olhos se detiveram pela primeira vez no seu perfil. E não exagero se lhe disser que desde esse tempo não posso dormir, não posso comer, não tenho um instante de socego.

Fiz um grande esforço para perguntar-lhe a causa daquella inquietação. Não o amaria a rapariga?

Benicio sorriu com desanimo.

— A outro teria o pudor de confessar as causas multiplas desse meu desespero. A ti, não. E's o meu maior amigo. A rapariga por quem estou apaixonado, com quem hei de me casar se não endoidecerei, a quem hei de matar porque assim o quer a fatalidade, essa rapariga é bonita, é ardente, é mais moça vinte annos do que eu. Além disso foi noiva, meu amigo, noiva dum dos rapazes mais bellos da cidade — o Hemeterio Gonçalves. O que houve entre os dois ninguém o sabe. O certo é que o casamento se acabou de repente. E é isso o que sobretudo me desinquieta, me tortura...

— E quem é essa rapariga? — perguntei alfim.

— Clara Rosal! — repeti levantando-me sem querer.

— Sim, Clara Rosal — reaffirmou Benicio tranquillamente e como que já conformado com aquella desgraça que lhe ia acontecer.

Deixei-me cair de novo no divan. Clara Rosal era então considerada a creatura mais leviana da cidade. Depois de ter arrastado após si a mais sedenta das theorias de admiradores, escolhera quatro ou cinco aos quaes, diziam, concedera todos os favores permittidos por uma rapariga solteira. Posteriormente fôra noiva de Hementio Gonçalves e o casamento tambem se desmanchára da noite para o dia, sem que ninguem soubesse o motivo da ruptura. E agora, á idéa de que iria ser o Benicio, o reparador de todos os provaveis desmandos da rapariga, enchia-me de piedade.

Ainda tentei demovê-lo do triste intuito.

— Mas lembra-te de que és quasi um velho, e sobretudo gasto, doente... As tuas dez ou doze viagens a Paris, estragaram-te por toda a vida. As noitadas desarranjaram-te para sempre a saúde, o "champagne" arruinou-te o estomago, o contacto diario com o amor venal, tornou-te um descrente do amor. Estás assim inutilisado para todos os effeitos.

— Mas por isso mesmo quero casar-me com Clara...

— Não pude conter um riso de piedade.

— Ama-te ella, ao menos? — insisti.

— Assim o parece.

E Benicio tirou do bolso de dentro do seu rico pijama de velludo, uma carta, entregando-m'a. Desdobrei o papel e li:

"Meu caro Senhor Benicio"

"Acceito a proposta que me faz, de ser sua esposa. Creio que se não arrependerá de me haver escolhido. Preciso de me affeiçoiar a alguem. Assim pôde vir pedir-me a meu pae".

"Clara".

No papel levemente violeta, a letra corrêra doce e finamente talhada. Um ingenuo perfume de rosa evolava-se delle.

Devolvi o papel ao Benicio, sem uma palavra. E assim ficâmos um instante, cada qual voltado para dentro de si mesmo, a seguir não sei que trama exquisito do pensamento. Do alto das paredes, das suas molduras custosas, — todos os antepassados de Benicio parecia olharem-no com rancor.

* * *

Uma manhã, quinze dias depois, o vasto palacete de Benicio, em Olinda, recebia pela primeira vez a graça amoral de Clara Rosal.

O casamento se effectuara logo ao amanhecer, no Recife, sem cerimonia, e em tres automoveis chegavamos agora, os mais intimos, para o fausto almoço que o noivo nos offerecia.

Dos companheiros de pandegas do Benicio, sómente eu comparecera. E isso foi motivo para que elle me dissesse:

— A tua presença aqui quer dizer que és o unico amigo em quem confio e a quem permitto a liberdade de visitar-me como sempre.

Agradeci comovido áquella deferencia, mas já resolvido a não mais pôr os pés alli. De resto, somente a presença de Clara Rosal, era o sufficiente para perturbar-me. Jamais conhecera mulher entontecedora. As modas exageradas de que ella usava, aparecendo muita vez quasi núa dentro das mais bizarras e ricas sedas; o fulgor amortecido dos seus olhos pesados de volupia; o contacto avelludado dos seus braços brancos, o perfume entontecedor do seu corpo, attraiam-me como o mais venenoso dos filtros magicos.

Comtudo não me foi muito facil realizar o que desejava. Se por um lado Clara me sagrára desde o primeiro dia o seu bom amigo, Benicio fazia questão absoluta de que o visitasse todos os dias, de que o ajudasse a "vigiar aquelle thesouro".

Mas, com franqueza, nem parecia necessaria tal vigilancia. A transformação de Clara, após o casamento, fôra das mais notaveis. Não mais saíra, não mais quizera receber. Só vivia para Benicio, a quem parecia cada dia querer mais e mais ardenteamente.

E emquanto este parecia nadar em jubilo, assaltava-me a suspeita de haver em tudo aquillo um alarmante mysterio. Teria o Benicio reparado o mal de outro, e aquella amisade de Clara por elle não seria então mais do que uma gratidão? Ou se pervertera o senso daquella rapariga, a ponto de, depois de ter amado um lindo rapaz, se dispuzesse assim a aceitar depois a um quasi velho, obeso, calvo e gasto?

De suposição em suposição, cada qual mais temeraria, andei eu muito tempo sem que pudesse encontrar uma solução satisfactoria. E cada vez mais a harmonia entre os dois parecia augmentar.

Passaram-se assim oito mezes. Passou-se um anno. Clara era a mesma flôr de belleza e de luxuria. Era tão grande a radiação de sua sensualidade que até os menores objectos dir-se-iam adquirir ao seu contacto o dom de fascinar.

No emtanto, uma manhã, entrando inesperadamente na bibliotheca, suprehendi-a a lêr um papel. Quando me viu dobrou-o rapido e escondeu-o no seio.

Por mais que tentasse, naquelle momento, disfarçar a surpresa que me tomou, não o consegui.

Ella tambem ficára de repente pallida, e mal tivera animo de estender-me a mão branca e gelada.

— Por aqui?!

— E' verdade. Vim ver o Benicio.

— O Benicio não está. Mas espere por elle.

Sentei-me. Não sei por que meu coração batia desordenadamente. Ella veiu para mim, devagar, com uma ruga de tristeza na face branca. Estava com um kimono de seda lilás e sob o tecido molle e fino eu sentia o seu corpo palpítante e magnifico, num desejo de amor.

Diante da minha cadeira sentou-se e traçou a perna, numa alaramente desenvoltura.

— Sabe que amo muito o Benicio? — foi logo perguntando-me com um metal de voz que me pareceu cheio de fingimento.

Disse-lhe que sim, que sabia.

Ella sorriu.

— Mas por mais que calcule esse amor, nunca lhe poderá medir a extensão. Amo Benicio como se pode amar a alguem na vida.

Ahi fui eu quem sorriu. Ella fixou-me:

— Não ria. Digo a verdade. Por que o amo não sei, com franqueza. Mas posso-lhe affirmar que o amo tanto que por elle seria capaz de commetter as maiores loucuras.

Estive para abrir a bocca e lhe dizer que não acreditava nas suas palavras. Mas na velha bibliotheca o velho relogio batia nove horas da manhã. Preferi levantar-me. E despedi-me. Ella trouxe-me á porta e ahi, lentamente, deu-me a beijar a mão.

— Então não quer esperar pelo Benicio?

— Vinha vel-o, sómente. Ficará a prosa para outra occasião.

E sahi. Mas na rua mil desencontrados pensamentos embatiam-se-me no cerebro. Por que tivera Clara tantos gestos delicados para comigo, a ponto de me vir trazer á porta? Mêdo de que eu chegasse a

contar a Benicio que a encontrára na bibliotheca, a ler um papel? Desejo vicioso de me fazer tambem seu amante?

Não podia adivinhar. O certo, porém, era que Clara me parecia uma mulher perigosissima. E em casa, já deitado, essa idéa, essa quasi certeza, não me deixou durante longas horas, conciliar a somno.

* * *

No outro dia voltei á casa do Benicio.

Encontrei-o como sempre, soridente e feliz.

Conversámos tranquillamente, durante longo tempo. Como Clara não estivesse presente, relembrámos com saudades varios episodios interessantes das nossas pandegas em Paris.

— Vamos até lá, para o anno? — perguntou-me de repente Benicio, levantando os olhos para mim.

Com a minha rude franqueza confessei-lhe que não podia nem tão cedo, por difficuldades financeiras, retornar á Paris.

Benicio, paternalmente, pôz-me a mão no hombro.

— Mas se sou eu quem te convida...

— Queres então dizer — repisei — que farás por mim todas as despezas da viagem?

— Pois claro. Nem foi outro o meu intuito, ao te convidar. Fiquei um instante confuso.

E Benicio proseguiu:

— Indo commigo a Paris, Jorge, fazes-me até um favor. Um imenso favor. Ando num nervoso de que nem fazes idéa. E para ir sómente com Clara, temo que Paris me acabe de entediar.

— Mas, — porque? — quiz saber.

A testa de Benicio enrugou-se de repente. Lentamente accendeu o charuto que se apagara e começou:

— Creio não ser preciso te repetir, meu grande Jorge, que amo Clara como se pode amar alguem na vida. Quero-a com todo o furor diabolico dum avarento que levou annos a amealhar uma fortuna; e só me parece que a cada passo m'a querem tirar. Por mais que a possúa, que a sinta minha, só me parece que ella vai fugir, que ha alguem, na sombra, trabalhando para arrancar-m'a. Sei que isso, em parte, é excitação nervosa, é ciúme, é apprehensão infundada. Mas, que diabo, é uma cousa maior do que mim mesmo e que me domina.

Nesse momento uma lembrança terrivel atravessou-me o cerebro: a do papel que na vespera eu vira Clara a lér, e que ella, tão pressurosamente escondeu.

Senti um calafrio percorrer-me a espinha dorsal. Mas Benicio proseguia:

— Ademais, como já lhe disse, a Mulher na minha familia, tem sido sempre o elemento da desgraça dos homens. Um homem sequer dos meus antepassados não escapou a essa fatalidade.

Nesse ponto ordenava o meu coração que tentasse demonstrar ao Benicio a inconsistencia das suas convicções. Mas o seu ar era tão compungido que me faltou a coragem para arriscar qualquer palavra. Benicio continuou:

— Não fica ainda nisso. Cada desgraça é sempre annunciadora ao que vai soffrel-a, por um antepassado que já a soffreu. Então não pude conter o riso:

— Pois será possível, Benicio, que tu acredites realmente nisso? Benicio meneou com tristeza a cabeça.

— Não cações, meu caro Jorge. Não são fantasias do meu cerebro, essas cousas que te digo. Vês esses quadros que ahi estão?

E o seu dedo, tremulo, apontava a vasta galeria de retratos que ricamente emmoldurados se enfileiravam por sobre as altas estantes de páu preto:

— Pois bem: no dia em que qualquer retrato desses desabar, posso escrever que Clara me vai trahir. Tem sido sempre assim. Não rias. E' uma verdade, uma allucinante verdade.

Embora tudo aquillo me desse apenas uma immensa vontade dc rir, tive sinceramente pena de Benicio. Como seria possivel que aquelle rapaz, tão alegre, tão folgazão, tão estroina, se houvesse de repente transmudado naquelle homem cheio de superstições, de credices absurdas?

Assim pensando, mais por piedade, animei-o a ir a Paris. Cheguei mesmo a sugerir-lhe a idéa de partirmos logo naquelle mez apezar da guerra que continuava.

Benicio achou razoavel a minha lembrança.

Estava pallido, a vasta fronte aljofrada de suor. Animei-o. Fil-o sorrir. Mas pouco a pouco o pobre recaiu na mesma tristeza.

Por fim, depois de ter ido cautelosamente espiar se vinha alguem, tornou para mim.

— Jorge, sabes que te considero, meu amigo?

— E tudo farei para continuar a merecer a tua amizade — retruquei commovido.

— Pois bem. Dize-me com franqueza. Conheces Hemeterio Gonçalves?

O diabo daquelle nome bateu-me em cheio como uma vergastada. Fechei os olhos, fingindo que remexia as idéas. Afinal fiz que me recordava. Ah! Era verdade. Conhecia-o. Era o tal que fôra noivo de Clara.

Benicio rangeu tristemente os dentes.

— Pois bem, Jorge. Ha mais de um mez que este homem me passa todos os dias por aqui, por defronte da minha casa. Rara é a manhã em que, ao chegar á janella, o não veja. Será possivel que Clara...?

E não poude continuar, afastando o collarinho como se este estivesse a suffocal-o.

Acalmei-o com um gesto. E ajuntei:

— Oh! Benicio! Isso é uma suposição infame e que offende.

Mas Benicio não me attendia.

— E se fosse verdade? — bradava. Se fosse verdade? Porque Clara gostou do Hemeterio. Amou-o mesmo. E só o deixou porque soube que elle tinha uma amante. Quem sabe? Talvez que até acceptasse casar commigo, para se vingar delle. E agora... agora...

— Mas não é possivel — ponderava eu mollemente, do outro lado da meza. Não é possivel.

E Benicio:

— Ora, se é. E'. E se não é, ha de ser. Tu verás. Tu verás. Clara não me ama. Nunca me amou. E' a eterna fatalidade que peza sobre a minha raça.

Mas de repente ficamos hirtos, espavoridos, os cabellos eriçados.

O primeiro dos quadros, o do conego, sinistramente doirado, comecou a se agitar, rangindo, como sacudido por algum braço invisivel.

E de subito despenhou-se sobre a estante, attingiu a ponta da meza junto a que estavamos sentados e foi espedaçar-se no chão.

Devagar a porta rangeu e alguem appareceu. Era Clara.

D'ahi não pude, por mais que procurasse, convencer o Benicio de que havia em tudo aquillo uma simples obra do Accaso.

Não me acreditou e até por fim mostrou-se zangado commigo, pedindo-me para não mais falar-lhe do assumpto. Mas desde esse instante tornou-se taciturno, com um ar evidente de quem se julgava impotente ante o que elle chamava a fatalidade que pesava sobre a sua gente.

E eu, pelo meu lado, fiquei tambem embaraçado em arranjar uma solução para o caso, solução que se me afigurava necessaria e imediata.

Cheguei a pensar em relatar tudo a Clara e pedir-lhe até explicações sobre aquelle mysterioso papel que a apanhara a ler.

Em ultimo caso, pensei, amedrontal-a-ia com a vingança a que o ciume de Benicio, a poderia arrastar e pelo menos haveria de perceber pelo seu semblante, se ella era ou não merecedora das suspeitas do marido.

Por outro lado incitava Benicio a apressar a projectada viagem.

Elle agora, porém, recusava-se terminantemente a viajar. Uma vez chegou a dizer-me:

— Mas p'ra que diabo, afinal, servir-me-á viajar. Clara terá de me enganar. A prova já a tiveste. E tanto faz aqui como lá. Pelo menos acaba-se logo tudo e está prompto.

Esse "acaba-se" atterisou-me. Insisti:

— Mas que pretendes tu dizer com isso, meu amigo? Benicio fixou-me:

Matal-os ambos e matar-me depois.

— Estás doido? — gritei-lhe.

— Doido, eu?! — contestou Benicio.

E soltou uma gargalhada de louco. Depois, com mais calma, voltou a falar:

— Olha, Jorge. De hoje em deante não saes mais d'aqui. Preciso da tua mão amiga.

Acceitei com desgosto o offerecimento. E quando esperava que Clara reparasse naquelle capricho intempestivo do marido, pelo contrario ella achou muito justa aquella lembrança.

— Pelo menos — opinou — o marido se distrahiria mais.

E redobrou para elle de ternuras. Tinha doçuras maternas, carinhos de creança, de forma a já me convencer de que de facto o Benicio tinha apenas um esgotamento nervoso e Clara era na verdade uma creatura honesta.

Quiz o Accaso, porém, que uma manhã, abrindo logo ao accordar, a janella do meu quarto, que deitava para a rua, deparasse de repente com o Hemeterio plantado deante do palacete, a fazer signaes para a janella do quarto de Clara.

Quasi caio, de colera, de horror!

— Que mulher infame! — conclui enojado, encostando discretamente o postigo.

E dispuz-me ahi a preparar uma situação para o Benicio, obrigal-o a abandonar a mulher e convecel-o de que devíamos partir fosse lá para onde fosse.

Mas o Benicio, naquelles dias, andava evidentemente peior, de sorte que me pareceu azado adiar a conversa para mais longe. Todaiva, uma manhã, consegui falar a Clara. Não me pude conter. A colera que me veiu de repente foi tamanha, que as primeiras palavras chegaram a sair-me dos labios, tropezas e confusas:

— Clara! Não é bonito o que v. faz.

— Não é bonito?

— Sim... Se não queria casar com Benicio, não casasse. Mas agora...

— Agora...?

— Agora... a aceitar de novo a corte do Hemeterio...

Ella não deu uma palavra. Dir-se-ia que a indignação por se ver descoberta, era tanta que lhe prendera a voz. E eu insisti:

— Sim... Ainda ante-hontem apanhei o Hemeterio a falar-lhe por acenos. Se o Benicio soubesse disso seria capaz de matal-a. Não o leve á loucura. Tenha pena delle. Não avalia quanto elle a ama.

Mas não pude continuar. Clara chorava, de soluçar. Por fim limpou os olhos, alegrou o rosto com um sorriso forçado e saiu sem nada dizer.

Fiquei só. Mas sentia que das suas molduras, todos os antepassados de Benicio acenavam gestos de desprezo por aquella perfida criatura.

* * *

D'ahi a tres dias, uma noite, no meu quarto, acabava eu de ler "Vie de Jesus" de "Renan", que pela manhã fôra buscar á biblioteca. O relogio marcava meia noite menos dez minutos. Todo o palacete dormia. Apenas, fôra, no ervaçal do jardim, grilhos cantavam docemente.

De repente ouvi como o baque de alguem que saltasse no jardim. Cheguei mesmo a perceber, depois, os passos cautelosos de alguem na areia. Levantei-me instinctivamente e fui como um automato até ao interruptor da luz que torci. Depois, tentei escutar. Nada. Silencio absoluto. Mas pouco a pouco pareceu-me ouvir de novo os passos de alguem, agora mais distintos e menos cautelosos. Passaram por baixo das minhas janellas, afastaram-se para o lado da entrada. Dir-se-iam de alguem que conhecesse a casa. Então, assaltado de repente por uma suspeita terrivel, abri cautelosamente a porta e ia já transpor o corredor, quando notei que uma sombra branca como que escorregava com mil precauções em direcção á escada. Fiquei estatelado. O coração pulsava-me tanto que por vezes tive medo de que lhe ouvissem as pulsacões. Mas lentamente fui acompanhando a sombra. Desci a escada atraz della. Penetrei o saguão da entrada atraz della. No fundo, encostada á vidraça da porta que ficara aberta, sem duvida adrede, outra sombra se desenhava e para quem a primeira sombra se encaminhou. Houve então um longo e repisado resmungar. Sobre o fundo vagamente illuminado, dir-se-ia que uma das sombras tentava por vezes fugir á outra. E o resmungar recomeçava, inintelligivel e arrastado. Não posso descrever o que então senti, por que parara de raciocinar. Só um desejo me dominava quasi: gritar por Benicio, fazer um escandalo. Mas isso seria matal-o ou obrigal-o, talvez, a fazer uma desgraça. E que fazer? Que solução achar para o caso? Pensava eu assim quando de突to o interruptor da luz estalou, o saguão illuminou-se e dois estampidos se ouviram, tão seguidos que se juraria não terem sido despedidos pela mesma arma.

Um grande grito, a queda de um corpo, e vi que Benicio, atraz de mim, parecia um louco. Adeante dois corpos estavam no chão estendidos. E só. Nada mais posso dizer porque me não recordo do que depois se passou. Lembro-me apenas, vagamente, que ainda caminhei para Benicio e lhe tomei o revolver. Mas isso sem uma palavra. Nem minha. Nem delle.

* * *

No outro dia os grandes diarios do Recife relatavam pormenorisadamente o facto. E não quero nem devo negar que fui eu quem atirou á Clara, os adjectivos mais hediondos. Pena era, cheguei a adiantar, que o outro tiro não tivesse attingido como o primeiro attingira seu amante — em pleno coração. A desgraçada apenas recebera uma ferida no braço e desmaiara.

Na mesma noite do crime, Benicio se entregára á prisão. Clara fôra para casa de seus paes. E eu, por minha vez, recolhi-me sob a mais funda e dolorosa das impressões. Estava exgottado, quasi morto.

Comtudo, ainda na manhã seguinte, logo cedo, tive de ir visitar o Benicio. O desgraçado estava como um trapo, mas amparado pela convicção intima de que cumprira com o seu dever de marido ultrajado. Nem outra cousa diziam os jornaes. E até eu proprio, embora sempre me houvesse parecido repugnante uma solução tão violenta, sentia que Benicio tinha a desculpal-o um punhado de ponderosas atenuantes.

Aliás, seus advogados, dois dos mais reputados da cidade, já desbravavam a estrada salvatoria por onde teriam de empurrar o para a rua — a dirimente da privação dos sentidos. E assim, depois da tempestade em que tantos dias nos debateramos, vinha a bonança farta e promissora de compensadoras calmas.

Uma manhã, quasi tres mezes depois da negra tragedia, marcou-se o julgamento de Benicio. E nesse mesmo dia, já de tarde, ao reencontrar em casa, encontrei Clara á minha espera.

— Não pude conter a indignação que me assaltou:

— A senhora, aqui?!

Ella olhou-me com humildade, os olhos razos d'agua. E depois:

— Sim, eu. Admira-se?

— Pois é claro que sim.

E ella, com uma alarmante tranquillidade:

— Procurei-o de preferencia por que sei que é o maior dos meus inimigos. Não negue. E' a maior parte daquellas informações fornecidas aos jornaes, foram dadas pelo senhor. Sei que foi. E por isso mesmo aqui estou para provar-lhe quanto foi injusto a meu respeito.

Eu fazia mil esforços para me conter e não ceder ao impeto de expulsal-a.

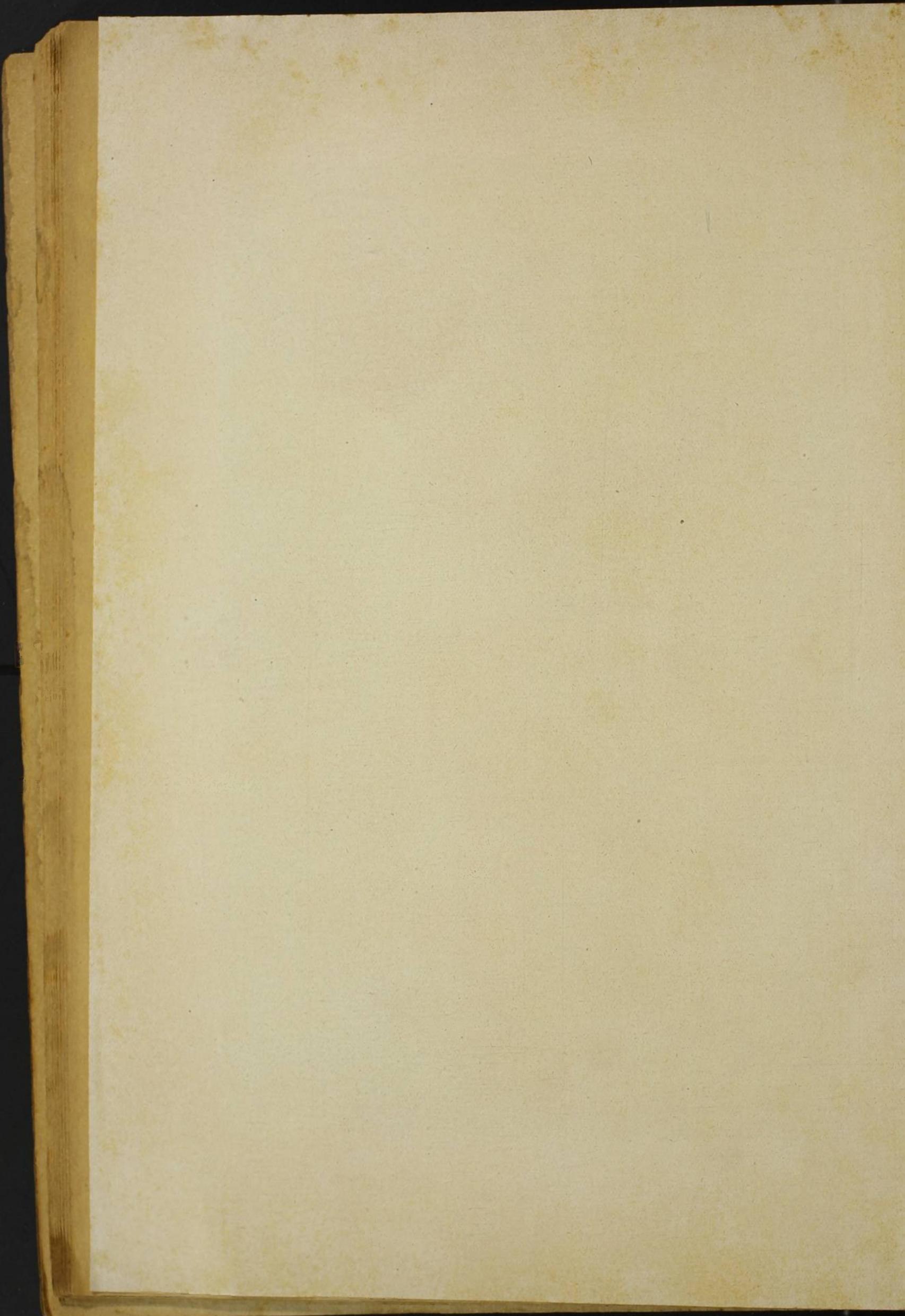
Ella, no emtanto, abria a bolsinha de ouro, tirava um maço de cartas, atado por uma fita rosea.

E antes de desnastrar o laço:

— Não lhe preciso dizer, porque já sabe, que fui moiva de Hemeterio Gonçalves. Quero-lhe confessar apenas, porque não sabe, que amei Hemeterio como alguem já amou na vida. E não lhe devo negar que na convicção de só a elle pertencer concedi-lhe toda a sorte de leviandades. Por estas cartas que aqui estão e que foram todas quantas lhe escrevi, durante o nosso noivado, verá o sr. que fiz por elle as maiores loucuras. Qualquer dellas, não lhe quero esconder, é uma tremenda prova accusatoria á minha dignidade de mulher. Quasi todas dizem os beijos que dei no Hemeterio, e todas as outras fraquezas a que, na exaltação do amor que lhe tinha, cheguei a descer. Mas desde o dia em que tive a prova de que Hemeterio guardava consigo uma outra mulher, tudo que em mim era amor por elle, transmudou-se de subito em odio e em nojo. Aborreci-o, detestei-o com a mesma vertigem com que o amaria. Foi quando então Benicio apareceu e eu o acceitei prompta a amal-o e a ser-lhe fiel, como sempre lhe fui. Mas Hemeterio fôra quem se não conformara com o meu casamento. E como possuia estas cartas planeou com ellas des-



ANGELO CANTÚ — *Retrato da Princesa Izabel*



truir a minha felicidade. Certo dia escreveu-me dizendo-me que as ia entregar ao Benicio. Inutilmente procurei o Hemeterio, inutilmente tentei, por cartas, convencê-lo da baixeza dessa sua decisão. Tudo sem proveito. Em fim, certo dia, recebia uma carta sua marcando-me uma entrevista onde, dizia elle, eu receberia as minhas cartas. Fui. Mas o infame, depois de mostrar-m'as, exigiu cousas que a minha dignidade de mulher honesta para logo repeliu. Voltei como louca. E se contasse tudo a Benicio? — pensei. Mas logo reflecti. Benicio tinha de mim um ciúme tremendo. Não me perdoaria aquellas leviandades a que eu descera. Vivi nessa agonia um anno inteiro. Diariamente escrevia ao Hemeterio, implorando-lhe as cartas. E afinal, no dia em que elle se resolveu a vir entregar-m'as, Benicio nos apanhou e deu-se a desgraça.

Em quanto dizia estas ultimas palavras, a desgraçada tirára da bolsa outro maço de cartas..

— Estas — disse-me ella — são as cartas que depois do meu casamento Hemeterio me escreveu.

E em quanto desdobrava uma dellas:

— Para provar a minha innocencia, se o quizesse, bastaria apresentar esta carta, escripta na propria manhã do dia em que se deu o crime. Tenha a bondade de lê-las. Olhei o papel. Lá estava:

“Clara”

Já me convenci de que nada poderei obter de ti. E's bôa, és pura, és santa e só agora, desgraçadamente, cheguei a reconhecer em ti a grandeza desses sentimentos. Hoje ás onze e meia irei levar-te as cartas. Deixa aberta a grade do saguão. Quero ainda uma vez sentir te junto a mim antes de te perder para sempre.

Hemeterio”.

Por baixo da assignatura estava a data bem clara, sem offerecer duvida.

— Eu poderia — prosseguiu ella quando lhe entreguei a carta —, se quizesse gritar bem alto a minha innocencia, provar que Benicio matou levianamente, malvadamente. Mas isso importaria precisamente na sua condenação. E' preciso que eu continúe a ser, aos olhos de toda a gente, a mulher perjura, a mulher que enganou, por que só assim, o jury absolverá meu marido. E ainda mesmo depois de sua absolvição é preciso que eu continúe a ser a mesma traidora para que elle não venha a morrer de remorsos pelo acto que impensadamente praticou.

E duas lagrimas desceram-lhe docemente pela face.

Lentamente, eu que ainda conservára na cabeça o meu chapéu, descoberi-me sem uma palavra.

E humildemente, cheio de remorsos, varado de dôr, de agonia, de desespero, beijei-lhe a fimbria do vestido de gaze negra.

* * *

Benicio, no emtanto ignorou sempre este incidente. Antes de sahir Clara me fizera ainda jurar que nada diria a elle de tudo isso. E assim cumpri a risca a promessa que lhe fizera.

Um mez depois, Benicio estava em liberdade.

O jury pozera-o na rua por unanimidade de votos. Fui buscal-o á penitenciaria e recordo-me ainda dos novos planos de vida que elle

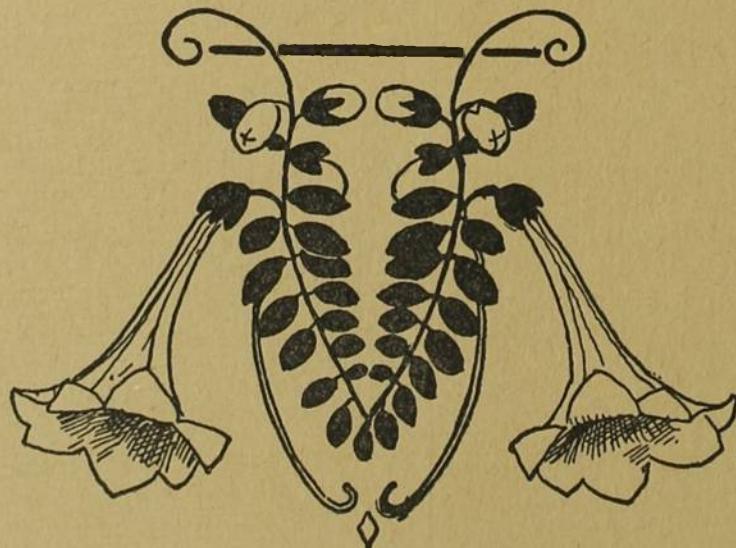
me traçou, em voz alta, enquanto o automovel nos reconduzia á casa que, para nosso provisorio abrigo, eu fizera preparar na Magdalena.

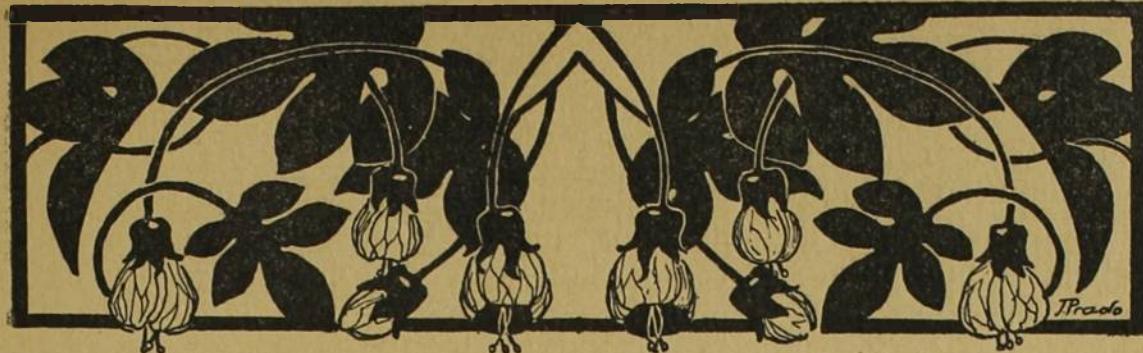
— Agora parto p'ra Europa e para sempre. Nem espero que a guerra termine. Vou assim mesmo. Aquella mulher tornou-me isto aqui insupportavel.

Houve um silencio. O auto corria célere, devorando a distancia. Pelos vidros do "landauiet" eu via escorrer a paizagem docemente illuminada pela luz do entardecer.

E sem querer, comparava mentalmente aquelle egoista a quem a liberdade quasi já restituira á antiga felicidade, desconfiado, orgulhoso, inutil, sem duvida esquecido do crime que praticára, e aquella Clara tão sincera, tão honesta, tão injustamente maltratada no seu pudor de mulher.

E senti a inutilidade do meu esforço em tentar unir de novo aquellas duas almas tão diversas uma da outra como a luz da treva, como o passaro gazil, airoso na sua plumagem e o reptil ignobil que em baixo se preparasse para apanhal-o...





OS DOIS BRASIS

V. COARACY

A independencia dos paizes da America veio trazer ao mundo um novo phenomeno — a formação intensiva das nacionalidades. Não é talvez bem claro o pensamento, assim comprimido na synthese de tres palavras rapidas e pôde ter cabimento que se procure desenvolvê-lo.

Os povos do velho mundo se formaram por uma longa evolução secular, verdadeiro processo de sedimentação em que camadas sobre outras camadas sobrepostas foram assentando, precipitando-se ao fundo da agua-mãe constituida pelas condições mesologicas do *habitat*, cementando-se ás inferiores e destas aspirando, por uma especie de capilaridade social, os elementos, menos densos que pelos intersticios e porosidades da nova massa se infiltraram, persuadindo-a. Assim se formaram esses agglomerados de apparence homogênea que constituem as nacionalidades europeas. São do typo dos concretos hidraulicos, ou, para usar um simile geologico, têm os caracteristicos das formações neptunicas.

Com os povos americanos já o mesmo não sucede. Entrando para a vida autonoma quando a civilização do Velho Mundo attingia já um estadio resultante de seculos de evolução, receberam-na completa, feita, sem ter passado pelos longos e demorados processos de construcção. E com ella receberam o nucleo ethnico, da metropole primitiva, em torno do qual haviam de formar as respectivas nacionalidades. Esse nucleo, porém, era — si apenas quizermos considerar-lhe a quantidade, deixando para outra hora o estudo da quantidade — reduzidissimo em numero, ante a vastidão e potencialidade dos territorios que couberam ás novas nações. Logo de inicio, attrahidos pelas oportunidades e liberdade que os novos paizes offereciam, accorreram forasteiros de espirito aventuroso a addicionar-se áquelle nucleo; ou, em certos

casos — e é o dos portuguezes no Brasil — a corrente inimigratoria permaneceu, em obediencia á lei natural de inercia, como a continuaçao do movimento iniciado nos tempos coloniaes. Mais tarde abriram-se os olhos dos governos americanos á verdade obvia de que para valorizar a riqueza natural dos paizes recentes, para crear recursos economicos sem os quaes a independencia não passaria de simples formula politica, necessario se fazia adensar a populaçao dos amplissimos territorios do novo mundo, pois não seria difficult a um economista descobrir, com a facilidade com que tales descobertas se fazem, um indice para a riqueza nacional no coifficiente de populaçao do respectivo paiz. Por todos os processos compativeis com as circumstancias varias do momento começaram aquelles governos a estimular a corrente immigratoria, a creal-a quando não existisse, a derivar para elles filões das mais heterogeneas nascentes.

Ahi se origina a formação intensiva das nacionalidades, a que atraç me referia.

Esse phenomeno, cuja phase mais intensa é aquella talvez pela qual estamos passando na hora presente, caracterisa-se por oposição ao processo acima descripto a proposito dos povos europeus. Não é mais a sedimentaçao vagarosa e continua pela qual se constituiram aquellas nacionalidades; é uma verdadeira ebuição violenta, não raro perturbada pela adducção de elementos novos. Cada um dos povos americanos é, no momento actual, um legitimo cadiño de fusão em que se caldeiam os mais heterogeneos materiaes ethnicos para a formação dumaraça. Da diversidade dos elementos derivam naturalmente os riscos proprios a todas as fusões desta especie: a assimilaçao incompleta, os enkystamentos, as extractificações, falhas e "bolsas", trazendo como consequencia final a imperfeita homogeneidade da liga resultante e as suas deficiencias quanto á uniformidade e generalização das qualidades.

Si se quizer proseguir com o simile geologico de ainda ha pouco, dir-se-á que se trata aqui dumha formação plutonica, com a sua violencia caracteristica e as originalidades imprevistas das suas erosões dendrimorphicas.

Este o processo geral que se desenvolve na America. Mas soffre, necessariamente, as influencias locaes das condições climatericas, historicas e sociaes dos diversos ambientes, a trazer-lhe modificações na marcha. Ainda é o mesmo processo, como todas as fusões igneas, caracterizado por uma successão de phases diferenciadas. Não se acham todos os povos americanos no mesmo estadio do phenomeno. Certos paizes, como os Estados Unidos, já estão constituidos com caracteristicas proprias, formando nacionalidades definidas. Outros estão em verdadeiro

periodo de elaboração; são substancia social em ebuição, ainda sem ter assentado o typo ethnico final, a ultima expressão da raça.

Naquelle caso o problema, ante as correntes immigratorias, é de assimilação e absorpção. Na segunda hypothese, que é a do Brasil, é ainda necessaria uma fusão completa para constituir um material homogeneo e continuo.

Para não redizer a mesma cousa por outras palavras, aqui repito a que, já em 1917, escrevia:

“Si o problema é dos mais serios — como prova o caso dos americanos de *segunda classe* — na hypothese dos Estados Unidos com as suas caracteristicas definitivamente traçadas, a sua civilização já em pleno periodo febril; facil é ver quanto mais importante não será no caso de nacionalidades que ainda não attingiram aquelle ponto de evolução.

“Paizes como o nosso são officinas em que se está fabricando uma nacionalidade. E o mais solido fundamento desta é a homogeneidade da raça, o que só pôde ser obtido pela inteira, absoluta fusão dos elementos constituintes, dos componentes immigratorios. Tal fusão ha de ser completa, ha de se fazer por todos os aspectos, atacando simultaneamente todos os pontos de radiciação: habitos, idiomas, direitos e deveres, distribuição topographica, tendencias psychologicas, orientação mental... Falhas na constituição duma liga só podem conduzir á formação de nucleos diversificados evoluindo no futuro para differenciações ethnicas que nas occasiões de crises nacionaes podem dar oportunidade a collisões violentas.

“A questão é complexa. Não houve povo ainda que a resolvesse. Nenhuma nacionalidade ha com maior poder de absorpção do que os Estados Unidos. Desde que o individuo põe pé em terras de lá, o “americanismo” assalta-o por todos os lados, envolve-o, afoga-o, invade-o numa osmose energica, delle se apodera e absorve-o. Entretanto, ainda sob taes condições, o problema não deixa lá de existir. Aqui, onde a potencia de absorpção permanece em estado latente, a gestão pôde dum dia para outro assumir caracter de emergencia grave”.

Foram essas linhas escriptas no Rio Grande do Sul e referiam-se a uma questão local, a nucleação dos immigrantes. Aplicam-se, porém, a todo o Brasil Austral. Com effeito, do centro para o sul a injecção de elementos alienos tem sido feita em zonas ou faixas que podem ser claramente demarcadas sobre a carta, com limites definidos e esporadicas insulações duma zona dentro do ambito doutra.

Assim temos, já formadas, a zona italiana, a zona polaca, a zona allemã e agora S. Paulo prepara-se para nos dotar com mais este horror que será a zona amarella, pela constituição dos nu-

cleos de colonização japoneza. Talvez ainda um dia Matto Grosso nos presenteie com a zona negra, augmentando a polychromia da nossa carta ethnographica pela importação de elemento tão indesejavel quanto o nippão: o negro norte-americano.

Esta é, porém, a questão localizada no Brasil do Sul. Si olharmos o Norte, veremos que acolá o processo ethnogenico em desenvolvimento é inteiramente diverso e approxima-se mais do padrão europeu, na sua lenta sedimentação.

A causticidade do clima tropical, a asperidade exigente das industrias extractivas em processos rudimentares, o nomadismo necessário da existencia, a inferioridade economica sobre o Sul, são todos elementos que se integram para de lá desviar o imigrante. Isolado, o Norte vai lentamente, com os recursos proprios e parclos, desenvolvendo a sua economia, em lucta com a hispidez ingrata da natureza inclemente.

Os processos ethnogenicos são antagonicos: ao Sul, o cruzamento; ao Norte, a selecção.

De tal estado de cousas é facil ver-se a consequencia: a evolução para o futuro, dentro do paiz, de duas correntes divergentes, tendendo a formar typos raciaes diversos, duas caracterizações diferentes de nacionalidade, sob a unidade politica. Já diversidades multiplas são manifestas e patentes, do physico do homem ás tendencias do seu espirito, á lingua que fala.

Em qualquer assembléa de brasileiros evidencia-se a distincção entre nortistas e homens do Sul. Aquelles, sob a influencia dos factores climaticos, pelo entrecruzamento em longas gerações, pela porcentagem sensivel de sangue tapuya, pela falta de injecções frequentes do elemento europeu recente, têm criado um typo peculiar, de aspecto physico caracteristico. Si começam a falar, a diferença ainda mais se affirma e impõe, não limitada apenas ao timbre e accento da pronuncia e á phonética das vogaes, mas incidindo sobre o proprio vocabulario, alma e cerne da lingua. Na linguagem escripta, essa diferença não existe ainda; mas quem poderá prever si, com as tendencias regionalistas que andam agora de feição na literatura brasileira, a propria lingua impressa não virá a reflectir essas divergencias e anomalias desparelhadas?

E' este um problema que não pôde deixar de se impôr á attenção e estudo de quantos se interessem pelo futuro da nossa terra e da nossa nacionalidade.

Esse problema, sob o influxo das diversidades mesologicas, já começou a se esboçar no nosso breve regimen feudal, no tempo das capitanias. Talvez um lucido momento de previsão, uma subita intuição politica fosse a causa que levou a metropole portugueza a, uma e outra vez, dividir a colonia em dous gover-

nos geraes, com as respectivas sédes naturalmente indicadas na Bahia e no Rio de Janeiro, a capital do Norte e a capital do Sul.

Após a independencia, sob o regimen imperial de centralização, a divergencia das duas directrizes não se tornou tão manifesta quanto agora nos apparece, com os seus processos plenamente definidos, posta em evidencia pela forma federativa da nossa presente organização politica.

Qual o hyphen de xiphopagia que durante estes quatro seculos e mais tem mantido unidos o Norte e o Sul? Até ha pouco julgava eu que apenas o tenue cordão da unidade politica e historica. Corrigiu-me desse erro o dr. Vicente Licinio Cardoso a quem eu o expunha quando o distincto engenheiro patrício regressava de longa viagem de estudos pelos sertões do Norte. E tão clara é a sua indicação que não resisto ao desejo daqui transcrever, *data venia*, o ponto essencial da carta delle recebida sobre o assumpto.

“O que V. disse a respeito do *processo de selecção* ao Norte e do *processo de cruzamento* ao Sul define perfeitamente o phe-nomeno da formação da nacionalidade em suas linhas geraes. Si tivessemos conversado longamente sobre o assumpto, não estariamos em accordo mais perfeito. A respeito, porém, do cordão umbelical da politica secular que V. viu como elemento basico da união dos “dois irmãos siamezes”, apresso-me em indicar a V. o fructo maximo colhido de minhas observações no Norte. O grande cordão de ligação entre as terras e gentes do Norte e do Sul foi o *Valle do S. Francisco*. Essa a base concreta da ligação completada então, na esphera administrativa, pela união politica a que V. se referiu.

“Hoje estou de facto convencido de que sem esse caminho interior teria sido impossivel a manutenção do todo em sua unidade. Pelo rio desceram paulistas e mineiros que se fixaram nos sertões bahianos; por elle subiram, em epochas diferentes, os missionarios catechizadores (encontrei templos franciscanos e jesuitas em todas as povoações a beira-rio) fixando o gentio, e os bahianos que acossados pelas seccas vieram se fixar no sul. Por tudo isso, nesse grande papel de *vehiculador de populaçao*, a importancia historica do rio S. Francisco é bem maior do que a tem feito accreditar os nossos historiadores. Lembro-me que João Ribeiro tocou nesse assumpto, mas muito mais teria dito sobre elle si tivesse executado a viagem que em boa hora emprehendi. Euclides da Cunha voltou de Canudos pelo rio, mas vinha de tal forma preoccupado com a campanha que não poude comprehender com visão mais larga o grande papel historico desempenhado pelo vale nos seculos XVII e XVIII”.

Ahi está, em poucas linhas mas de forma positiva, apontado o laço concreto que ligados manteve o Norte e o Sul no periodo

que precedeu a independencia, periodo que foi o do descobrimento do nosso interior, a devassa aos sertões, prolongamento logico, natural e lento por força, da epoca dos descobrimentos do littoral.

Foram os seculos XVII e XVIII aquelles em que bandeiras de paulistas e de emboavas e expedições de missionarios e garimpeiros foram explorando a terra, demarcando-a, fixando referencias nas largas vastidões desconhecidas. Um roteiro commun, a facilitar as migrações alternativas, a servir de extensa base de operações para as ousadas investidas pelos sertões bravios, a ser elemento de primordial importancia no nomadismo fatal dos tempos de desbravamento da terra, tinha necessariamente de se tornar laço fortissimo de unidade, mantendo cohesa a nacionalidade incipiente, quando cohesos não se puderam conservar os dominios vizinhos de Hespanha. Soube-o ver com larga visão o dr. Vicente Cardoso ao percorrer o valle que com tanta felicidade qualifica de "vehiculador de populações". Ignoram-no quasi todos os nossos historiadores (1) porque absortos no clangor bellico das guerras, luctas e revoltas do littoral ainda não aprofundaram pormenorizadamente a heroica epopéa silenciosa da conquista dos sertões.

Hoje, porém, já se não faz ao longo do extenso valle, rio abaixo e rio acima, o mesmo intenso transito de antanho. Outras vias de penetração, ligando directamente o littoral ao interior, têm dispensado essa base de operações. O estabelecimento de nucleos de povoação, os interesses commerciaes, as facilidades de intercambio impuzeram novos roteiros, formaram canaes definidos de vehiculação. Já, em relação ás densidades de população ao Norte e ao Sul, não é o trafego ao longo do S. Francisco de intensidade sufficiente para constituir o "laço concreto" a manter unidos os irmãos siamezes. Hoje apenas o atilho politico e administrativo e, mais o que isto talvez, o interesse economico conservam a apparencia de unidade que encobre a formação progressiva de dois Brazis differentes e divergentes.

Para onde tenderá, com o correr dos annos, essa divergencia que já se vae traduzindo na animosidade dos bairrismos e se manifesta na indifferença com que uns aos outros nos ignoramos, brazileiros do Norte e do Sul?

Será possivel paralysar a dissolução progressiva, reestabelecer a unidade, conservar a solidariedade nacional, mantendo a integridade da grande Patria? Ou é fatal a dissociação e a formação futura de duas nacionalidades distinctas, accelerado o movimento centrifugo no momento em que, firmada a autonomia

(1) Que eu saiba, apenas João Ribeiro e Capistrano de Abreu sentiram a importancia historica do S. Francisco.

economica do Norte, este não mais estiver como agora na dependencia financeira do Sul?

A essas interrogações responderão talvez que, activando o intercambio entre os dois Brasis, tenderão a desapparecer as causas de divergencia. E que esse intercambio, não apenas de productos, mas de idéas, de interesses e si possivel de populações só poderá ser estimulado pelas vias de communicacão. Não faltará quem veja, com meridional optismo, na estrada de ferro de Pirapora a Belém a solução completa e radical do problema. Ora, essa estrada, além dum erro technico e muito provavelmente também um erro economico, não virá de forma alguma resolver a questão social e politica que o futuro nos reserva.

Uma via de communicacão não constitue laço de unidade sinão enquanto serve á interpenetração das populações e esta cessou desde que os povoadores se tornaram sedentarios, não mais existente por dispensavel o nomadismo da epoca do desbravamento e conquista. Via de communicacão é o valle de S. Francisco e si mais não serve á vehiculação é que a necessidade desta desappareceu. Não vae a substituição da estrada fluvial franca e economica por uma via ferrea difficult e dispendiosa fazer resurgir uma necesidade morta. Via de communicacão é a navegação costeira, franca, barata e regular, e entretanto não serve para manter entre as populações do proprio littoral mais do que o mero contacto commercial.

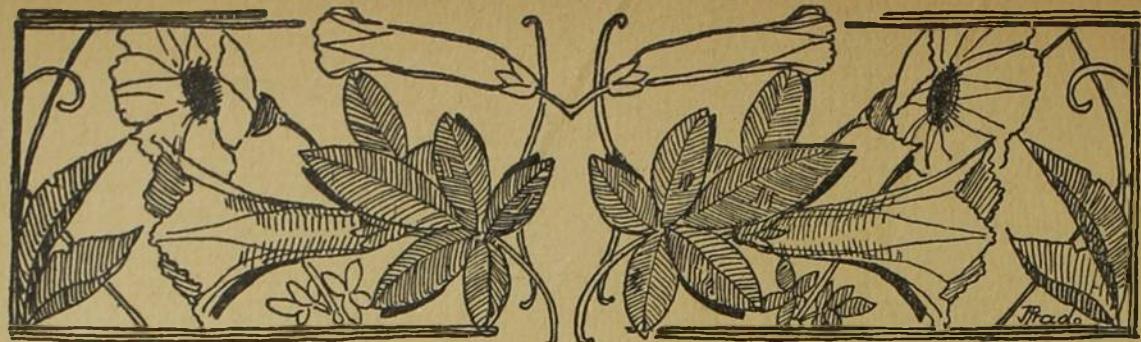
Fermutar-se-ão mais intensamente os productos; seja. Estabelecer-se-á talvez um mais intimo conhecimento ou contacto entre as duas nacionalidades; admittamos. Mas nem a troca de producções, nem o mais frequente contacto poderão modificar as caracterisações que já se firmaram, torcer as directrizes centrifugas já accentuadas.

A maior facilidade de communicacões não resolve a questão.

Tentar introduzir no Norte os processos ethnogenicos que vão fermando o Sul, por uma serie de injecções intensas de elementos transatlanticos, é pueril suggeril-o. As condições mesologicas repudiam o imigrante europeu; quando fosse possivel radical-o, modificações profundas do individuo se fariam manifestas ao termo de poucas gerações.

Estamos em face do accidente dum territorio que se estende por trinta e nove gráos de latitude. Encaremos de frente as consequencias dessa fatalidade geographic a e adaptemo-nos a ellas. Vamos a caminho da desintegração.

O segundo centenario da Independencia será commemorado por dois Brazis distintos, profundamente differenciados, talvez ainda unidos por um laço politico que provavelmente será muito diverso daquelle que ora nos une.



VELHINHA RENDEIRA

JAYME D'ALTAVILLA

*Sentada á porta, encarquilhada,
Com as mãos esguias de faquir,
Branca velhinha na almofada
Emmalha a renda, socegada,
Sem se cançar, sem se affligir.*

*E a renda que possue a alvura
Dos seus cabellos de algodão,
Tem tal finissima urdidura
Que lembra a esgalga contextura
De um arabesco do Japão.*

*Passam a rir, ao sol do estio,
As raparigas do logar,
Mas a velhinha, com o seu fio,
Ouve dos bilros o cicio,
Entre os seus dedos, a bailar.*

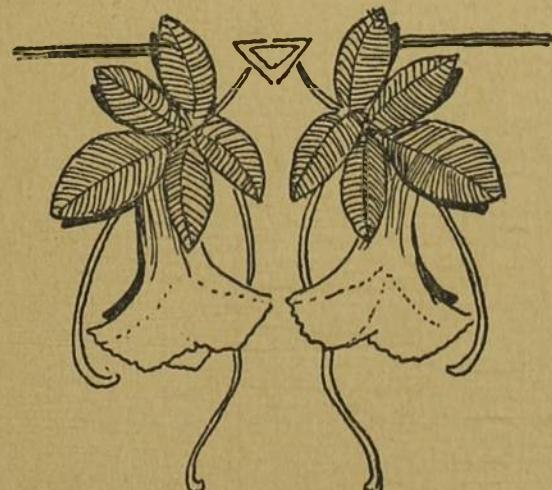
*Os bilros falam do passado
E ella os ouvindo, muita vez,
Esquece a trama do bordado
E ri do logro inesperado
Que o alfinete assim lhe fez.*

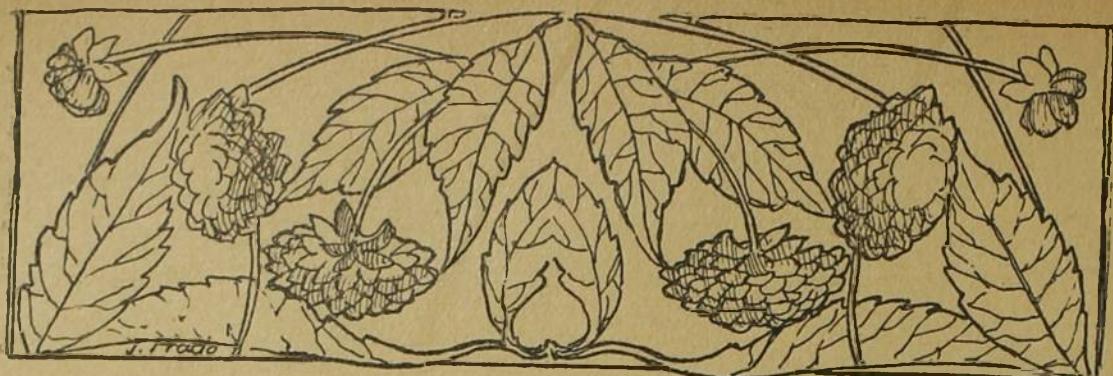
*Já foi feliz, já teve um dia
Uma illusão, um doce amor.
Hoje no olhar tem cinza fria
E si ainda vive é de alegria
De os fios alvos justapor.*

*Tropeiros vão de estrada afóra
Cantando, á luz canicular.
E olhando a longa estrada, agora,
Pensa a velhinha em breve na hora
De a vida e a renda terminar.*

*E assim paciente, bôa e pura,
Com os seus cabellos de algodão,
A meiga e candida creatura
Bem diz a Deus pela ventura
De ter nos bilros a ambição.*

*Como a velhinha sem vaidade,
Quando eu um dia envelhecer,
Rememorando a mocidade,
A renda branca da saudade
Nos versos meus hei de tecer.*





A PHILOSOPHIA NATURAL DO DR. VON IHERING

RODOLPHO VON IHERING

A PÓS 50 annos de estudos, todos elles consagrados á elucidação de problemas de historia natural, o dr. H. von Ihering resolveu tornar publicas as idéas basicas que o orientam no modo de encarar a essencia das cousas: "Phylogenia e Systema dos Molluscos" é o titulo de sua ultima obra, publicada nos Archivos fuer Molluskenkunde (Frankfurt, 1922) e as ultimas paginas, no capitulo "Considerações finaes de philosophia natural" encerram o crédo philosophico do auctor.

Zoólogo de reputação mundial, as suas palavras merecem, além disto, ser ouvidas, porque accrescem duas circumstancias sobre-modo favoraveis para o desenvolvimento de idéas livres de peias e preconceitos. Em primeiro lugar gozou o dr. Ihering de uma iniciação academica perfeita, cursando duas faculdades, de sciencias naturaes e de medicina, com a vantagem, para suas relações com os mestres, de ser filho de collega illustre, de forma a ser discípulo a quem eram dispensadas todas as regalias nos laboratorios de Leukart, Virchow e outros professores celebres — mas logo após, fixando residencia no Brasil, viu-se afastado da influencia directa das escolas em lucta e assim mais facilmente o seu espirito tomou rumo independente. Em segundo lugar, o Brasil lhe proporcionava um campo de estudo muito diverso do de seus collegas europeus: lá não ha naturalistas propriamente ditos, senão zoólogos ou botânicos especialistas, cujas investigações, aprofundadas até o fim da vida, se resentem da estreiteza dos limites

impostos pela especialização. O naturalista no Brasil, ao contrario, não pôde especializar-se e, queira ou não, sua attenção é sollicitada por um sem numero de problemas, que o levam de um extremo ao outro de toda a escala zoologica e ainda a botanica, a mineralogia e geologia se lhe vão tornando familiares.

E claro está que melhor se observa a natureza, prestando attenção tambem ás suas multiplas manifestações, do que restringindo a experientia scientifica a um unico campo limitado.

Ha ainda uma outra circumstancia igualmente favoravel ao desenvolvimento independente das idéas philosophicas: durante os seus 50 annos de investigações e nas centenas de folhetos e livros que publicou, o dr. Ihering nunca se externou claramente no que concerne sua orientação philosophica. Eu mesmo, apezar de ter sido por elle iniciado em zoologia e na dupla convivencia intima de filho e assistente no Museu durante 15 annos, não me posso dizer seu discípulo em philosophia. Mesmo cercando o mestre com a liberdade de filho e a imprudencia de moço, eu não conseguia arrancar-lhe as palavras que definissem claramente a sua posição como philosopho — e se assim procedia para com o filho, muito mais reservado era para com outros e ao escrever. Bem mais facil me foi ouvir os mestres das universidades alemaes, os quaes, como Haeckel, com todo entusiasmo de chefes de escola, avançavam suas idéas e as defendiam com todas as armas.

Não que fosse timorato e que não soubesse defender com coragem os pontos de vista de que estava convencido — basta mencionar a prolongada correspondencia com Ameghino (o notavel scientista do Museo Nacional de Buenos Aires), enormes epistolas que iam e vinham com cerrada argumentação sobre as edades das formações terciarias da Argentina; ou a trabalhosa reunião de documentos com que ainda neste mesmo estudo, ao qual aqui nos referimos, sustenta os seus assertos sobre a phylogenia dos Molluscos. Neste particular é interessante observar que esse trabalho assenta quasi todo elle sobre investigações realizadas já em 1876 a 1880 e agora, tendo recapitulado a respectiva literatura na Stazione Zoologica de Napoles, e vendo que as suas exposições sobre a seriação natural do desenvolvimento dos molluscos encontravam ainda obstaculos para serem aceitas, aos 72 annos não lhe faltou coragem para emprehender a nova revisão de todo o estudo e reaffirmar as suas convicções. E com o mesmo desassombro com que refuta as opiniões contrarias que lhe parecem erradas, confessa os proprios erros, aceitando as modificações impostas pela força dos argumentos.

Mas é justamente ahi que vemos o dr. Ihering trabalhando á sua vontade, em seu elemento, pois nessas discussões pôde elle invocar os dados que resultaram das suas pesquisas, precisar os factos que

observou, esmiuçar os detalhes e depois confrontar e tirar suas conclusões de acordo com os resultados do exame.

* * *

Passemos agora a resumir o capitulo do estudo em questão. Não daremos uma simples traducção, porque o auctor fala principalmente aos leitores da revista para a qual escreveu e assim entra ás vezes em detalhes demasiado malacologicos.

Confessa que não dá para philosophar em torno de idéas vagas e cousas abstractas, e que por conseguinte não é o caso de se attribuir maior valor ao que disser sobre assumptos metaphysicos. Acha porém que denotaria falta de coragem não expôr tambem as conclusões finaes de todos os seus estudos. Chega mesmo a pedir excusas (com simplicidade que denota um certo acanhamento) por incluir tal dissertação em um estudo zoologico.

Ao iniciar a sua carreira scientifica parecia que entre a crença e as sciencias naturaes se erigia uma barreira insuperavel. Abandonando seu primeiro mestre, Leukart, buscou as fileiras de Haeckel e Gegenbauer; mas, apezar das melhores relações com estes chefes de escola, não formava comtudo como soldado destas hostes, onde o crédo do evolucionismo só era admittido quando explicado pelo Darwinismo.

Observe-se que todos os estudos do dr. Ihering encerram documentos que reaffirmam o evolucionismo (ou theoria da descendencia) e o proprio titulo do presente trabalho indica esta orientação; mas repetidas vezes o vemos combatendo o Darwinismo, como ainda aqui o faz, fundamentando sua exposição por meio de varios exemplos.

A variação das especies existe e ella se manifesta tanto em orgãos essenciaes como em detalhes de somenos importancia. Vá que se diga ser um aperfeiçoamento, uma conquista para a lucta pela vida, dotar-se o mollusco de uma concha cada vez mais resistente e mais efficaz como protecção; mas desde que tal abrigo seja completo, em nada adianta ao animal se a variação continua e se a concha passa a ter ornatos e coloridos diversos, pois que o mollusco vive no fundo do mar, no lusco-fusco, e além disto uma epiderme grossa, rugosa, recobre a casca, que só é artistica e linda quando, depois da morte do mollusco, a concha dá á praia e descasca. A propria formação dessa concha não é prova em que se possa estribar o darwinismo. Certo, a concha é util ao mollusco e marca uma etapa no progresso da especie animal; mas desde o aleozoico até hoje as tribus das lesmas e dos vermes se mantiveram, luctando efficazmente pela existencia e nem por terem concha protectora, milhares de especies deixaram de existir.

Aperfeiçoaram-se os hymenopteros adquirindo o agulhão, seu orgão de defesa e util tambem para a captura das prezas. No entanto esse orgão atrophiou-se nas nossas abelhas do matto (Melliponas) e a prova de que os ascendentes eram providos desse apparelho observa-se no embryão, que o traz esboçado. Mas certas especies destas abelhas procuram, novamente, obter meios de defesa, e assim aperfeiçoam outros orgãos que se vão tornando armas uteis (por exemplo: a irapoan já não é tão inerme como a mandassaia). Com auxilio do darwinismo não se explica tal facto, pois não ha "triumpho do mais forte" neste caso da lenta aquisição de um orgão util, que depois é sacrificado como causa indifferente, para mais tarde ir sendo substituido pela adaptação de outro orgão muito menos efficiente.

Se pela lei da sobrevivencia do mais apto se tratasse de alcançar um record de aperfeiçoamento, a selecção não deveria ser assim titubante — progrediria apenas o melhor, e o imprestavel desappareceria. Mas a variação não affecta apenas os orgãos que necessitam de aperfeiçoamento; todo o corpo do animal lhe está sujeito e simultaneamente a variação actua, modificando peças essenciaes e tambem caracteres de nenhuma importancia.

E a variação no seu inicio, como explical-a, a sabor do darwinismo, como sendo obra da selecção natural? Qual o valor funcional de uma concha de mollusco ao ella se esboçar nos primeiros especimens sujeitos a tal variação? Podemos acompanhar o seu desenvolvimento, e isto baseado tanto na comparação dos elementos da serie, apreciando conjunctamente as especies actuaes e as fosseis, bem como servindo-nos das provas fornecidas pela embryologia (lei fundamental biogenetica). Qualquer desses estudos nos demonstra que ha uma perfeita seriação, que ao mesmo tempo representa uma escala evolutiva, ou antes, como se costuma representar o facto graphicamente, ramos com bifurcações e cujas folhas correspondem ás especies da forma hodierna. Acontecendo, porém, muitas vezes, não termos á mão todos os elementos componentes da serie, podemos mui licitamente suppôr que mais cedo ou mais tarde taes documentos serão encontrados, como aliás tantas vezes já tem succedido.

Em todo caso tem-se demonstrado á saciedade, por meio dos mais variados documentos comprobatorios e em toda a escala animal e vegetal, que a theoria da evolução das especies é exacta. O modo, porém, como esta evolução se realiza, ainda não encontrou explicação scientifica acceitavel ou plausivel. O darwinismo (na accepção exacta do termo) é justamente uma tentativa para tal explicação; mas nem ella nem outras theorias mais ou menos analogas resistiram á critica, e portanto representam apenas recordações historicas do affan humano de tudo explicar.

Mas é aqui que se manifesta o espirito de philosopho conformado do dr. Ihering, fazendo suas as expressões de Goethe, quando o principe da poesia allemã diz: "A maior felicidade do homem que pensa é: Ter penetrado o penetravel e calmamente venerar o impenetravel".

Esta consciencia da limitação de nossa intelligencia não o acarreia, e o seu espirito se satisfaz reconhecendo que sua theoria philosophica se approxima em muitos pontos da do padre E. Wasmann (S. J.).

Até aqui, em resumo, as palavras do dr. Ihering.

Estas porém não são bastante claras para que nos dêm certeza a respeito de um aspecto da questão que certamente é o de capital interesse para a maioria dos leitores: A theoria da evolução dos seres applica-se tambem ao homem?

Vejamos se indirectamente chegamos a interpretar-lhe o pensamento. Ihering e Wasmann concordam apenas "em muitos pontos" ("in vieler Hinsicht"). Fixemos primeiro a posição do preclaro jesuita zoólogo (*) e philosopho, citando alguns trechos de sua obra de 1904, traduzida para o italiano: *La Biologia Moderna e la Teoria dell'Evoluzione*.

"Cosicché oggi... si ammette una evoluzione naturale delle forme organiche, applicando la tesi fondamentale che Dio nell'ordine naturale nel quale può operare per mezzo di cause naturali non opera immediatamente. In questo modo la dottrina dell'evoluzione, considerata senza pregiudici ci si presenta oggi quale ultima conseguenza della concezione copernicana del mondo, cui oggi nessuno vorrebbe chiamare anticristiana."

(Considerazioni sulla teoria della evoluzione, pg. 279).

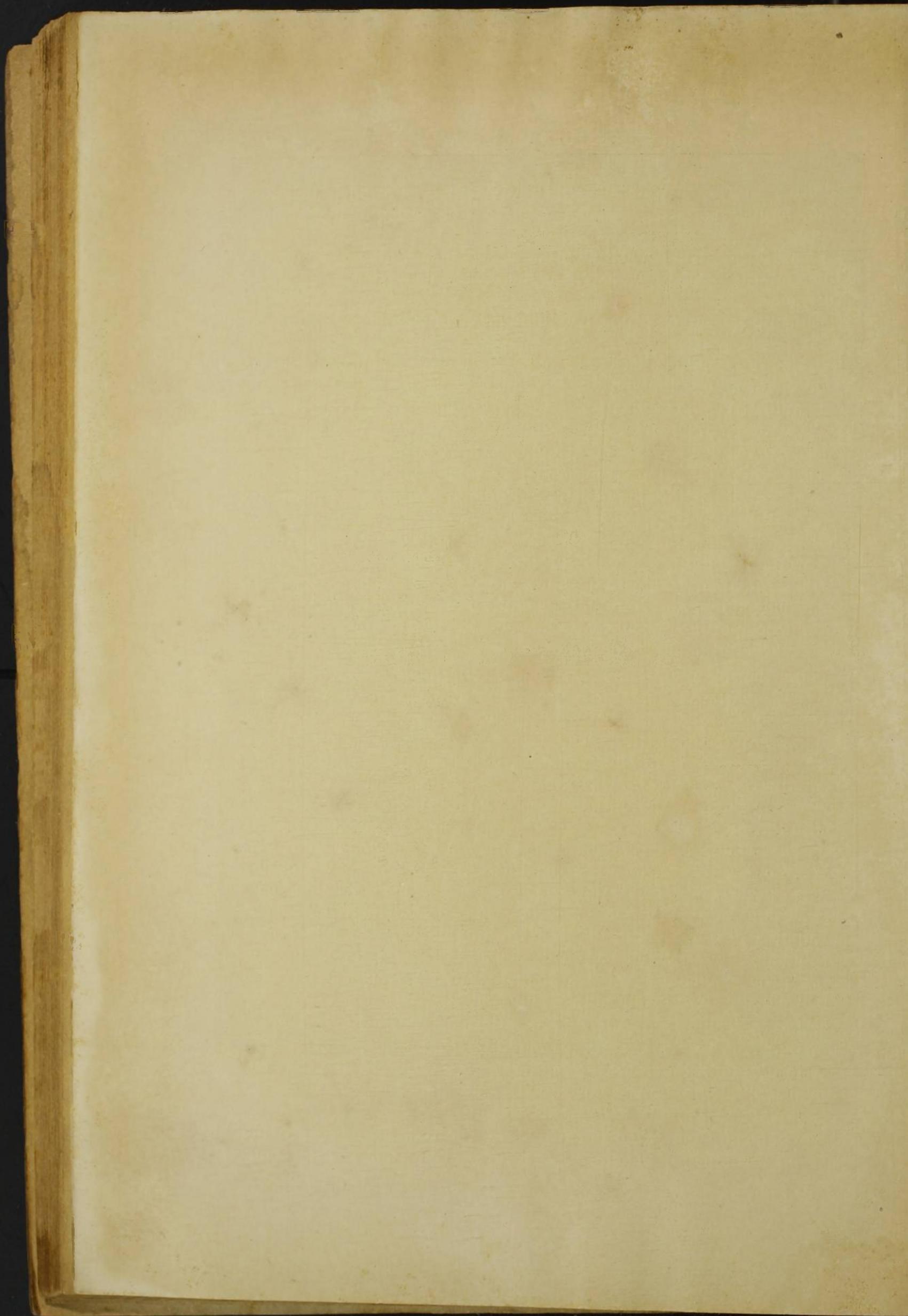
"Per l'abuso che il monismo... ha fatto della teoria della evoluzione, avendola egli utilizzata come arme contro l'odiato teismo, si è formata in varia guisa fra le persone dei partiti conservatori l'idea che l'evoluzione sia una scoperta completamente ateistica e contraria al cristianismo. Noi abbiamo mostrato poco fa che questa interpretazione è erronea ed infondata" (ibid., pg. 281).

"... sembra però forse a parecchi ancora più probabile che Dio nella procreazione del primo uomo, come anche in quella dei rimanenti esseri della natura, si sia servito delle cause naturali, come di quelle che erano atte ad operare per l'origine del primo uomo... La zoologia può ritenere con ragione che l'uomo quanto al suo corpo è il più alto rappresentante della classe

(*) Estamos certos que, escrevendo para leitores brasileiros, o dr. Ihering não deixaria de mencionar que a "Revista do Museu Paulista", quando por elle dirigida, foi honrada com a collaboração deste notável scientista, especializado no estudo dos insectos hospedes das formigas e dos cupins.



ANGELO CANTÚ — *Retrato*



“dei mamiferi; ciò vale anche per lo sviluppo embrionale dell’uomo, il quale si svolge analogamente a quello degli altri mamiferi...”

“La filosofia può anche concedere che non é affatto impossibile un’origine del corpo umano nel senso della teoria dell’evoluzione.”

Conclue porém o ultimo capitulo do volume com as seguintes palavras de J. Reinke:

“Alla dignitá della scienza conviene il dire soltanto che essa sopra l’origine dell’uomo non sa nulla.”

E ainda em advertencia fornecida ao traductor italiano affirma:

“Nessuno adunque ha diritto di citarmi in favore della reale derivazione dell’uomo dagli animali in quanto al corpo...”

Da leitura do ultimo capitulo da obra de Wasmann tem-se a impressão de que o auctor não está longe de admittir a origem da especie humana como sendo analoga á dos outros mammiferos, desde que fique salvaguardada a intervenção divina, inmediata ou mediata, como o requer a interpretação da sagrada Escriptura. Para se adiantar, sente falta, por emquanto, de melhor documentação paleontologica. Comtudo não fará concessão alguma ao materialismo, porque reconhece o homem dotado de alma, a qual o diferencia nitidamente de todos os outros seres.

Von Ihering nunca duvidou da posição zoologica do homem e da sua evolução como verdadeiro primata, e era de se vêr o interesse com que acompanhava os achados paleontologicos de Ameghino. Este, com rara felicidade obteve successivamente varios restos de simios anthropomorphos e, como emerito conhedor de manimiferos fosseis, os classificava, sempre propenso a vêr nos mesmos grande approximação do homem. Ihering, porém, era seu consultor quanto ás edades das camadas geologicas, pois que o Museu de Buenos Aires lhe havia confiado todo o material basico para taes verificações, isto é, os molluscos fosseis. E para imenso pezar do collega argentino, o scientistá de São Paulo sempre levantava ponderosas objecções, que destruiam o valor genealogico dos “Homunculos” e “Prothomunculos”. Collocava a probidade scientifica acima de tudo, mas bem sei o jubilo que lhe teria proporcionado a verificação indiscutivel do homem terciario ou o achado de um authentico “missing-link”.

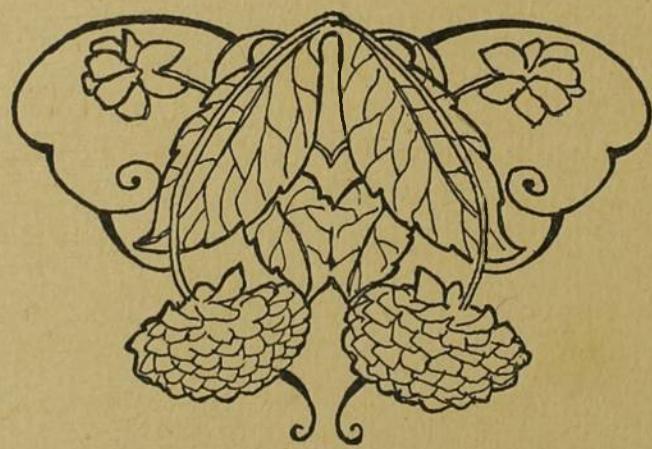
Apezar de um tanto diversa, a posição de Wasmann e Ihering tem em commun a expectativa ou diremos melhor, com relação a este ultimo, a esperança de que a sciencia encontre os documentos paleontologicos necessarios para que fique assinalado cada passo da rota seguida pelos antepassados do homem.

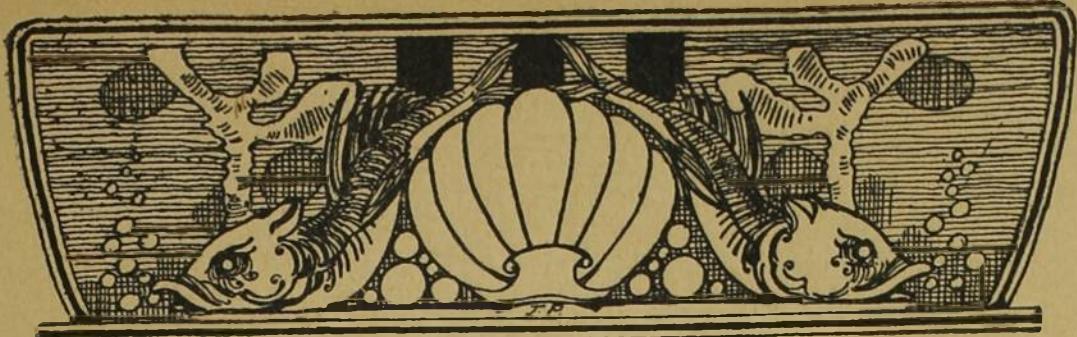
Certamente tem razão quem objecta que tudo isto não satisfaz o espirito humano, ou antes a sua curiosidade; mas é força con-

fessar que ao naturalista assenta bem esta franqueza com que manifesta a sua actual ignorancia, em vista da insufficiencia dos dados de que dispõe para conclusões definitivas.

Finalmente quanto á ultima pergunta que se fará ao naturalista com relação á origem e o fim das cousas em si, elle limita-se ás já citadas palavras de Goethe, accrescentando: "Com a edade "e maior somma de conhecimentos tornou-se-me mais clara a im- "possibilidade de aprehendermos mais do que a exterioridade, do "que o mechanismo do mundo organico, da vida; e assim reporto- "me á sentença de Haller:

"Nenhum espirito creado penetra no
intimo da Natureza".





TRINTA ANNOS

OSCAR BRISOLLA

(A MONTEIRO LOBATO)

I

*Trinta annos a galgar a montanha da vida
como bola atirada á tōa, aos solavancos,
fui cantando, apezar das dôres da subida,
ensanguentando os pés em asperos barrancos.*

*Numa ascenção de sol, de gloria appetecida,
indifferente á chuva e aos barbaros arrancos
da inveja, ia subindo a encosta, a fronte erguida,
para rolar depois pelos rochosos flancos.*

*Eis-me quasi no cimo altivo da montanha,
no cansaço febril de tamanho correr,
ante-sorvendo o fel de uma derrota estranha...*

*Nunca pude attingir a méta ambicionada!
Sempre em mim o desejo ardente de saber...
E afinal — que sei eu? — Miseria... nada... nada...*

II

*Si accaso eu perecer nestes prelios sangrentos,
mortalmente ferido em meus sonhos de artista,
saberei suffocar os meus proprios lamentos
e fazer que minh'alma a taes golpes resista.*

*A miseria social que vejo me contrista:
a injustiça que fere, os sorrisos nevoentos
do venenoso escarneo, a tenebrosa lista
das feias trahições de todos os momentos.*

*Tudo, tudo o que a dôr e as trevas rememora
de sombras a minh'alma extactica povôa,
espancando os clarões puríssimos da aurora...*

*Entretanto reajo e luto com valor:
si ha viboras no mundo, ha muita gente bôa
que propaga e semeia o aureo trigo do amôr.*

III

*Si um a um por accaso os meus sonhos cahirem
aos lategos feraes de rude ventania,
ou como um fragil vaso os mesmos se partirem
á hora do pôr-do-sol, immersos de poesia;*

*si não restar um só dos sonhos que eu possuia,
si tudo me faltar no dia em que fugirem,
afundados na lama e sujos de ironia,
— as dôres sentirei que os miseros sentirem.*

*Mas o chôro, que é o symbolo e a arma da fraqueza,
não virá macular-me as faces doloridas,
imprimindo-lhes côn e sulcos de tristeza...*

*Vencerei a cantar os tôrvos impecilhos:
pois inda guardarei — herança dos vencidos!
o amôr da minha esposa e os beijos dos meus filhos.*

IV

*Si alguma vez o desalento me enfraquece
nus minhas longas caminhadas literarias,
ergo a lyra olvidada e, em soluções de prece,
eu me ponho a cantar as mais sentidas arias.*

*E a coragem de novo ás faces me apparece,
incitando-me á luta heroica contra as varias
especies de reptis — raça espuria e refece —
que envenenam a terra inclemente dos parias.*

*E o calor da justiça, entrando-me nas veias,
misturando-se á luz que me aclara as ideias,
aos meus sonhos lhes dando um caminho diverso,
com novas vibrações nas cordas musicaes
da lyra varonil dos meus santos ideaes,
— vem cantar no meu sangue e viver no meu verso!*

V

*Só — no rochedo exul do meu sonho perfeito —
aos pés a multidão dos necios e malvados,
aperto o coração no seu covil estreito,
ninho outróra feliz de passaros doirados.*

*Acima — o firmamento, os condores ousados,
a luta pelo ideal a que me fiz affeito;
o velho mar bramindo, ameaçador, aos lados,
e, feroz, a rugir, meu coração no peito.*

*Basta! Basta, ó leão indomito e selvagem!
Cala, por piedade, essa canção dorida,
e perdôa, sereno, aos maus, seja onde fôr...*

*Que a inveja aumente a sua negra vassalagem!
Riamos, com desdem, atravessando a vida,
prégando ás multidões o evangelho do amôr!*

VI

*E' a minha Santa Helena este escuro penedo,
cujas grimpas, no horror de uma horrenda tormenta,
rasgam, furiosamente, altivas e sem medo,
a treva que as envolve em luta assaz odienta.*

*Porque impedir que, do alto e sereno rochedo,
a aguia desfira o vôo? O espaço livre a tenta...
Porque ás aves roubar os templos do arvoredo
Como acre vendaval numa furia violenta?*

*Que brama a inveja e ruja a hypocrisia
sobre os velhos degraus de thronos carcomidos,
no meio de imbecis e vãos adoradores!*

*Embora! muito em breve os anjos da Poesia
virão amortalhar os seus heróes cahidos
em chuveiros de sol e petalas de flores!*

VII

*Só? Nunca estive só nas batalhas da vida:
alguem me acompanhava, alguem que se não via,
alma gemea da minha e á minha sempre unida,
e cahindo commigo ás vezes si eu cahia.*

*Não sei quem fosse... A sua luz me protegia,
seu olhar me abençoava a estrada percorrida,
guiando-me através de uma noite sombria,
em busca de uma sombra errante, esmaecida.*

*Eu nunca estive só: perseguem-me cortejos
de duendes, illusões, insaciados desejos
de gloria, de ambição, de sonhos immortaes.*

*Percorri as regiões esplendididas da Historia,
a ouvir, embevecido, os clarins da victoria
chamando á luta e á vida os mortos ideaes.*



VARIANTE CARIOCA DE UM SUBDIALECTO BRASILEIRO

ANTENOR NASCENTES

SYNTAXE

O genio de uma lingua se acha principalmente na syntaxe; por isso tantas difficuldades apresenta esta parte da grammatica.

Ainda é cedo para se fazer a syntaxe do dialecto, como aliás ainda é para se fazer a phonologia e a morphologia, mas nada impede que se accumulem materiaes que mais tarde permittam a construccion do edificio.

Por enquanto as divergencias syntaticas com o portuguez de além mar são grosseiros solecismos que não merecem guarida, mas lembremos de que é assim que se constituem as linguas.

Os solecismos da peninsula iberica, assim como os das outras partes da Romania, conseguiram impôr-se á lingua culta e hoje deixaram de o ser. Outro tanto acontecerá com os nossos num futuro que ninguem pode prever.

A prova da vitalidade que elles já possuem está em que alguns são perpetrados com toda a consciencia pela propria classe culta quando fala despreocupadamente. E' o relaxamento, é o menor esforço, a necessidade de accommodar a expressão á mentalidade da classe inulta e todos nós sabemos quanto é perniciosa a influencia dos maus habitos.

Por conseguinte, tudo é questão de relativismo: o que hoje ainda é erroneo, daqui a seculos será uma linguagem castiça onde por sua vez novos solecismos hão de surgir porque, embora daqui até lá não haja mais analphabetos talvez, sempre haverá uma classe que fale bem e outra que fale menos bem.

A syntaxe do substantivo e a do adjectivo nada de caracteristico por assim dizer nos revela.

Notemos os comparativos duplicados *mais mió*, *mais pió*, *mais maió*, *mais menó*, que teem seu paralelo nas formas *mais superior*, *muito intimo*,

(*) V. numero de janeiro.

melhor boa vontade e outras que a classe culta deixa escapar; explica-se isto pela attenuação da força gradativa nas formas synteticas, de modo que, para sentir o grau, o povo se vê obrigado a lançar mão do analytismo.

Na syntaxe do pronome é que encontramos farta messe.

A flexão casual, que tanto sofreu na passagem do latim para o português, foi acolher-se nos pronomes como ultimo refugio e lá não a deixou em paz a tendencia destruidora popular.

E' um dos brasileirismos mais caracteristicos o uso do pronome em caso recto em vez do caso obliquo: *vi elle, mostrei ella*.

Tal uso se encontra nos mais antigos classicos, conforme mostrou Ruy Barbosa na *Replica*, e até num documento do seculo XIII, razão pela qual muitos não o consideram um brasileirismo e sim um caso de conservação de archaismo.

Outro caso, que também pode ser assim considerado, é o do emprego do pronome *lhe* (*lê*) em função de objecto directo: *eu le vi hontem na rua*.

Esse emprego, corrente também em Goa, tem seu paralelo no hespanhol onde as formas *le* e *lo* servem de objecto directo; encontra-se nos melhores classicos, como bem documentou Sousa da Silveira em seus "Treichos Selectos".

E' naturalissima a explicação delle: assim como os pronomes *me, te* e *se* exercem as duas funções, por analogia *lhe* passou também a exercel-as.

As reduzidas de infinitivo nas quaes aparece a preposição *para* têm o pronome em caso obliquo em vez de *tel-o* em caso recto: *isto para mim levar*. Explica-se: a preposição acarreta a forma obliqua *mim*, por analogia com outras phrases: *isto é para mim, comprei um livro para mim*, de modo que o uso correcto do *eu* passa aos ouvidos do povo como um erro e elle o emenda do modo indicado. E' preciso notar que o povo às vezes procura acertar; vimos muitos casos na phonologia (*velgonha*) e na morphologia (*lêzes*); se erra, a culpa não é delle.

Qualquer que seja a interpretação, que se dê às expressões verbais em que *mandar, deixar, fazer, ver, ouvir*, etc. aparecem com outros verbos no infinitivo, todos concordam em que o pronome deve vir em accusativo: *deixa-o vir* e não *deixa elle vir*, como diz o povo.

Quer na função de sujeito, quer na de objecto, o povo só comprehende a forma tirada do nominativo *ille*; já vimos na morphologia a decadencia da tirada de *illu(m)*.

Muitas vezes aparecem regidas de preposição as formas rectas: *ella quer ir sem EU, entre elle e EU*.

O caso recto é mais emphatico, é mais significativo do que o obliquo.

Aliás, este emprego popular é correctissimo no hespanhol: *entre tú y yo lo arreglaremos* (Academia).

São correntes as construções: *estou muito zangado comsigo, falei muito mal de si*. *Si, comsigo* sendo os reflexivos de terceira pessoa, é incorrecto empregalos em relação á pessoa com quem se fala, mas é preciso notar que também foi incorrecto a principio o uso do verbo, dos pronomes e adjetivos em terceira pessoa, tratando-se de segunda (*você VÊ, você perdeu SEU chapéu*).

O pronome usual de segunda pessoa é *você*, cujas concordancias se fazem na terceira; dahi o emprego de *si, comsigo*, á semelhança de *mim commigo, ti, contigo*. Nos classicos archaicos ha exemplos de *si* não reflexivo.

Em materia de collocação dos pronomes pessoaes obliquos, grande é a divergência entre o falar de Portugal e o do Brasil.

O melhor ponto de vista nos parece ser o de Said Ali que explica phonéticamente o caso.

E' preciso attender á relatividade dos factos; em Portugal, as formas em *e* são atonissimas: *me* = *m'*, *te* = *t'*, *se* = *s'* e no Brasil o *e* final é surdo e ás vezes tem o som de *i* tão pronunciado que chega a ser tonico: *me* = *mi*, *te* = *ti*, *se* = *si*. O tratamento tem de ser differente.

E' communissimo começar o periodo por pronome obliquo (em todas as classes sociaes): *ELLE dá isso*, *ME diga uma coisa*.

A's outras linguas romanicas não repugna este uso; encontramol-o no hespanhol, no italiano, no francez.

A mé collocação em phrases negativas ou começadas por pronome relativo é vulgar (como tambem no portuguez da Asia e da Africa): *Não zangue-se commigo, o homem que suicidou-se hontem*.

Sem lusitanismo podemos dizer que taes phrases ferem os ouvidos das pessoas cultas.

A variação precedendo a negação, apezar de vir bem collocada, desagrada ao ouvido brasileiro: *Elle se não zangou*. Nós dizemos natural e tambem certamente: *Elle não se zangou*.

Repugna ao ouvido da classe culta a collocação do pronome depois do participio passado, facto de que ha exemplos classicos, comquanto raros: *ella tinha sahido-se bem no exame*.

O hespanhol, aliás, tem desses empregos, mas só quando ha dois participios formando tempos compostos e se dá elipse do auxiliar com o segundo participio e quando ha complemento entre o auxiliar e o participio. O italiano tambem tem.

A linguagem usual não emprega as combinações dos pronomes *me*, *te*, *lhe* com os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*: *mo*, *ma*, etc.; diz-se *deu-me* com elipse de *o* e não *deu-mo*.

Não se usam absolutamente no Rio de Janeiro, excepto por affectação, formas verbaes proparoxytonas acompanhadas de dois pronomes encliticos: *dávamo-vo-lo* (Gonçalves Vianna). Com um só existe raramente: *dávamos-lhe*.

Nas expressões constituidas por verbo auxiliar modificativo e infinitivo o pronome deve ser proclítico ao auxiliar (collocação muito ao sabor (portuguez) ou enclítico ao infinitivo (collocação portugueza ou brasileira). Ha, porém, uma collocação genuinamente brasileira, quando o pronome vem entre os dois verbos: *elle pode se zangar*.

Os verbos pronominaes, na classe inulta, apresentam ás vezes dois pronomes obliquos: *ella se casou-se*.

A enclise tira um pouco da força pronominal do verbo; dahi a necessidade do reforço por meio do pronome proclítico.

Nos mesmos verbos o pronome desapparece no participio passado; entretanto, na emphase, usam-no desnecessariamente e ainda o colocam mal: *uma menina chamada-SE Maria*.

Em materia de pronomes pessoas resta-nos tratar da mistura de tratamentos, o que tambem se dá na America hespanhola. São communs dialogos deste jaez: — "VOCÊ foi hontem ao cinema? Não TE vi lá." E' um vestigio da vitalidade do pronome da segunda pessoa.

Na emphase usa o povo o relativo *cujo* em vez de *o qual* para dar mais força. *comeu a banana CUJA banana fez mal a elle*. Este solecismo, commum na linguagem tabelliôa, tambem existe na Hespanha e na America hespanhola.

Nas orações relativas onde *que* representa outra função que não a de sujeito ou objecto directo, em vez de empregal-o com a preposição competente, usam-no sem ella e no fim da oração a empregam com um pronome pessoal: *a pessoa QUE eu falei com ella*, em vez de *a pessoa com que eu falei*.

Isto faz lembrar um pouco a syntaxe ingleza: *the man whom I have spoken of.*

A razão deste facto nos parece ser a seguinte: as funcções normaes do *que* são as de sujeito e objecto directo, de modo que pelo costume o *que* vem iniciando a phrase: *a pessoa que*; devia-se continuar: *falou comigo*, mas o interlocutor quer salientar que foi elle quem falou, por isso continua: *a pessoa que eu falei*; ahi elle sente a necessidade da relação syntactica e para remediar a situação emprega a preposição e o pronome pessoal: *com ella*. Dá-se um cruzamento syntactico que, para o povo, é muito mais facil do que: *a pessoa com que eu falei*.

O povo não sente a duplicidade de *quem*, de modo que depois de *quem* frequentemente usa *que*: *QUEM QUE disse isto?*

Usa-se *qualquer um* e não *um qualquer* como em Portugal.

O interrogativo e exclamativo *o que*, tão condemnado pelos grammaticos, é de uso correntissimo: *o QUE é isso? o que?!*

O professor Carneiro dá a este *o* mera função euphonica.

Ruy Barbosa, que na *Replica* tratou exhaustivamente do assumpto, aponta exemplos de bons escriptores os quaes capitula como descuidos e explica deste modo o solecismo:

"Como nas construções affirmativas o artigo preceda o adjetivo *que*, determinando o objecto, ou individuo, por elle representado, dessas phrases passou facilmente esta syntaxe, em corruptelas do uso vulgar, para as interrogativas. Dahi provavelmente o contagio, que, por inadvertencia, leva, uma ou outra vez, os seus effeitos até á practica dos bons escriptores. Porque de outro modo não seria possivel explicar a exsertia do artigo nessa especie de sentenças, nas quaes a propria natureza della está em antagonismo com aquella função."

O verbo *ter* vai substituindo o verbo *haver* em seu emprego impessoal: *não TEM agua na bica*.

Etymologicamente *haver*, do latim *habere*, significa ter; igual substituição se deu nas linguagens compostas: *tenho amado* por *hei amado*, etc.

Ha exemplos classicos deste solecismo que tambem existe no portuguez asiatico.

O mesmo verbo *haver*, impessoalmente empregado, vai indebitamente para o plural: *houveram casos interessantes naquelle dia*.

Note-se que isto se dá quasi sempre em outras formas que não o presente do indicativo; parece que o singular *ha* está de tal modo crystalizado que resiste á deturpação.

Ruy Barbosa apresenta exemplos classicos desta syntaxe e Ribeiro de Vasconcellos a legitima.

Selecismo igual existe na America hespanhola (Bello); Cuervo explica mui rationalmente o phenomeno: "Nas locuções explicadas é visivel como se foi obscurecendo o sujeito e predominando o accusativo até vir a ser o objecto principal do conceito, ou seja, o sujeito psychologico; dahi que pela tendencia natural a restabelecer a harmonia entre a formula psychologica e a expressão grammatical, se diga... *hubieron fiestas, habían cuatro días*.

Caso analogo se dá com o verbo *fazer*: *FAZEM dois annos que elle esteve aqui*. O mesmo acontece no Chile.

O verbo *chamar*, no sentido de *dar nome*, é usado com a preposição *de*: *chamei elle de feio*. Ha exemplos classicos.

Na conjugação periphrastica usa-se mais o gerundio do que o infinitivo precedido de *a*: *fiquei conversando com elle*. Ha tambem muitos exemplos classicos deste emprego.

O emprego do indicativo nas formas imperativas negativas se explica pela dificuldade que traz ao povo o uso do subjunctivo: *não chora, meu filho.*

O horror que o povo tem ás formas do subjunctivo é tal que frequentemente o leva a substituir o presente e o imperfeito de subjunctivos pelos tempos correspondentes do indicativo: *não quero que elle vai, não queria que elle ia.*

O subjunctivo é menos usado e mais difficult do que o indicativo.

Com os verbos *pagar, gastar, ganhar, aceitar* estão ainda em inteiro uso os participios regulares, como em hespanhol; em compensação, com o verbo *pasmar* se usa quasi sempre o participio contracto: *pasmao*. Numa ronda infantil ficou o regular: *Depois do joelho em terra, Faz a gente ficar pasmada...*

O verbo *matar* tem com o auxiliar *ter* o participio irregular *morto*, por affectação: *eu tinha morto muito passarinho*. Ha exemplos classicos desse emprego.

O collectivo *gente* leva o verbo ás vezes á primeira pessoa do plural: *a gente vamos*, porque, quando a pessoa que fala diz *a gente*, tem em mente a sua pessoa e a dos interlocutores. Igual solecismo ha no sul de Portugal; na lingua antiga o verbo ia para a terceira do plural: *a gente vão*. (L. de V.)

A mesma palavra, assim como o pronome *nós*, na fala da infima classe, em vez do adjectivo, *todo*, recebe o pronome *tudo* porque domina o sentido collectivo: *a gente tudo, nós tudo*.

Os verbos de movimento são construidos com a preposição *em* e não com *a*: *fui NA casa de João*.

E' certo que *em* indica lugar onde e *a* lugar para onde, mas, como provaram Sousa da Silveira e Amadeu Amaral, tal syntaxe se encontra nos melhores classicos e tanto não repugna á indole das linguis novilatinas que, além do latim que usa *in* com accusativo, apparece em linguis românicas: *arrivato in Roma* (Manzoni), *Malbrough s'en va-t' en guerre*.

O caso se explica do seguinte modo: o verbo indica o movimento, a preposição indica o ponto terminal deste movimento, ficando subentendida a direcção.

O mesmo solecismo se encontra em Gôa e em Angola.

Com o verbo *estar* dá-se vacillação entre *a* e *em*, o que tambem se dá em francez, em italiano e em rumeno (Meyer Lübke). Em certas phrases em que os portuguezes usam *a*, os brasileiros usam *em*: *estar á porta, estar á janella*; o *a* portuguez é o *ad* latino, junto de; o *em* brasileiro traz idéa de lugar onde.

Nos objectos indirectos de verbos bitransitivos nota-se a tendencia syntectica de fazer ellipse da preposição, quando o objecto representa pessoa: *pergunta elle, vou contá papai, vou dize mamai*. A razão parece ser esta: o verbo pede objecto directo de coisa e indirecto de pessoa, não ha possibilidade de confusão; dahi o simplificar-se a frase. Este facto faz lembrar os verbos latinos com dois accusativos: *doces pueros grammaticam*.

Nota-se tambem ellipse da preposição em adjunctos adverbiales de lugar: *fui o teatro, vou o cinema*.

O verbo não é absolutamente transitivo, dahi a desnecessidade completa da preposição, como se dá com os adjunctos adverbiales de tempo.

O caso lembra o emprego do accusativo latino com verbos de movimento: *eo rus, Italianam venit*.

Na locução *não deixar de*, que é uma verdadeira litote, o povo sente a attenuação da idéa negativa e a reforça por meio de um segundo *não* expeditivo.

A classe culta diz: *não deixou de fazer*, isto é, não fez. O povo diz sempre: *não deixou de não fazer*.

O phenomeno é romanico: *je crains qu'il NE vienne*.

Attenuação e reforço da negação tambem se notam em outros casos.

O povo diz: *ninguem não vem*, porque sente pouco a idéa negativa de *ninguem*. O caso não é muito de espantar pois em francez *personne* na accepção negativa exige o emprego da negativa *ne*: *PERSONNE N'est sujet à plus de fautes que ceux qui n'agissent que par réflexion* (Vauvernagues apud Floriano Brito).

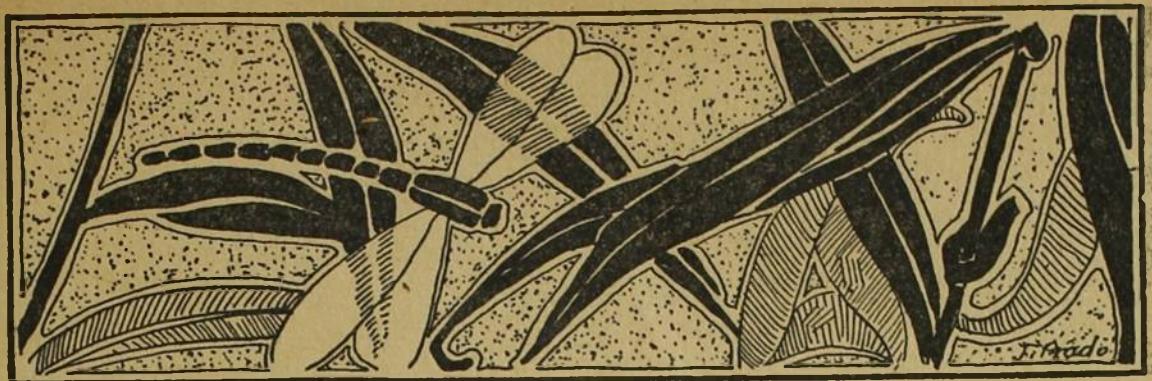
Já vimos na morphologia o caso de *desinfeliz*; o prefixo *in* dá uma negação attenuada, *des* é mais forte, dahi seu emprego que, na lingua culta, viria aíás destruir o efecto de *in*.

O adverbio *meio* por atracção varia de genero e numero, facto de que ha exemplos classicos: *ella está MEIA doente*.

Os adverbios de lugar geralmente seguem o verbo: *elle CÁ está* (Portugal), *está AQUI elle* (Brasil), *tenho vontade de LÁ ir* (Portugal), *tenho vontade de ir LÁ* (Brasil).

(A concluir)





IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES

MIGUEL ARROJADO LISBOA

O geólogo americano I. C. White, como chefe da Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra do Brasil emprehendeu, de 1906 a 1908, o estudo das regiões carboníferas do sul, cujos resultados foram publicados em um volumoso relatório oficial contendo, de sua autoria, a parte relativa ao "Coal Mesures" e rochas associadas, e relatórios do dr. John Clark, Mc. Gregor e David White sobre a fauna devonica e a fauna e a flora permianas. Pela minuciosidade do estudo feito, pela capacidade de I. C. White como especialista e pelas valiosas contribuições que resultaram do trabalho systematico emprehendido, esse "Relatório Final" tem um especial destaque na nossa literatura geológica. Como colaboradores, aqui no paiz, teve I. C. White uma boa turma de engenheiros de Minas da Escola de Ouro Preto: F. Paula Oliveira, Ezebio Oliveira, Cicero Campos e Esdras Seixas; o petrográpho americano Merill descreveu algumas rochas (47).

O relatório White abrange tudo quanto até 1908 viemos a conhecer da faixa permo-carbonífera de S. Paulo ao Rio Grande do Sul, e engloba muitas das observações feitas pela Comissão Geológica de S. Paulo e verbalmente comunicadas a White, como também a contribuição anterior e muito valiosa de Gonzaga de Campos, sobre o "coal mesures" de Santa Catharina (47). Realmente o Relatório final de White, pelos detalhes geológicos que nos revela, dispensa ou invalida toda a literatura anterior relativa ao assumpto (48).

Dessa literatura merecem menção principalmente os trabalhos antigos do dr. Parigot (1841 - 1842), o de Frederico de Vasconcellos Pereira Cabral (1851), os de Carlos Rath (1856) e de Nathaniel Plaut (1869). O rela-

(47) L. F. Gonzaga Campos — Minas de carvão de Tubarão. Rio. 1890.

(48) I. C. White — Relatório sobre o "Coal Measures" e rochas associadas do Sul do Brasil. Rio de Janeiro. Imp. Nac. 1908. pg. 617.

torio de James Johnson de 1861 apresentado ao Visc. de Barbacena é sem valor e de falsas observações, segundo refere Gonzaga de Campos (48).

O dr. Parigot foi quem, por delegação oficial primeiramente estudou o terreno carbonifero em Santa Catharina e depois no Rio Grande do Sul. Foi elle quem então chamou attenção para o engano da indicação de Spix e Martius relativamente a uma supposta formação carbonifera na Bahia e desfez tambem a confusão popular de considerar certos svhetes betuminosos e linhistas, já então assignalados em Alagoas, como carvão (50).

Mas, em toda essa literatura antiga o trabalho mais interessante é o de Frederico A. Vasconcellos Pereira Cabral que estudou, no correr de 1849, a região de Curral Alto e Serro do Roque (Companhia Jacuhy) no Rio Grande do Sul, publicando o seu relatorio em 1851 onde tratou tanto da geologia descriptiva como economica. Este trabalho dá-nos a conhecer um geologo portuguez formado em Coimbra, perfeitamente a par da scien-
cia do seu tempo e da litteratura geologica referente ao Brasil; estudou em seus detalhes esses terrenos carboniferos da vertente esquerda do rio Jacuhy, assignalou as varias camadas, os fosseis vegetaes e discutio va-
rios problemas geologicos e, baseado nas referencias feitas por Pissis nas commentadas na Academia de Sciencias de França por Cordier, Dufreymy e Elie de Beaumont, relativos aos calcareos e schistos bituminosos de S. Paulo, e tambem discutindo os trabalhos de Parrigot em Santa Catha-
rina, correlacionou com grande tino certas camadas de Curral Alto, com as de Tubarão e tambem com aquellas outras de S. Paulo, embora attri-
buisse pelas influencias da epoca, todas elles ao cretaceo ou terciario. O trabalho de Cabral, em 165 paginas, entre as publicações antigas relativas a nossa geologia, é um dos mais suggestivos de serem lidos (51).

Carlos Rath em 1865 publicou parte dos estudos detalhados dos terrenos com carvão em S. Paulo, mas, foi Nathaniel Plaut quem primeiramente fixou com evidencia paleontologica em 1869 a idade das camadas carboniferas do Sul, cujos fosseis foram estudados então por Carruthers.

Hartt, em 1876, percorreu a região de Tubarão e fez varias secções e observações geologicas, mas, o seu trabalho ficou até hoje inedito (49).

As contribuições scientificas mais modernas que permittiram ainda melhor firmar a idade das camadas carboniferas e differencial-as dos outros sedimentos, inclusive do devoniano, foram as de Derby em 1878 e 1883 sobre o terreno devoniano e carbonifero do Paraná (53), os de Cope (1887), o de S. Woodward e Geinitz, 1897-1900 sobre o *stereosternum*, que fixaram definitivamente a idade dos respectivos terrenos paleontologicamente. Os de Renauld, em 1890, tratam da flóra fossil de S. Paulo e sobretudo os de Zeiler, em 1895 e 1898, que constituem uma das mais notaveis contribuições paleontologicas relativas ao permo-carbonifero, pela delimitação que estabeleceu para os dois typos da flora do norte e do sul (54).

(49) Veja-se: *Gonzaga Campos* — Minas de carvão de Tubarão.

(50) *Julio Parigot* — Minas de carvão de Pedra de Santa Catharina. Rio. 1841. 12 pgs. — Memoria sobre as minas de carvão de pedra no Brasil. Rio, 1841. 30 pgs. — Memoria terceira, etc. 1842.

(51) *Fred. A. de Vasc. Pereira Cabral* — Memoria geologica sobre os terrenos de Curral-Alto e Serro do Roque, na Província de S. Pedro do Sul, Porto Alegre, 1851. 162 pgs.

(52) *Orville A. Derby* — Geologia da região diamantifera da Província do Paraná. *Arch. Mus. Nac. do Rio de Janeiro*. III. 1878. pgs. 89-96. — Os terrenos carboniferos das Provs. de S. Paulo e Paraná. *Rev. Eng.* V. 1893.

(53) *E. D. Cope* — A contribution to the vertebrate paleontology of Brasil. *Proceedings of the Amer. Psilos. Society*. XXIII. 1886. — The carboniferous genus *Ste-
reosternum*, *Amer. Natura*. XXI. 1907.

(54) *R. Zeiller* — Note sur la flore fússile des gisements houillers de Rio Grande du Sud. *Bul. Soc. Geol. de France*. XXIII.

A exploração de Gonzaga de Campos, realizada em 1890, precedeu a de White de dezesseis annos e o seu relatorio regista as melhores observações de detalhe, relativas ás camadas carboniferas, conhecidas até a publicação do "Relatorio Final" do geologo americano. Gonzaga procurou então já estabelecer que a faixa carbonifera de Tubarão era um prolongamento da do Rio Grande do Sul (47).

O reconhecimento geologico de substancias bituminosas, feito pelo mesmo autor, em 1902, na bacia do rio Marahú, ainda contém valiosos dados relativos á occorrecia geologica e composição chimica dessas camadas schistosas da Bahia, já ahi estudadas anteriormente, e em Alagoas e Sergipe principalmente por J. C. Branner, em 1901.

Em seu relatorio I. C. White não somente faz o exame detalhado das diferentes séries geologicas correlaccionadas com as jazidas de carvão, mas tambem estuda estas ultimas com grandes detalhes extractigraphicos baseando-se em observações paleontologicas. Elle constituiu assim o que chamou o Systema de Santa Catharina, dividido em tres series que denominou respectivamente de baixo para cima, series de Tubarão, Passa Dois e S. Bento, incluindo o carvão naquellea primeira e sendo esta ultima triassica; identificou com segurança o "coal mesures", reconheceu o conglomerato glacial e correlacionou assim o sistema de Santa Catharina com o Systema Karroo, — com omissão porém da serie de Beauford — o que corroborou as presumpções de anteriores geologos e deu forte plausibilidade á existencia da terra Gondowanda de Suess.

A contribuição de David White sobre a flora fossil, publicada no mesmo volume e em annexo, tem um grande alcance e completa os estudos de Zeiler pelo reconhecimento de uma flora typica caracteristica do Gondouanda inferior; Woodward descreveu ainda no mesmo volume um novo reptil, o "Scaphonix fischeri", que foi considerado o primeiro fossil sul-americano pertencente indubitavelmente á fauna do continente Gondouana, mas quanto á sua proveniencia das camadas do Rio do Rasto é ponto ainda controverso.

Duas explorações emprehendidas pelo autor destas linhas ao interior do paiz, em 1905 e 1907, deram-lhe a oportunidade de observar alguns factos de interesse geologico. Da primeira, realizada na bacia do S. Francisco, resultou a observação ainda não feita, aqui, da occorrecia de seixos facetados e a presumpção da existencia do terreno permo-carbonifero no centro de Minas (55). Com a segunda exploração, feita a cavallo, de Baurú, em S. Paulo, á fronteira da Bolivia em Corumbá, juntamente com a Comissão Schnoor, ficou delineada em seus traços geraes a geologia do sul de Matto Grosso e correlacionadas as camadas geologicas em um quadro synoptico, além de reconhecida em detalhe a geologia do trajecto (56).

A exploração de Euzebio de Oliveira que fez parte da expedição Roosevelt-Rondon, em 1914, permitiu o reconhecimento da geologia geral a Oeste e ao Norte desse Estado e o quadro das formações geologicas inserido no texto que acompanha o mappa de Branner, confeccionado pelo autor do presente escripto, resume a situação dos conhecimentos geologicos do grande Estado do Oeste brasileiro.

Com a installação do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, no Rio, em 1907, conseguiu Derby aqui reunir os seus antigos collaboradores de S. Paulo, o Prof. Eugenio Hussak, Gonzaga de Campos, F. de Paula Oliveira e H. Williams e a estes juntar mais tres novos geologos, Roderic Grandall, discípulo e assistente de Branner na sua ultima expedição á

(55) Arrojado Lisboa — Os seixos facetados do planalto central do Brasil.

(56) Arrojado Lisboa — Oeste de S. Paulo. Sul de Matto Grosso.

Bahia, Euzebio de Paula Oliveira e Cicero de Campos, da Escola de Ouro Preto.

O Serviço Federal iniciou um reconhecimento geral geológico na Bahia e no nordeste semi-arido, levado a effeito por Grandell, mas os resultados não vieram a publicidade.

A iniciativa desses estudos se deve ao Prof. Branner que, em 1907, promoveu a sua custa mais uma expedição ao Brasil, para completar os seus estudos anteriores da geologia de Sergipe e Alagoas e investigar principalmente quanto á occurrence e distribuição dos carbonados da Bahia.

Nessa expedição reconheceu Branner uma área diamantífera bem mais extensa que a suposta e assinalou a occurrence de um calcareo de formação moderna bem como tornou conhecida a existencia de jazidas de manganez na Bahia (57). Foi para completar esses estudos que Frederic Grandell ficou agregado ao Serviço Geológico Federal, onde firmou as suas qualidades de operoso e atilado observador.

Na exploração em que o autor destas linhas levou a effeito, por conta do Serviço Geológico Federal, em 1909, nos Estados do Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará e Goyaz, foi assinalada a existencia indubitável do permo-carbonífero no norte do Brasil e reconhecida a sua occurrence por grandes áreas do Piauhy, Maranhão e Goyaz até Natividade, no alto Tocantins.

A descoberta de inúmeras localidades fossilíferas permitiu que fossem recolhidos vários exemplares de fosseis vegetais, inclusive de fetos arborecentes, ficando assim confirmada a inteira probabilidade da origem nortista do "Psaronius brasiliensis", descripto por Brongniard em 1872, quando o imperador D. Pedro II fez a sua celebre visita á Academia de Ciencias, e que fôra levado á Europa por Martius.

Os resultados dessa exploração foram apenas em parte e resumidamente publicados (58), mas, ficou assinalado o grande desenvolvimento da formação permo-carbonífera no Brasil e sugerida a provável ligação da formação do norte, continuamente, através dos Estados da Bahia e Minas Geraes, com a do Sul, já reconhecida das divisas de S. Paulo ao Uruguai. Pelourde publicou uma nota sobre um novo fossil, o "Psaronius arrojadoi", característico do permo-carbonífero do Maranhão e Piauhy (59).

O estudo das jazidas de ferro em Minas, levado a effeito por Gonzaga, o das jazidas de Diamante que o petrográpho alemão Rienann fez em continuação aos de Hussak, e o prosseguimento dos trabalhos geológicos na região carbonífera constituem as iniciativas mais importantes do Serviço Geológico, levadas a effeito no centro e no sul do paiz. O resumo do trabalho de Gonzaga relativo ao ferro ficou incorporado ao que Derby publicou para o Congresso de Stockolmo em 1910 (60); o de Riemann foi publicado parcialmente em alemão e sahio uma nota em português e os de Euzebio de Oliveira constam de publicações oficiais do Serviço (61).

Merece aqui referência especial o trabalho geológico de C. H. Harder, assistente do Prof. Leith, que veio ao Brasil em 1911, especialmente es-

(57) J. C. Branner — Geology of Serra do Mulato. *Amer. Journal of Science*. 4th series. Vol. XXX. Oct. 1910. — The Tombador escarpment. *Idem*. Nov. 1910. — The aggraded limestone plains of the interior of Bahia and the climate changes suggested by them. *Bul. Geol. Soc. of Amer.* Vol. 21, 1911. — The Estancia Beds of Bahia, Sergipe and Alagoas. *Amer. Journal of Science*. 4.^a ser. Vol. XXXV. Jun. 1913.

(58) Arrojado Lisboa — The Permian Geology of Northern Brazilian. *American Journal of Science*. May 1914. pgs. 425-443.

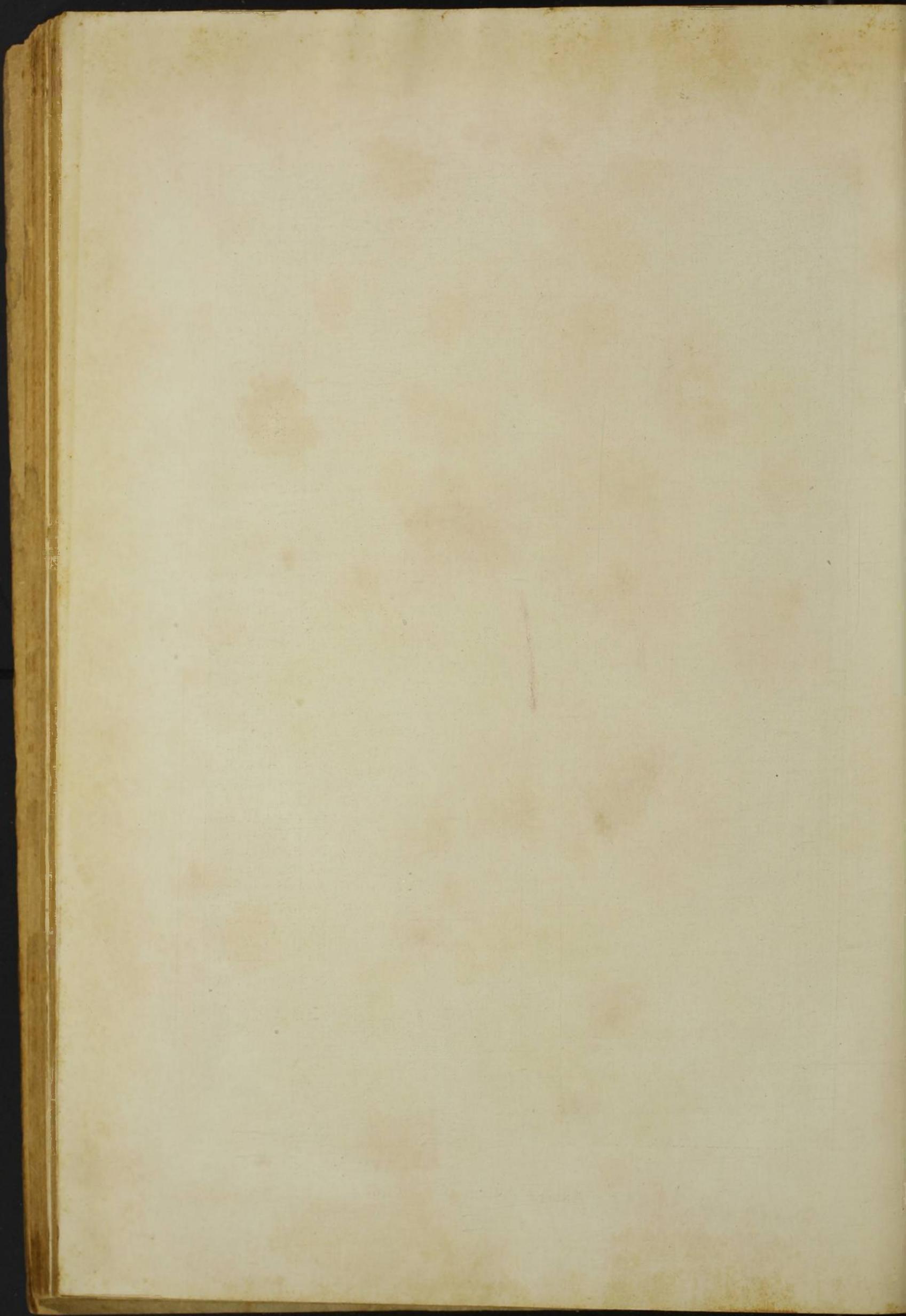
(59) F. Pelourde — A propos des Psaroniées du Brasil. *Comptes Rendus de l'As- soc. franc. pour l'avanc. des Scienc.* 1914. pgs. 442-445.

(60) Orville A. Derby.

(61) Euzebio de Oliveira — Regiões carboníferas dos Estados do Sul. *Serviço Geol. e Min. do Brasil*. Rio de Janeiro. 1918. pgs. 125.

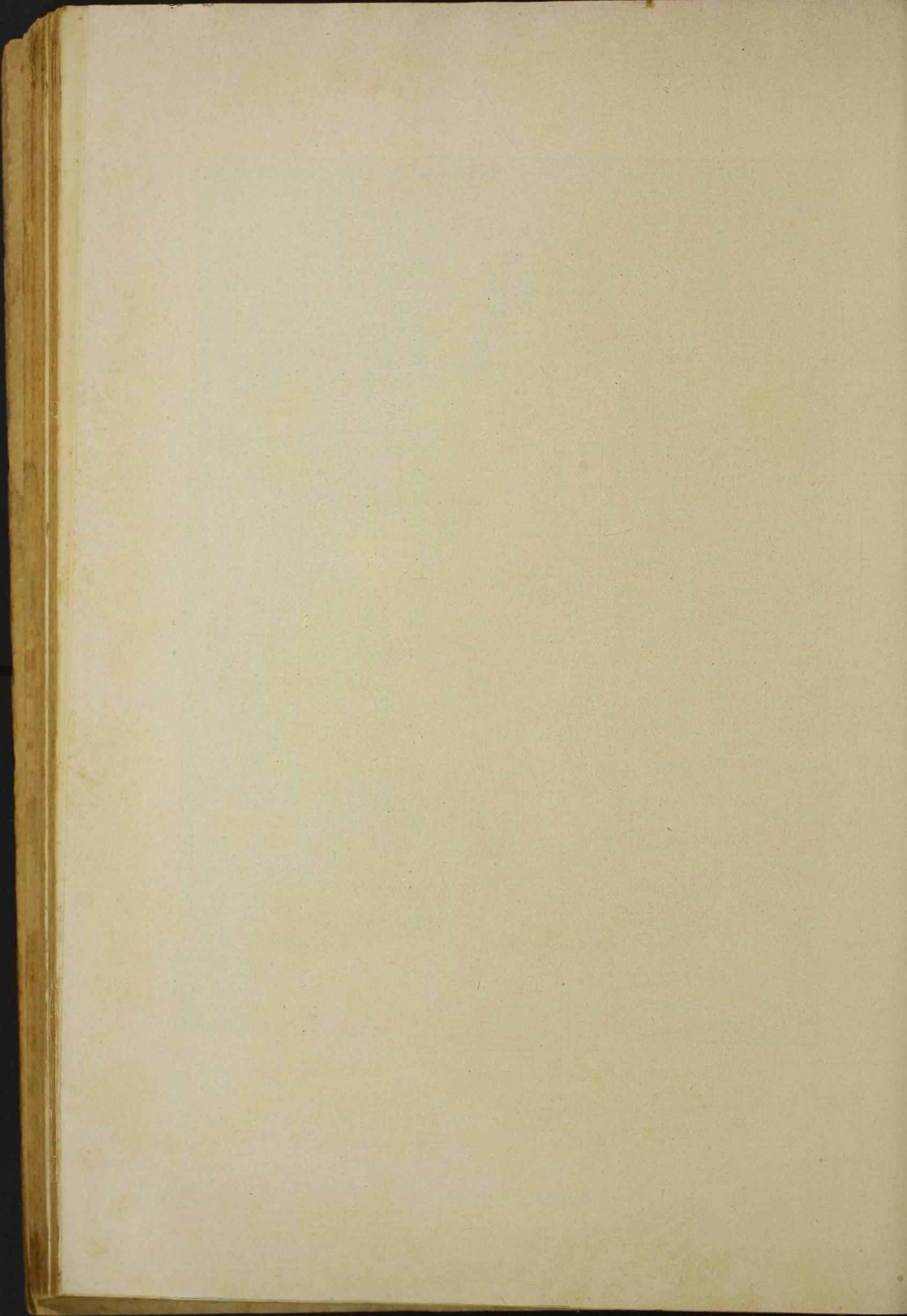


ANGELO CANTÚ — *Retrato*





ANGELO CANTÚ — *Retrato*



tudar as jazidas de ferro de Minas Geraes. Os resultados geologicos dessa exploração foram publicados de 1911 a 1915, por Leitz, C. H. Harder e Chamberlin (62) e o estudo detalhado que tiveram de fazer das jazidas da Serra do Espinhaço, permitti que se esclarecessem muitas das relações estructuraes das rochas tão metamorphoseadas dessa região central de Minas, e facilitou a sua classificação provisoria em series até que se venha a descobrir evidencia paleontologica.

A Inspectoria de Obras contra as Seccas, installada em 1909, sob a direcção do autor deste escripto, iniciou um trabalho systematico para o conhecimento das condições physicas do nordeste brasileiro abrangendo uma grande parte do Estado da Bahia e os Estados situados ao Norte, desde Sergipe a Pernambuco até o Piauhy inclusive. Com o levantamento cartographico expedito fez-se tambem o reconhecimento geral geologico de todo paiz semi-arido e em pouco tempo, de terra quasi incognita em seus aspectos physicos como era, tornou-se uma região bem conhecida.

Ao começo, foram, tanto o serviço cartographico como o geologico, iniciados em collaboração com o Serviço Geologico Federal, mas passaram logo depois a serem executados exclusivamente pela Inspectoria de Secas. Roderie Grandall e Horacee Williams executaram para a Inspectoria as cartas physicas, tanto a pluviometrica como a psycometrica, e aquelle fez o primeiro reconhecimento geral geologico dos Estados do Ceará, da Parahyba e do Rio Grande do Norte, que consignou na publicação n.º 4 da Inspectoria sob o titulo "Geographia Geologica, Suprimento d'agua, Transportes e Açudagem" (63). Quatro series de rochas foram discriminadas na area interior dos tres Estados, o complexo fundamental, a serie schistos argilosos antigos com quatitos arenitos e calcareos, que Crandall denominou serie do Ceará, a serie cretacea e os depositos lacustres e calcareos recentes. Em um mappa geologico dos tres Estados, por Crandall e H. Williams, na escala de 1 para 3.000.000, ficou consignada a distribuição dessas quatro series geologicas e as occurrences das rochas graniticas.

Em trabalhos posteriores H. Small, continuou o estudo do permo-carbonifero no Piauhy juntando as occurrences dos "Psaronius" anteriormente assinalados á de uma "Sigilaria" (64). Os relatorios de Small e os de Soper (65) consignam uma serie de observações de detalhe relativas á geologia dos Estados do Nordeste e a do Sergipe e Bahia, como os de Waring ocupam-se especialmente das condições de suprimento d'agua.

A "Expedição Stanford" ao Brasil em 1911, chefiada por Branner, tinha por objecto o estudo de certos problemas geologicos e biologicos da costa do Brasil, em relação com a saída da corrente volumosa do Amazonas no oceano, e embora não attingido o fim em vista, devido a diffi- cultades de navegação, foram feitas varias observações geographicas e geologicas no Rio Grande do Norte, por Jenkins, e por Branner no Ceará, na Bahia, em Sergipe e Alagoas. Um dos resultados mais interessantes foi a determinação por David White de uma planta fossil do genero "Alethopteris" pertencente provavelmente ao terreno carbonifero e reco-

(62) C. K. heith and C. H. Harder — Hematite ores of Brazil and a comparasion with hematite ore of hake Superior. *Economic Geology*. Vol. VI. 1911.

C. H. Harder e Chamberlain — Geology of Central Minas Geraes. Brasil. *Journal of Geol.* Vol. XXIII. 1915.

(63) Roderic Crandall — Publicação n.º 4. Serie S. D. E. da Inspectoria de Obras contra as Seccas. Rio. 1910.

(64) H. Small — Geologia e suprimento d'agua no Piauhy e parte do Ceará. Publ. n.º 32 da I. O. c. Seccas. 147 pgs. 1914.

(65) R. H. Soper — Geologia e supr. d'agua no Rio Grande do Norte e na Parahyba. Publ. n.º 26 de I. O. c. Seccas. — Idem no Sergipe e na Bahia. Publ. n.º 34 da I. O. c. Seccas. Julho 1914.

lhida em Aracy, na Bahia. O prof. Zeiller, em Pariz, já havia reconhecido o genero em amostras que o autor deste escripto lhe apresentara pessoalmente, mas a primeira descripção publicada é de White que dedicou a especie ao dr. Branner (66). O trabalho de Branner relativo á serie que denominou da Estancia (67) e que ocorre no nordeste da Bahia, em Sergipe e Alagoas, por uma grande superficie merece especial referencia por alargar ainda mais a area já reconhecida da serie do permo-carbonifero no Brasil, que constitue realmente a serie brasileira por excellencia, como já muito anteriormente previra o autor deste escripto (68).

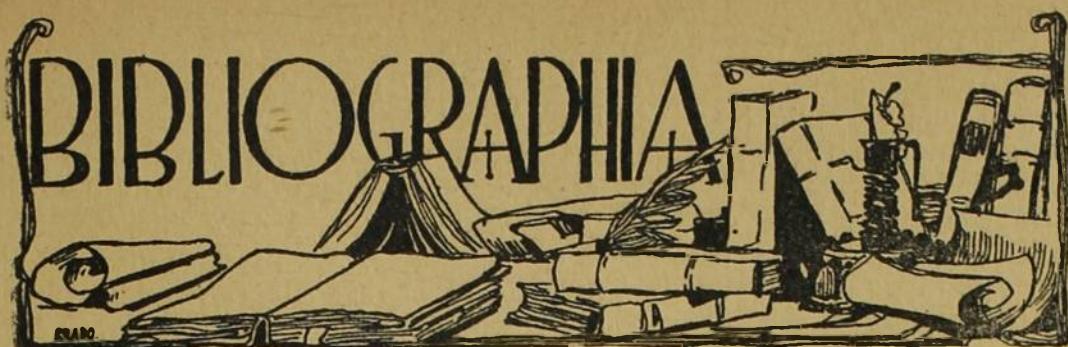
Merecem aqui especial referencia a recente publicação de Waring relativa a certas feições estructuræs do Nordeste, e que contém observações systematicas da direcção e inclinação das rochas crystallinas daquella região.



(66) David White — A new fossil plant from the State of Bahia. *Amer. Journal of Science.* Vol. 35. pags. 633, 636.

(67) J. C. Branner — The Estancia beds of Bahia, Sergipe and Alagoas. *Amer. Journal of Science.* 4th Series. VI. XXXV. June 1913.

(68) Arrojado Lisbôa — The Perniam Geology, etc. Trabalho citado. pag. 442-443. — Os sexos facetados, annaes da Escola de Minas, n.º 8. 1916. pag. 37.



João Pinto da Silva — PHYSIONOMIAS DE NOVOS — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

Na critica nacional, João Pinto da Silva é um nome. Auctor de varios livros, todos muito apreciados, dispensa encomios. Suas obras se recommendam por si, pelas qualidades raras que o escriptor lhes communica. Assim, a um seguro criterio julgador, allia João Pinto da Silva um grande poder de sympathia e solida cultura, perfezendo uma personalidade, que se impõe.

“Physionomias de novos” revela bem essas qualidades, entre as quaes é digna de menção especial a sua brava independencia mental. De facto, João Pinto da Silva não se fez, como tanta boa gente, escravo da erudição rotulada de cultura. Ilustrado e culto, pensa pela propria cabeça, com ideias proprias, originaes e brilhantes.

O esudo intitulado — “Escola paulista?” — é uma prova do que dizemos. Observando a vida nacional, na sua historia e nos factos sociaes do presente, encarando o meio paulista com uma visão larga do seu apparelhamento e da sua vitalidade, chegou á comprehensão perfeita do “caso literario” de São Paulo no Brasil.

Existe uma “escola paulista?” — pergunta. E, sem negações pereíptorias de critico incontestavel, nem exageros complacentes, conclue: — existe hoje uma “escola paulista” como existiu outrora uma “escola

mineira”. E’ tão simples a resposta...

Com esse estudo, revelador de uma capacidade de synthese invulgar, de observação e intelligencia das coisas, João Pinto da Silva firmou os creditos da sua autonomia mental, que lhe permitte ver com os proprios olhos e julgar por si.

As “Physionomias” traçadas são as de Ronald de Carvalho, Alvaro Moreyra, Eduardo Guimaraens, A. Carneiro Leão, Mansueto Bernardi, Maria Eugenia Celso, Isolino Leal, Homero Prates, Carlos Maul, Pedro Vergara, Roque Callage, Aracy Dantas de Gusmão e dos escriptores paulistas Monteiro Lobato, Hilario Tacito, Godofredo Rangel, Guilherme de Almeida e Léo Vaz.

Gabriel Marques — OS CONDENADOS (Collecção Brasilia) — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

A emoção em literatura não está tanto nos factos como na maneira de os apresentar e expor. A arte do imprevisto não é exactamente a arte do inaudito. Uma tragedia não é tragica sinão pelo desfecho. Mas o desfecho é o fim, não é o todo, muito menos o começo... “Enganar” esse desenlace é toda a arte de narrar.

Gabriel Marques, entretanto, não se contenta com o imprevisto. Vai ao inaudito, desde logo, sem muito preambulo. Espírito em que predomina a imaginação, tem a phantasia fertil. Tudo se lhe apresenta em mysterio, cujas dobras guardam

sempre uma tragedia inedita. Para elle, o mundo real não existe na sua vulgaridade. O trivial da vida reveste-se sempre, para elle, de um caracter violentamente excepcional. O que para outros seriam dois gemeos, simplesmente, para elle são xyphopagos. Um marido ultrajado complica-se em carrasco seculo XX: encarcela a infiel entre paredes que são espelhos e a adultera, si se suicida, é cortando os seios com uma faca de cortar pão... Horror sobre horror, assim vai o livro até o fim.

“Os condemnados” é livro que promette outros, em que o auctor apure as suas excellentes qualidades de narrador, de que nos dá, neste, mostras muito apreciaveis.

Em edição popular, o volume consta das seguintes novellas: — “Os condemnados”, “Os espelhos”, “Um homem de brio”, “O filho do antro”, “Ecce Homo”, “Maria Luiza”, “Um caso excepcional” “Dentro da noite”, “Tentação”, “Uma rapariga alegre”, “Mãe”, “A caveira” e “O amigo do coração”.

Xavier Marques — *O FEITICEIRO* — Ed. Leite Ribeiro — Rio — 1922.

“O feiticeiro”, de Xavier Marques, um dos romances mais completos que já se escreveram no Brasil, passa-se na Bahia, em tempos da escravidão.

E', por isso, um romance “regional”?

Talvez... para o curioso criterio moderno de critica, que distingue duas literaturas: — a da Avenida e a do sertão. O sertão começa, onde acaba a Avenida. Ora, a cidade do Salvador está a alguns dias do Pharoux. Logo, sertão. Portanto, “regional” a sua literatura...

Nós, porém, que não temos tamanho tacto para essas subtilissimas distincções, entendemos que “O feiticeiro” vai ocupar um dos melhores logares entre os livros nacionaes.

Bem urdido, bem escripto, como, todos os romances de Xavier Marques, é de leitura cheia de interesse.

Os costumes da Bahia, ao tempo da accão, vivem nas suas paginas com intenso vigor. Algumas dessas paginas, como as que descrevem a iniciação de uma “filha do terreiro”, o “candomblé”, são de extraordinario vigor, modelos descriptivos, repassados de verdade e de emoção.

No “Imparcial”, de 10 de janeiro, escreveu João Ribeiro, cujas palavras, data venia, fazemos nossas:

“Nessas quatrocentas paginas ahi está debuxada ao vivo a Bahia, a velha cidade, a mais brasileira de todas as nossas agglomeracões de gente, a mais pittoresca, a mais expressiva, a mais intima e espiritual do nosso povo.

Com as suas mil egrejas, sua religião sonora de sinos e carrilhões obsedantes, com as suas festas populares, com os resquícios aínda vivos da raça escravizada, com os “candoblés” e os feitiços, Roma branca e Roma negra, ao mesmo tempo, ainda não perverteu a Bahia (e Deus queira que o não perverta) a originalidade do seu typo tradicional, antigo e magnifico.

No Brasil, a Bahia é a unica cidade que vale a pena vêr. Europeizou-se, desde as suas origens, vagarosamente sem desapparecer e sem desertar do seu proprio typo ancestral. Por ella só, é possivel reconstituir a civilização antiga e moderna de todo o Brasil.

E esse aspecto essencial encontramos na paisagem, nos scenarios e na vida de cada instante, retratados com admiravel fidelidade e exacção no romance de Xavier Marques.

Este livro que é ao mesmo tempo um documento social e anthropologico, revela ao que o não conhece, a vida subterranea da raça negra que com os seus “candoblés”, o seu feiticismo primitivo misturado ás praticas christians, ainda exerce um enorme prestigio na sociedade bahiana.

E' um engano suppor que alli as classes cultas estejam immunes daquelle contacto. A Bahia sem o feitiço seria o mesmo que a Bahia sem o catholicismo, um ente imperfeito e incompleto. Um dos encantos daquelle terra é a dupla personalidade, euro-africana toda feita de meiguice, devoção, força e mysticismo.

O — “Feiticeiro” — de Xavier Marques revela-nos essa união intima entre o drama psychico, o drama branco e universal de dois amores e a contribuição do sentimento sobrenatural do “yoruba”.

O “terreiro”, as gamelleiras “tahús”, as feições da “alma nagô, bonacheirona

gobria, submissa e jovial" lançou sobre a alma plebeia o banzo melancolico, a tristeza, a nostalgia, temperadas pelo syncretismo religioso.

"Havia ali quem o não conhecesse, o echo percuciente e infindavel do "baizam" africano?"

"Quantas vezes noite alta e calma a atmosphera, não chegava esse ruido de uma cadencia inquietadora até o coração da cidade, até o ninho das Pombas, até o leito de outras mais selectas damas, povoando-lhes o pensamento e o sonno de larvas negras e sonhos abracadabris?"

Como quer que seja, as pessoas do nosso drama, ainda que quasi, todas, da nobre raça branca, pagam esse tributo da superstição larvada de seu meio. Quando sobrevem accidentes, desgostos, ausencias inexplicaveis, amores fugitivos ou desdenhosos, não ha remedio senão recorrer ao feitiço, ás casas da fortuna, aos infectos e lobregos templos africanos e aos seus grosseiros manipansos para achar um lenitivo e esperança ou para dar volta ao infortunio.

E' principalmente no fragil coração das mulheres que se perpetua esse culto inferior. Os negros nagôs sabem que tem na sociedade limpa numerosos "ougans", isto é, amigos protectores e talvez semi-crentes.

As supersticoes e praticas africanas e seus estados de alma deixaram vestigios nos costumes e na linguagem: a "quisilia", o "calundú", a "troca de cabeça", etc...

Nesse livro de natureza composita vamos encontrar capitulos de interesse para o estudo da vida popular, além das crenctices negras; e taes se nos afiguram dignas de attenção as paginas magistraes escriptas com grande sentimento da realidade a proposito das eleições e das vergonheiras eleitoraes, as das festas da Lapinha, do Bomfim e do — "Dois de Julho" — que constituem episodios regionaes do livro.

Por outro lado os tipos do romance desenham-se com grande naturalidade: o de Pomba a namorada de Salustiano, mulata, typo intermedio bantu-europeu, o de Laly, branca supersticiosa, sempre desanimada dos seus ideaes de felicidade, Paulo, sceptico, que succumbe nas occasões dificeis, Amancio o espirito menos pratico possivel para qualquer "arrivismo". Entre essas almas frageis parece que a de Dona Branca é a que conserva mais dignidade e equilibrio.

Felizmente, o romance acaba com a alegria de todos e a satisfação de todas as esperanças, tantas vezes duvidosas e incertas.

Mas, uma nota melancolica sublinha esse epilogo: é a morte do feiticeiro, do tio Elesbão, o velho preto, o mago nagô que tantas complicações urdira. Morria com as suas honras sacerdotaes, na ridiculez que desperta entre os "gavroches" da cidade o enterramento do pobre diabo:

Negro gêge quando morre
Vae na tumba de banguê
Os parceiros vão dizendo:
— Urubú tem que comê.

Costumam cantar esses versos com a musica de Offenbach, do "Orpheé aux enfers".

Ocu babá,
Ocu gelê
Negro najô
Virou sarnê.

Já se vê que Paris e a civilização deram pelo menos a musica do necrologio facêto.

"On finit toujours par des chansons".

Enéas Ferraz—*HISTORIA DE JOÃO CRISPIM* — Livraria Schettino — Rio — 1922.

Houve um tempo em que todo bebado era philosopho. Na verdade, não havia bebados: — bohemios é como eram chamados. Dahi a philosopho, um instante.

Mas esse tempo passou. A semi-embriaguez que produzia no leitor um typo de ebrio, tornou-se indifferença. Ninguem mais se inebria da ebriedade alheia, assim pelos olhos... O velho bohemio, reduzido ás suas justas proporções, é hoje absolutamente desinteressante. O borracho, pelo seu aspecto sentimental, é um deslocado no seculo... Não o comprehendemos sinão como tarado.

O bello espirito de Enéas Ferraz ficou, entretanto, na antiga concepção romantica. É um dos derradeiros entusiastas do ébrio inspirado e genial, que quanto mais alcoolizado, mais genio revela... — absurdo perante o bom senso como perante a sciencia.

A "Historia de João Crispim" é a chronica de uma vida bohemia nos moldes dessa. João Crispim é o philosopho das tavernas e dos pardieiros: quanto mais bebe, mais talento revela, quanto mais chafurda, mais interessante. Afinal, morre sob as rodas de um automovel, roubados os seus bolsos pelo chinez a quem ainda ha pouco dera cinco mil réis.

O auctor é pouco cuidadoso no estylo e... na grammatica.

A. de Sampaio Doria — COMO SE APRENDE A LINGUA — Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

O douto pedagogista dr. A. de Sampaio Doria, uma das mais lúcidas intelligencias da moderna geração brasileira, apparelhada de uma vasta cultura, acaba de editar com os srs. Monteiro Lobato & Cia., um livro notável, com o qual reafirma o seu sistema de idéas referentes á educação e ao ensino. De facto, "Como se aprende a lingua", inspirado em principios admiraveis de psychologia, vem revolucionar o mundo pedagogico, não só em São Paulo, onde o doutrinamento está feito pela cathedra do professor e do director da instrucção, mas onde quer que as coisas do ensino sejam assumpto de cogitações. O dr. Sampaio Doria resolve com simplicidade o problema do ensino da lingua materna, rompendo com toda a rotina.

Não se ensina a lingua — entende o dr. Sampaio Doria — começando pelas vogaes, nem pelas syllabas, nem mesmo pelas palavras. A escola paulista, adoptando o methodo analytico, já inverteu essa ordem, ensinando a lér pela phrase e pela sentença. Ja ahi houve, decerto, a influencia do professor de Pedagogia da Escola Normal. Proseguindo na ampliação desse pensamento inicial, o dr. Sampaio Doria vai além, desdobrando-o no correr do curso de linguagem, de modo a ensinar a lér, a assimilar a lingua e a usal-a, pois, não basta saber lér sem assimilar a lingua para servir-se della. Cumpre proporcionar á criança os tres passos, racionalmente, para que, afinal, tenha o espirito normalmente desenvolvido. Assim, as aulas da lingua vernacula se tornam poderosissimo factor de educação mental, de comprehensão e de logica, o que é o mais bello e o mais alevantado escopo da instrucção.

"Como se aprende a lingua", livro que compendia instruções que

deveriam ser dadas pela Directoria da Instrucción Publica, quando o autor a occupava, institue o ensino da analyse logica antes da analyse grammatical. Por esse processo, o alumno apprende a distincão entre as partes do discurso, levado a distinguir naturalmente o substantivo do verbo, o nome do pronome, o adjetivo e o adverbio.

Resolvem-se, assim, varios dos mais complexos problemas das aulas da linguagem: — evita-se o horror á grammatica, ensina-se a lingua, educa-se a intelligencia.

"Como se aprende a lingua", livro que lança as bases de um novo ensino, praticavel não só entre nós, mas no seio dos outros povos, terá seguimento em livros que dizem mais comnosco, com a nossa lingua e literatura.

Carlos S. de Mendonça — O SPORT ESTA' DESEDUCANDO A MOCIDADE BRASILEIRA — E. Brasil Editora — Rio — 1921.

O autor, filho de Lucio de Mendonça, herdou as nobres qualidades paternas e possue aícm disso um forte espirito combativo. Seus livros são sempre campanhas em que elle mergulha cheio de ardor e coragem. Neste declara guerra ao sport e lhe dá combate impiedoso, desferindo golpes para todos os lados. Mas não cremos que a razão esteja com elle e que sua campanha resulte benefica. Tem razão quando aponta e ataca os excessos do sport e ainda a sua má orientação. Mas, que excesso não é um mal? Quanto á má organisação isso é consequencia da falta de adaptação de que, como causa recente, o sport é vítima entre nós, mal que o tempo ha de corrigir fatalmente. A experiencia abrirá os olhos ofuscados, corrigirá os defeitos e o sport dará aqui todos os fructos beneficos que sempre deu nos países civilizados.

Além disso a sua opinião que o *sport* deseduca a nossa mocidade implica a idéa de que é ella educada, *quod probandum...* Mas negará alguém que elle lhe dá mais muque? e que, a mentalidade permanecendo a mesma, é um lucro real possuir homens que levantem cem kilos em vez de espirros de gente que só ergam vinte?

G. Bigourdan — GNOMONIQUE OU TRAITÉ THÉORIQUE ET PRATIQUE DE LA CONSTRUCTION DES CADRANS SOLAIRES — Ed. Gauthier-Villars & Cie. — Paris — 1921.

O conhecimento da hora exacta é evidentemente para nós uma necessidade continua: sem esse conhecimento, que seriam, por exemplo, os meios de comunicação?

Os relogios attendem perfeitamente a essa necessidade; mas, não faz ainda muito tempo, eram elles pouco espalhados, ao menos no interior, suprindo-se sua falta por meio de quadrantes solares, de que mui communs então, e dos quaes se conservam especimenes de typos e dimensões variadissimas. Um autor do seculo XVI pretende mesmo que era menos possivel passar-se sem o quadrante do que sem comer e beber. Em meados do seculo XVIII, dizem autores do tempo, cada casa possuia seu quadrante, encontrando-se facilmente operarios especialistas em traçal-os. Emfim, taes instrumentos ainda não foram taes instrumentos ainda não foram de todo abandonados; actualmente, os de pequenas dimensões são mui procurados pelos collectionadores, e os grandes quadrantes formam elegantes motivos de decoração architectural ou de ornamentação de jardins.

A todos quantos se interessam por esses instrumentos, o volume de que tratamos será de grande interesse. Após um curto historico, mostrando como se passou do

"gnomon" primitivo ao quadrante solar, encontra-se ahi, com numerosas gravuras illustrativas, a theoria desses instrumentos, de dimensões e de typos tão variados: quadrantes equatoriaes, horizontaes, verticaes, azimutaes, analemnaticos, etc. A parte pratica não é descuida: indicam-se os instrumentos necessarios, os meios de determinar a longitude e a latitude do logar, alternando-se com os numericos os methodos graphicos.

O volume fecha por quadros ao alcance de todos, para mostrar as datas das Pascheas e festas moveis dum anno dado, no calendario Juliano ou no Gregoriano.

A. Chiappori — BORDERLAND — Buenos Aires — 1921.

"Borderland"! Bello titulo, dos mais adequados que conhecemos para um livro desta natureza, onde se romanceia a vida de criaturas "meio cá meio lá" como diz o povo. Chiappori, ja conhecido como critico d'arte, tendo dado na "Belleza Invisivel" magnificas amostras da sua sensibilidade esthetica, capaz de todas as finuras, aborda aqui a novela, pela primeira vez. Mas escolhe para elementos della personagens especialissimos, esses seres misteriosos, precursores talvez da humana de amanhã e como que dotados de sentidos novos, ainda no vago, no indeciso, no inconsciente da formação. Não loucos, embora a loucura nos pareça, em inumeros casos, uma consequencia da vida em "Borderland", a zona que separa os dois mundos, este physico que todos conhecemos e um outro, que presentimos, e que será no futuro tão conhecido como o primeiro.

D'ahi o estranho das suas novelas, que lembra a vida nos sonhos. E como o autor é um artista de finissimos quilates e sabe compor com mestria, o livro resulta ao mesmo tempo que farto, singular e estranho, lembrando por vezes o extraordinario romance de J. A. Nogueira, "Amor Immortal".

Osorio Cæsar — A CHIMICA DA VIDA (Ensaios philosophicos) — Ed. Vieira dos Santos & Irmão — São Paulo — 1922.

O volume "A chimica da vida", com cerca de cento e vinte paginas, impressas em magnifico papel, honra os seus editores, bem como as artes graphicas de São Paulo. E' uma luxuosa brochura, ornada com uma linda capa, que não faria má figura num livro de versos.

Não é, porém, de poesia que se trata, mas de sciencia. Os "ensaios philosophicos" do sr. Osorio Cæsar são alguns capitulos da chimica e da biologia, sem outra philosophia senão a que se contém nos phenomenos expostos e que nelles se conserva á espera do philosopho. De resto, sem fins didacticos nem literarios, que, uns e outros, não se lhe percebem, "A chimica da vida" seria uma obra de vulgariseração si não fosse materialmente rica e si não abundassem no mercado as bibliotecas de Educação Scientifica.

Altamirando Requião — CONSCIENCIA E LIBERDADE (Critica polygraphica) — Ed. Livraria dos Dois Mundos — Bahia — 1922.

"Consciencia e liberdade" é um conjunto de artigos sobre varios assumptos, taes como politica, literatura, arte e factos locaes que fizeram ruido na cidade que lhes foi theatro, a Bahia. Em todos, do primeiro ao ultimo capitulo, o fogoso jornalista, como é elle comprehendido em nosso paiz, se revela nitidamente: um grande ardor, um santo entusiasmo forrado de uma linguagem tão correntia quanto violenta. Nem é tanto o jornalista, como é o polemista. Comtudo, o illustre escriptor bahiano se conserva sempre em nivel elevado, sem descer ao theor da polemica de campanario.

"Mesologia ethnica e diagnose social" intitula-se o primeiro estudo

do livro. E' um titulo "difficil", uma bomba para espantar o indigena, que olha para aquillo e não entende nada. Comprehenderá, porém, desde que leia. O escriptor se revolta contra a imprensa que comemora o 13 de Maio... Pois si essa mesma imprensa é responsavel pelo atrazo com que se fez a abolição... A proposito, o autor ataca com desassombro as instituições e os governos actuaes: não somos uma nação; somos menos que uma tribo.

Outro capitulo traz o titulo: — "República de scelerados!" com a epigraphe — "Allocução civica, para um comicio popular". Esse discurso começa: "Senhores! Maldicta a Republica que nos conduziu até aqui! Maldicta, sim, com todas as suas deturpações odiosas..."

Eis ahi, neste ou naquelle trabalho, puras indignações generalisadas, soltas, atiradas ao ar como bombas. Já era tempo de termos deixado o genero, exactamente o mesmo em que foi fertil Siiva Jardim e de onde sahiu esta "maldicta Republica". Generalisar sobre indignações é um processo errado, positivamente. Não é com raciocinios de paixão descabelada, (si é possivel reunir essas palavras) não é com essa logica vulcanica que alguma coisa melhor se fará deste paiz. Essas tempestades são excellentes para augmentar a confusão e o descredito do genero.

A cada caso a sua solução. De resto, mais ideias nos juizos de conjunto, menos descomposturas e mais serenidade não nos farão mal.

Ou tamanha diferença irá entre São Paulo e a Bahia que os sentimentos bahianos não nos sejam accessíveis?

Charles Steinmetz — L'INDUSTRIE ÉLECTRIQUE — Ed. Gauthier-Villars & Cie. — Paris — 1921.

Os Srs. Gauthiers-Villars, editores em Paris (55, Quai des Grands Augustins) publicam, neste volume, traduzido do inglez por Benjamin

Giraud, o trabalho de Charles Steinmetz sobre a industria electrica.

Esta obra, já em 5.^a edição no idioma original, trata da producção, contrôle, transmissão e utilização da energia electrica, encerrando-se com um estudo sobre a influencia da electricidade na civilisação moderna.

O volume in-8, com 195 paginas, é ilustrado com 50 gravuras.

J. B. Pomey — ANALOGIES MÉCANIQUES DE L'ÉLECTRICITÉ — Ed. Gauthier-Villars & Cie. — Paris — 1921.

Publicam-se neste volume as conferencias que, perante os alumnos do curso de telegraphia sem fio da Escola Superior de Electricidade de Paris, fez o sr. J. B. Pomey, engenheiro-chefe dos Telegraphos da França.

Como o indica o proprio título do volume, occupa-se o A. de questões pertinentes á mecanica e á electricidade, principalmente das theorias de Maxwell e Bjerknès e das exposições de lord Rayleigh, Gutton e Blondel.

Pedro Costa — ALAÔR E OCÉDE — Ed. Loester & Cia. Bahia — 1922.

“Em bons tempos que já la se foram, um bello principe do Oriente, chamado Alaôr, que aqui para o Brasil viera em peregrinação não bem definida ou revelada, e passara modestamente incognito como simples pianista, apaixonára-se em uma estação balnear, por uma galante menina da plebe, mocinha estheticamente formosa, mas que não soubera aquilatar-lhe de antemão o dedicado e desinteressado amor, bem como o valor subido de sua mui nobre personalidade.

Entretanto, annos depois e já muito melhor educada e instruida, ella que o despresára de um modo mui decidido e franco, senão cruel — é irresistivelmente attrahida por elle, ao encontral-o mysteriosamente modificado em toda a sua anterior idioscrasia...”

Essa é a “lenda” que fornece argumento ao poema lyrico de Pedro Costa, de São Bento de Lages.

“Alaôr e Océde” começa, naturalmente, em “Preludio”:

Reina o silencio mui privativo
Das altas culminancias do oriente...
E que eu interrompo.

Muito gentil leitora
Ou attento leitor,
— Meu prezado senhor,
Minha virtuosa senhora —
Eu, Alaôr,
Deixando o leito,
Deixando o lar,
Com o desejo amplo
De saber,
Já passo ao campo
Ao coração da natureza,
Almoxarifado da belleza —
E amphitheatro da grandeza
— Para aprender
Com santo ardor,
A minha lição de amor.

Como se vê, lá do seu retiro no sertão bahiano surge um poeta de envergadura que não pede meças aos proceres do nosso ultra-civilizado futurismo. “Já passo ao campo, ao coração da natureza, almoxarifado da belleza...” Eis ahi. No Theatro Municipal não esfusiou imagem igual, com tal vigor realista e tal senso do futuro.

Dia virá, de facto, em que a natureza será como uma repartição publica de deposito, em que as côres serão dispostas em caixinhas de luxo, as flores empilhadas aos mólhos pelos cantos, as paizagens distribuidas em feixes de claros para um lado, feixes de escuros para outro e, de permeio, novos feixes furtas-côres de claros-escuros.

Perfeito almoxanifado, donde, com um simples requerimento, sellado e assignado, se retirará, gratis, um pouco de cõr para um quadro, flores para a rhetorica e luzes para as paizagens. Mecanismo admiravel, a arte futura, mecanisada como a vida e como a mesma vida, automatizada, será feita por supprimimentos democraticos, equalitarios de belleza, talento e genio. Esse, de certo, é o sentido da imagem: —

"natureza, almoxarifado da belleza".

O novo chefe futurista tem páginas que fazem inveja aos nossos, desbancando, a leguas, as melhores da "Paulicéa desvairada". Eis alguma coisa como a dança dos tangará:

"Estala" o canario!
— Trinos! Trinos, Trinos!
Repentinôs!
Peregrinos!
E a cuyuba "chilreia" ...
(E' bardo de aldeia!)
Mas outro alado vôa, e repete um "rosario":
— Marido!... Marido!... Marido-é-dia?!...
Ma-ri-do-é-dia?!...
Ma-ri-do-é-dia?!...
(E como "delle" o canto com a hora con-
[diz!]
E lá stá uma que á luz diz:
— Surgi! Surgi! Surgi!
E enquanto este assim clama,
Acolá já um outro exclama:
Bem-te-vil bem-te-vil bem-te-vi!
Ah! desperta i Natureza
Almoxarifado da belleza!...

Gastão Franca Amasal — AS BELLAS-LETRAS — Livraria Azevedo — Rio — 1922.

Em seu ensaio "As Bellas-Letras", o sr. Gastão Franca do Amaral desenvolve ideias apreciaveis sobre literatura, sua comprehensão, sua utilidade e relações com as outras artes. Desenvolve — dissemos — porém, não errariamos se, ao contrario escrevessemos — concentra. Pois, de facto, os altos themas da critica o autor os perlustra rapidamente, tocando em todos, em synthese, para nos dar um quadro summario de conjunto.

Não pretendemos, com isto, apoucar-lhe o trabalho. As suas boas qualidades de estudioso estão patentes na sua obra, seja pelo espirito critico, seja pelo methodo de analyse, seja ainda pelo estylo — onde vae o seu melhor elogio — de uma grande sobriedade.

Alberto Veiga — O DECLIVE — Typ. Instituto — Santos — 1921.

"O Declive" é um livro bom. Pelas ideias e pela composição faz jus, perfeitamente, ao qualificativo.

Livro de ensinamento moral, vasa-se nos mais sãos dos principios ethicos, recommendando-se á leitura e meditação da mocidade.

O fim visado pelo autor está nas seguintes linhas do prefacio:

"Nas linhas aqui escriptas não se pretende, roçando pela impertinencia e até pela ingenuidade parvoa, que a mocidade se retrai humilde, laboriosa e abstinente sem derivativos para o espirito absorvido, durante toda unha semana de afazeres, em trabalho material e embrutecedor". E mais adiante:

"... o que se lhes diz é que todo excesso é um erro funesto, com repercussão proxima ou remota e que entre o uso e o abuso vão distâncias intciras"

Como se vê, é um livro sâo.

Roque Callage — RINÇAO — Ed. Livraria Brasil — Porto Alegre — 1922.

Roque Callage, autor de varios livros, apresenta-se em "Rincão" como um bello escriptor, cheio de vigor na concepção e no estylo. E' um "contador", que conta coisas com propriedade e relevo. Os seus quadros da vida gaucha são vivos, bem delineados e animados de um romanescos e dramaticidade, que agradam sem exceder a medida. O senso artistico do autor não o deixou cahir na tentação da bravata facil e o heroismo derramado, tão communs na pintura dos nossos heroes do matto ou do campo. Páginas heroicas, não faltam em "Rincão", narradas, porém, com verdade humana. Os recontros da fronteira, proprios á manifestação da aetestável patriotice literaria, fornecem-

lhe materia para a apresentação de scenas e typos, que, na justa medida são os ignorados campeões da nacionalidade no extremo sul, na lucta diurna da vida, sem que degenerem em semi-deuses irrisorios na sua invulnerabilidade.

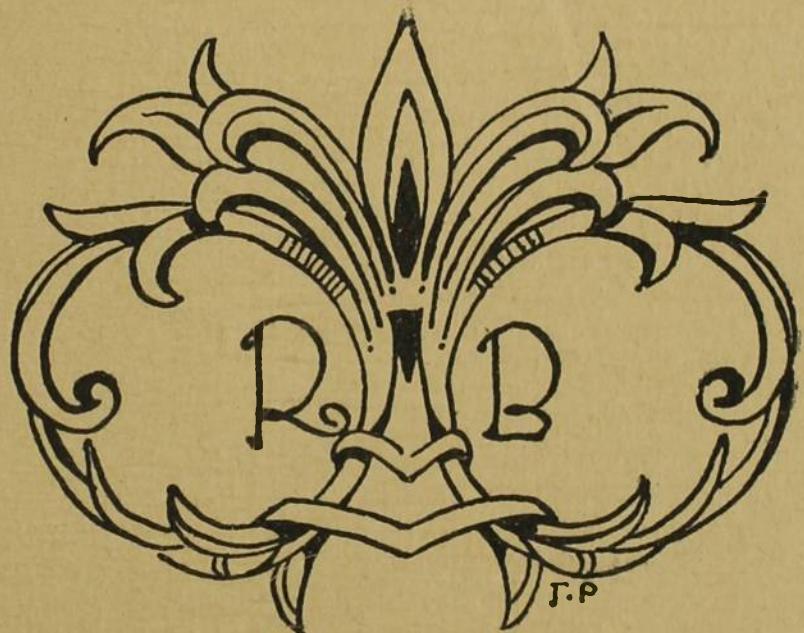
A labuta dos pampas offerece ao autor o thema de narrativas e descripções cheias de pittoresco.

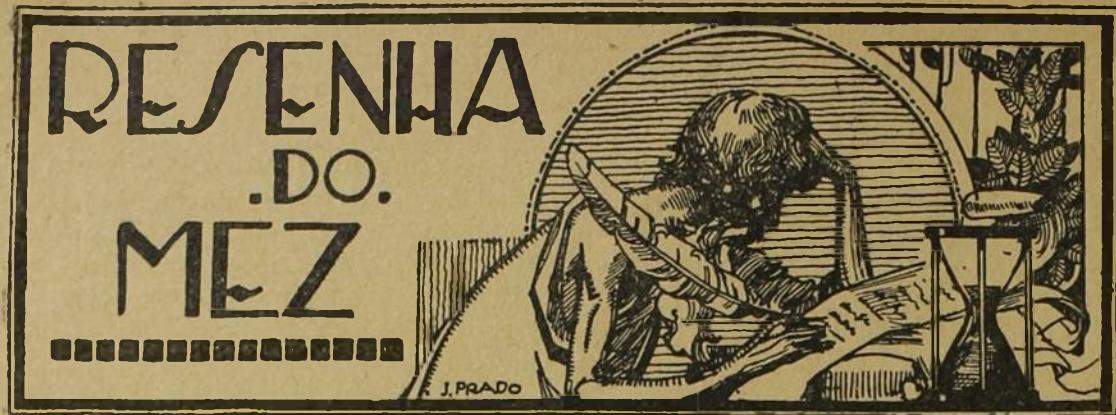
“Rincão” é livro que interessa o leitor.

RECEBEMOS:

“Revista de Cultura Religiosa”, de Campinas, dirigida pelos srs. Epaminondas Mello Amaral e Miguel Rizzo Junior, com a collaboração dos srs. Americo de Moura, Ottoniel Motta, Bento Ferraz e outros.

“Vozes de Petropolis”, revista religiosa, quinzenal, com artigos de Viveiros de Castro e Fr. Pedro Sinzig.





ARTES E ARTISTAS

A Camara Municipal de Santos teve a idéa feliz de collocar em sua séde o retrato da Princeza Izabel, como justa homenagem á excelsa redemptora dos escravos. E acertou escolhendo para executá-lo ao pintor Angelo Cantú, de quem a Reviste reproduz neste numero não só essa tela como diversas outras, todas retratos. Artista seguro, firme e elegante no desenho, compositor de altas qualidades, é, entretanto, no retrato que Cantú culmina, tendo-os executado, numerosos, na Italie e aqui. Neste, da princeza Izabel, concorriam dificuldades sérias. Retrato postumo, com relativamente pouco material consultivo de valor artístico, dada a exigencia restrictiva de fixar as feições que a princeza tinha no anno da abolição, todos os obstáculos venceu Cantú com viva gallardia graças á funda comprehensão que tem elle da sua arte e graças também á sua probidade. Conseguiu compor uma tela que á fidelidade possível do aspecto phisico dá o retrato psychologico da princeza regente. Sua bondade, sua simplicidade de maneiras, sua aversão ao luxo do vestuario e ao excesso de joias transluzem do quadro de maneira flagrante. E como, tecnicamente, a pintura é um documento excellente da valia do artista, a obra resultou desses rasgos felizes que os pintores tem poucos na vida. Necessitando de um testemunho pessoal sobre esse retrato conseguiu Cantú que viesse vel-o a veneranda baroneza de Loreto, amiga intima da princeza, obtendo della a carta abajo transcripta, muito honrosa para o pintor.

S. Paulo, 1.º de Março de 1922.
Iilm.º Sr. Cantú

Profundamente commovida vi o bello quadro a óleo que representa a Augusta Princeza Isabel, a Redemptora, na época da Abolição, 1888.

Apreciei bastante esse retrato e admirei-me que V. S., tendo apenas informações e photographias, conseguisse reproduzir com tamanha fidelidade a doce physionomia, o porte esbelto e tudo

quanto diz respeito á Magnanima Senhora Condessa d'Eu, em trajes de Corte.

Queira, Sr. Cantú, acceitar os parabens e cumprimentos affectuosos da Baroneza de Loreto.

MARTIM FRANCISCO

Suas 30 lições

Em um artigo publicado no "Jornal do Brasil" do Rio, o dr. Martim Francisco estabelece as seguintes lições:

- 1.º—Não mentir.
- 2.º—Não provocar, nem recuar.
- 3.º—Não opinar sem ser consultado.
- 4.º—Não prometter depressa.
- 5.º—Não se vingar, nem distender sentimentos.
- 6.º—Não abusar de alcool e de credores.
- 7.º—Não estar na cama depois do nascer do Sol.
- 8.º—Não ficar serio quando os outros rirem.
- 9.º—Não confundir verso com poesia.
- 10.º—Não responder no mesmo tom á primeira indelicadeza.
- 11.º—Não discutir durante as refeições.
- 12.º—Não ser o primeiro a experimentar remedios novos.
- 13.º—Não ler mensagens presidenciaes.
- 14.º—Não reclamar contra impostos.
- 15.º—Não citar trechos latinos a convalescentes.
- 16.º—Não se julgar prejudicado pela felicidade alheia.
- 17.º—Não contar com obsequios completamente gratuitos.
- 18.º—Não responder a uma pergunta indiscreta senão com outra.
- 19.º—Não conceder ao bom senso alheio mais de 33 %.
- 20.º—Não repetir serviços a um ingrato.
- 21.º—Não deixar de ler diariamente o obituario.
- 22.º—Não replicar a grandes asneiras.
- 23.º—Não emprestar a tratantes grandes quantias.
- 24.º—Não diminuir intimidade com o sábio.
- 25.º—Não prezar os homens pela carteira mas pelo carácter.

- 26.^a—Não empreitar brigas alheias.
 27.^a—Não disputar, nos enterros, a alça do caixão.
 28.^a—Não acreditar em religiões, respeitando todas.
 29.^a—Não almoçar pouco nem jantar muito.
 30.^a—Não falar sem pensar.

AUTO-BIOGRAPHIA DE VICENTE DE CARVALHO

Palestra proferida na Escola Normal do Braz.

Minhas jovens patricias.

Por gentileza que não sei como agradeça, quizestes prestar com esta lindissima festa affectuosa homenagem a um dos nossos poetas. Mas exigistes delle que, a proposito disso, vos dissesse alguma cousa de si mesmo. E' uma graciosa travessura que a victima tem de affrontar sorrindo...

Procurarei com cuidado não ser mal-dizente. O poeta de quem quereis que vos fale nunca me fez mal! Quando des-cambavam em pleno delirio os exageros romanticos, os poetas lastimavam-se com amargura de o serem. Zorrilla escreveu que

El poeta en su mission
 Sobre la tierra que habita
 Es una planta maldita
 Con fructos de bendicion.

O nosso grande Gonçalves Dias, ainda verde em annos, affirmou num dos seus prefacios que punha grande empenho em acabar com a desgraçada vida de poeta. Eu nunca tive essa ambição. Nunca pensei que fazer versos fosse uma desgraça. Nem mesmo que fosse um defeito. Nunca me envergonhei do vicio de rimar sinão quando, e muitas vezes me tem acontecido, reconheci que rimaria detestavelmente. Não lastimo como perdidas as horas que empreguei a versejar; nem choro como desperdiçada toda a porção de alma que nessa tarefa venho ha tantissimos annos gastando. Não considero a poesia como um veneno. Para mim não o tem sido. Nem o convivio com as massas me priva de viver como vive o comum das pessoas que têm juizo; nem morri moço, como foi moda em poeta de varias gerações. Dizem que morrem cedo os amados dos deuses. Eu devo agradecer aos deuses o seu desamor. Os poetas precisam envelhecer: só um poeta velho poderia receber, minhas jovens patricias, esta demonstração de sympathia que não vos acanhaes de manifestar-me. Não me festejaes, e não correis o risco de que ninguem o supponha, pelos meus bonitos olhos. O que achaes bonitos são os meus versos. Devo dissuadir-vos disso? Cabe aos vossos professores, e aos criticos, fazel-o. Não sou nem uma cousa, nem outra. Não me compete a obrigação de vos tirar desse erro. Si eu tivesse tal obrigação, talvez a cumprisse; mas havia de ser com grande dor de coração...

O que os meus versos me custaram, e têm-me custado muito, pois foi-se nelles boa parte da minha existencia, está largamente pago. A sympathia que aqui me estaeas tão suavemente manifestando é uma das formas mais commoventes da larga recompensa que tenho obtido. Eu escrevi algures com referencia á obra de um poeta:

"Um livro como este representa, e disfarça na simplicidade apparente e procurada dos seus versos, um esforço violento e duradouro. Não o produziu o meio-indiferente, sinão hostil; fez-o o poeta sosinho, desajudado, consagrando-lhe o melhor da sua mocidade, sacrificando por ella a bemataventura tão cobiçada de se deixar viver, trocando a delicia facil de apenas vegetar sobre a terra pela anciosa tortura que é o desejo insaciavel da perfeição. Só explica tão forte empenho em grangear tão modesto resultado como é um livro de versos aquelle fortissimo instincto, profundamente humano, que se rebela contra a morte sonhando, para depois della, uma continuação mortificada da vida. A ambição de deixar a sua alma echoando sonoramente em outras almas é, sem duvida, o incentivo dos poetas, e a illusão de quasi todos elle. Que recompensa melhor promette alguma religião aos que estimula na incerta e penosa conquista do céu?"

Sou dos que alimentam essa illusão, e com ella se contentam... Mas o que me encommendastes foi uma auto-biographia; e eu tenho estado a tagarelar ao acaso. Ao fim de tudo que vos tenho dito, apenas sabeis por minha boca que não sou modesto e não sou fingido. E não peccaria eu por ingratidão si me fingesse modesto deante da vossa sympathia, a que dou todo o apreço que ella merece, e que me enche de vaidade? A sympathia de vossa mocidade em flor pelo velho poeta que eu sou vale para o meu coração desvanecido, e é na verdade, como um começo de posteridade.

Quanto á minha biographia... Sabeis quando nasci. Contei-o em versos ao

Mar, bello mar selvagem
 Das nossas praias solitarias:

.....
 Quando eu nasci, raiava
 O claro mez das garças forasteiras:
 Abril...

Nasci em Abril. Quanto ao anno... Attingi uma idade em que a gente já não gosta de falar da que tem. Eu sinto já saudade do tempo em que escrevi estes versos:

Tu, moça; eu quasi velho... Entre nós
[dois, que horror,
Vinte annos de distancia. Entre nós dois,
[mais nada,
E hoje, pensando em ti, puiz-me a so-
[nhar de amor
Sómente porque vi por acaso, na estrada,
Sobre um muro em ruina, uma roseira
[em flor...

Usei de todos esses rodeios para che-
gar á difficil confissão de que já não
sou... quasi velho. Nasci ha muito tem-
po, muito. Ha cincuenta e dois annos
que isso aconteceu. Musset disse pela
voz de um dos seus personagens:

Je suis venu trop tard dans un monde
[trop vieux

Eu diria, ao contrario:

Je suis venu trop tot dans un monde
[trop jeune.

Nasci em Santos.

Com esta declaração categorica pre-
tendo poupar ás sete cidades do nosso
litoral, de Cananéa a Ubatuba, o per-
derem tempo a disputar-se, no futuro, a
honra de ter sido meu berço.

Sou de antigo tronco paulista, mistura
remotissima de sangue godo e sangue
guayaná... Da minha estirpe indigena
contei numa carta:

.....
Ai, no fundo não sou mais do que um
[bugre, eis tudo.
Corre abundante em mim sangue de gua-
[yanás.
Veste-me a pelle branca o espirito des-
[nudo,
Simples, rudimentar, insubmissio, incapaz
Que porventura herdei de algum avô
[beijudo.

Imagina que sou neto de algum cacique
Cuja vida feliz de nómade sem lar
Tinha a alegre seição de um grande pi-
[que-nique;
E em cuja fronte altiva as plumas de
lurm cocar
Eram como a expressão ritual do ultimo
[chic;

Algum bugre feroz, cujo corpo bron-
[zeado
Mantinha a liberdade inata da nudez;
Que dormia tranquillo um sonno des-
[cuidado
—Passivo, indiferente, enfarado talvez—
Sob o mysterio azul do céu todo estrel-
[lado.

Ignorando o pavor do vida extra-terrena,
Tinha para o Futuro um olhar de imbe-
[cil;
E, passando na terra, inutil, em pequena
Viagem atravez da natureza hostil,
Vivia sem cuidado, e morria sem pena.

Vegetava feliz, sem lei, sem rei nem ro-
[que.
Sua unica ambição era a fome vivaz,
Sua unica riqueza — uma flexa e um bo-
[doque,
E abria-se num riso eterno e contumaz
O seu labio—fendido ao peso do batoque.

Imagina tu, pois, a alma do avô selva-
[gem
Comprimida, esmagada, attonita, infeliz,
Mettida numa vasta e complexa engre-
[nagem
De deveres moraes e tramoias subtils,
De apuros de dinheiro e apuros de lin-
[guagem.

Vê si esse humilde e tosco espirito ima-
[ginas
Ao sabor de uma turba em grita e em
[confusão,
Pela predica e o livro, os jornaes e as
[mofinas,
Arrastado em tropel—disputado em leilão
Em nome de tres mil Systemas e Dou-
[trinas.

Imagina captiva, entregue, submettida
Aos caprichos da Moda e á exigencia das
[Leis,
Entre o encanto do Mal e a idéa da
[Outra Vida,
Entre o culto de Deus e o culto do Mil-
[réis,
E as pompas de um salão e o pó de uma
[avenida;

Ai, imagina assim a alma do bugre bravo
Meu avô — que, no matto, era o dono
[feliz
Do seu tempo vazio e do seu gosto igna-
[vo,
Que, era, emfim, o senhor do seu proprio
[nariz
— Alma livre que em mim reviveu num
[escravo!

Alma apenas capaz de adejar, fugida,
Em vôos leves de um a az: d- beija-flor,
E obrigada a pa:rar nas regiões da Jus-
[ticia
Como um corvo que scbe ao ceu todo
[espendor
Para, do alto, melhor lobrigar a carniça.

Ai, a alma do tupy, bem mal domesti-
(cada
A' macaqueação cabocla do europeu,
Conserva, forte e viva, a angustia de
[exiliada,
A saudade fiel de tudo que perdeu,
Da floresta nativa, ausente e devastada.

Assim, de quando em quando assalta-me
[a cachola
Um furioso desejo ou do matto, ou do
[mar.
De vastas solidões onde ninguem me
[amola;
E, passaro captivo, eu fujo, a me escapar
Da Civilisação — como de uma gaiola.

Fujo, escapo, disparo atra vez das viellas
Plenas de agitação, de astrictos, e de pó;
Salvo-me, aos esbarrões, dando cébo ás

[canellas,

A ouvir a voz de algum descendente de
[Job
Que apregoa moral coberto de mazellas.

Liberto, a salvo emfim, penetro na flo-
[resta

Como num templo augusto habitado por
[Deus;

E ante o vasto esplendor da natureza
[em festa,

Sob a aureola em que a cinge a aboba-
[da dos céus

Rendo-lhe a adoração que o meu olhar
[lhe presta.

Nem padres, nem altar, nem liturgia...
[Um côro

De aves canta a alegria ingenua de viver.
De longe em longe reza e resmunga um
[bezouro.

E sobe, como incenso, o perfume, a se-
[erguer

Da sombra em flor do chão que o sol
[polvilha de ouro.

E, por um dia, ou dois, eis-me entregue,
[alma antiga

De bugre resurreto, o olhar vago, os
[péus nus,

A' doce Religião da Natureza amiga...

Erro á toa: o primeiro atalho me conduz;

Ver o céu me contenta; uma arvore me
[abriga.

Estendo-me na relva; e, na delicia ab-
[sorbo

De sentir a alma leve, óca, vazia... as-
[sim

Goso a beatitude inteira do conforto
De me deixar levar pelo tempo sem fim

Como um tóco sem vida a boiar num
[mar morto.

Não pensar, não querer... A ambição e a
[saudade

Adormecidas; morta essa illusão pueril
De fazer intervir no Destino a Vonta-
[de...

Ignorar o Minuto, insecto odioso e vil
Que róe a vida e vae tecendo a eterni-
[dade.

Na solidão do matto, esqueço, ignoro...
[Em summa:

Sou feliz; dou suéto a esta alma de alu-
[guel

Que vive, de auto em auto, a desfazer-
se em espuma.

E, livre do canudo atroz de bacharel,
Passo orgulhosamente a ser cousa ne-
[nhuma.

Sou, como vêdes declarado nesses ver-
sos, uma planta bem da nossa terra,
um caboclo bem brasileiro, e que nun-
ca quiz e nem quer ser outra cousa.

Nascido em 1866, pouco depois, em
1885, publiquei o meu primeiro livro.
Eu tinha dezenove annos. O livro inti-
tulava-se "Ardentias". A sua publica-
ção foi uma estroinice de estudante. Era
um horrendo folheto em que versos de

adolescente appareciam impressos em
borrões...

Quasi tudo borrões, — aspecto e subs-
tancia. Eu aconselharia aos poetas jo-
vens que deixassem amadurecer a sua
poesia antes de a fixarem num livro.
As "Ardentias" custaram-me, mais tar-
de, uma penitencia que contei em pre-
facio aos "Versos da Mocidade", livro
organizado em 1909, e que appareceu
em 1912. Tive de refazer muitos dos ver-
sos que, com a imprudencia dos dezeno-
ve annos, aventurei á publicidade em
1885. Quem os lesse, depois, na sua fór-
ma primitiva, não se lembraria para os
perdoar ao poeta, — de que eram versos
de criança. Comtudo, entre aquelles
versos viçavam, aqui e alli, algumas
imagens, algumas estrophes que eu me
senti mais tarde demasiado pobre para
dellas desfalcar o meu modesto patri-
monio. Preferi concertar, mesmo á custa
de um grande esforço, aquelles velhos
versos que tinham sido como a tosca
morada da minha alma de moço. Fui
impiedoso para com as "Ardentias", de
que fiz um outro livro. Mas conservei
dellas, com carinho, o que me pareceu
que merecia ser conservado. Estas duas
imagens, por exemplo, da poesia "Ne-
ver more", que eu escrevi, aos dezoito
annos, na illusão sincera e ingenua de
que um arrufo era como um fim de vida:

Um dia ergueste o vôo. O roseo torve-
[linho
De uma existencia nova e esp'endida
[arrastou-te.
Voaste para a luz — e aqui fique só-
[sinho
No fundo deste amor onde cahira a
[n'ute.

Hoje, meiga, talvez arrependida, voltas
Mendigando á minh'alma um pouco do
[passado,
Tentando reunir aquellas folhas soltas
Em que atiraste ao vento um sonho des-
[folhado...

Eram tambem das "Ardentias" estes
versos desanimados que escrevi aos de-
zesete annos:

Eis o ninho abandonado
Dos sonhos do nosso amor.
E' o mesmo chão onde oscilla
A mesma sombra tranquilla
Dos arvoredos em flor.

E' o mesmo o banco de pedra
Onde, assentados, nós dois
Falámos de amor um dia.
Lembras-te? Então, que alegria,
E que tristeza depois!

Falámos de amor.. E sobre
Minh'alma arqueava-se o azul
Do teu olhar transparente
Como o céu alvorecente
Das nossas manhãs do sul.

Quando eu partia, chorámos.
Toda a alma se me desfez.
Cada lagrima cahida
Era uma folha de vida
Que eu desfolhava a teus pés.

Então amavamos tanto!
Tanto esquecemos apoz!
E de minh'alma, alto e doce,
Foi-se afastando... e calou-se
O ultimo som de tua voz.

Hoje volto... Tudo é o mesmo
Que quando amámos aqui:
Sombras, passaros, fragrancia,
Tudo me fala da infancia,
Tudo me fala de ti.

Abril desenrola em torno
Seu esplendor festival;
Tudo é jubilo... No entanto
Não mesclas teu doce encanto
A este encanto matinal.

Não voltas, pomba emigrante,
Ao ninho de onde se ergueu
Teu vôo, abrindo caminho
Em busca de um outro ninho
Sob o azul de um outro ceu...

E o pobre poetinha de dezesete annos
terminava desconsoladamente:

E aqui deixo nestes versos
O ultimo sonho de amor...

O ultimo... Talvez nem chegasse bem
a ser o primeiro... E' tambem daquelle
tempo este simulacro de soneto que,
trinta annos depois que elle aparecera,
ou melhor, desapparecera, nas "Ardentias", tive o prazer de ouvir recitado
de cór por Affonso Arinos:

DONA FLOR

Elle é tão meiga! Em seu olhar me-
[droso,
Vago como os crepusculos do estio,
Treme a ternura como sobre um rio
Treme a sombra de um bosque si-encio-
cioso.

Quando, nas alvoradas da alegria,
A sua boca humida florece,
Naquelle rosto angelical parece
Que é primavera, e que amanhece o dia.

Um rosto de anjo, limpido, radiante...
Mas, ai! sob esse angelico semblante
Mora e se esconde uma alma de mulher

Que a rir-se esfólfia os sonhos de que
[eu vivo
— Como atirando ao vento fugitivo
As folhas sem valor de um malmequer.

Mas as "Ardentias" não continham
apenas versos nesse genero. Era natural que o jovem poeta, tão desilludido
do amor, como se dizia e talvez se acre-
ditasse em certas horas, se voltasse para
a philosophia. Voltou-se. E versejou
blasphemias furiosas, de uma retorica

óca em estrophes que eu preferia que
ele nunca tivesse perpetrado. Não os de-
senterre nunca do pó em que jazem se-
pultados algum implacavel pesquisador
de cousas esquecidas... O parnalianis-
mo era então a moda da gente grande.
O poetinha das "Ardentias" resistiu-lhe
sempre, por instincto. Mas não pôde
escapar de todo á sua influencia. Ri-
mou assumptos gregos, de que nada
entendia; e pintou a impressão de uma
noite no "Sahara", deserto do qual ape-
nas tinha uma vaga noção geographica.
Tambem sob a influencia deleteria de
Baudelaire, rimou cousas que tinham a
intenção de ser satanicas, e eram ape-
nas ingenuamente dec'amatorias. E tra-
duziu, a granel, poetas estrangeiros. Era
moda, por esse tempo, no geral dos nos-
sos poetas, —"traduttore, traditore" —
trahir simultaneamente poetas estran-
geiros e a inspiração propria. A função
de um poeta é dizer o que concebe e
sente, e não o que os outros concebe-
ram e sentiram. O que foi dito em verso
só pôde, em outra lingua, ser repetido
em prosa. E o vicio de traduzir habitua
ao artificio e á insinceridade, dois ini-
migos capitaeis da poesia.

Deixemos, porem, as "Ardentias", de
que apenas me lembro como de um pec-
cado de que me arrependo. Trez annos
depois dellas publiquei o "Relicario".
Esse era já um livrinho perdoavel —
perdoavel em poeta provinciano que não
completara vinte e dois annos. Eu co-
meçara a entrever que só se transmit-
tem impressões que se receberam. A
única fonte da poesia é a vida que o
poeta vive, ou vê. Não ha lantejoulas
de estylo que supram a sinceridade.
A arte, salvo nas épocas de decadencia
em que o artificio a substitue, em que a
retorica suplanta a poesia, é, e sempre
foi, simp'es. No "Relicario" já havia
cousas destas:

Vivo aqui neste ermo agreste
Entre passaros e rosas
Beijando as letras graciosas
Das cartas que me escreveste.

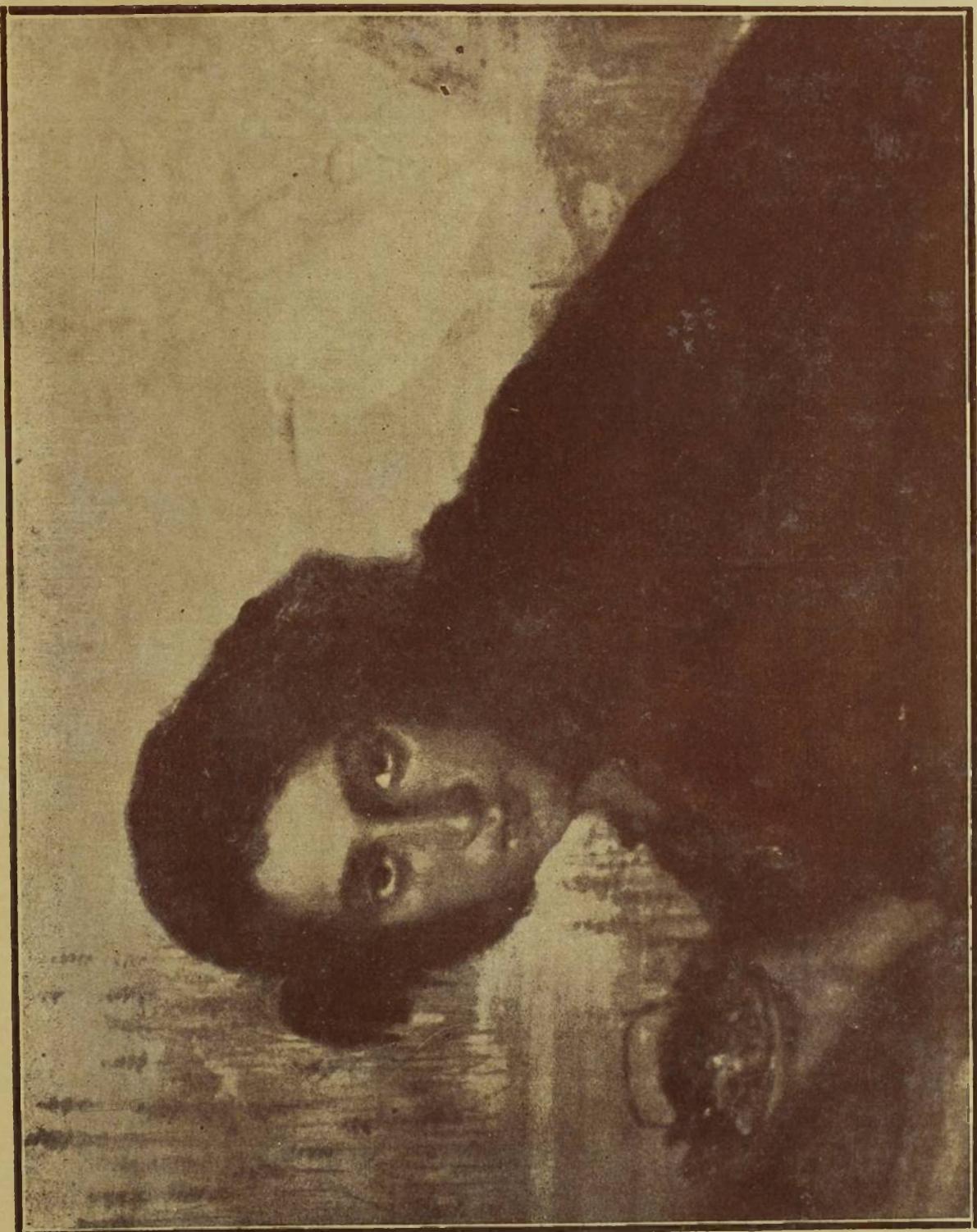
Sinto o contagio suave
De tudo que me rodeia:
Minh'alma palpita, cheia
De vôos tremuos de ave.

Vim tão triste! E um sopro doce
Da viração perfumada
Varre a neblina esgarçada
Dessas tristezas que eu trouxe.

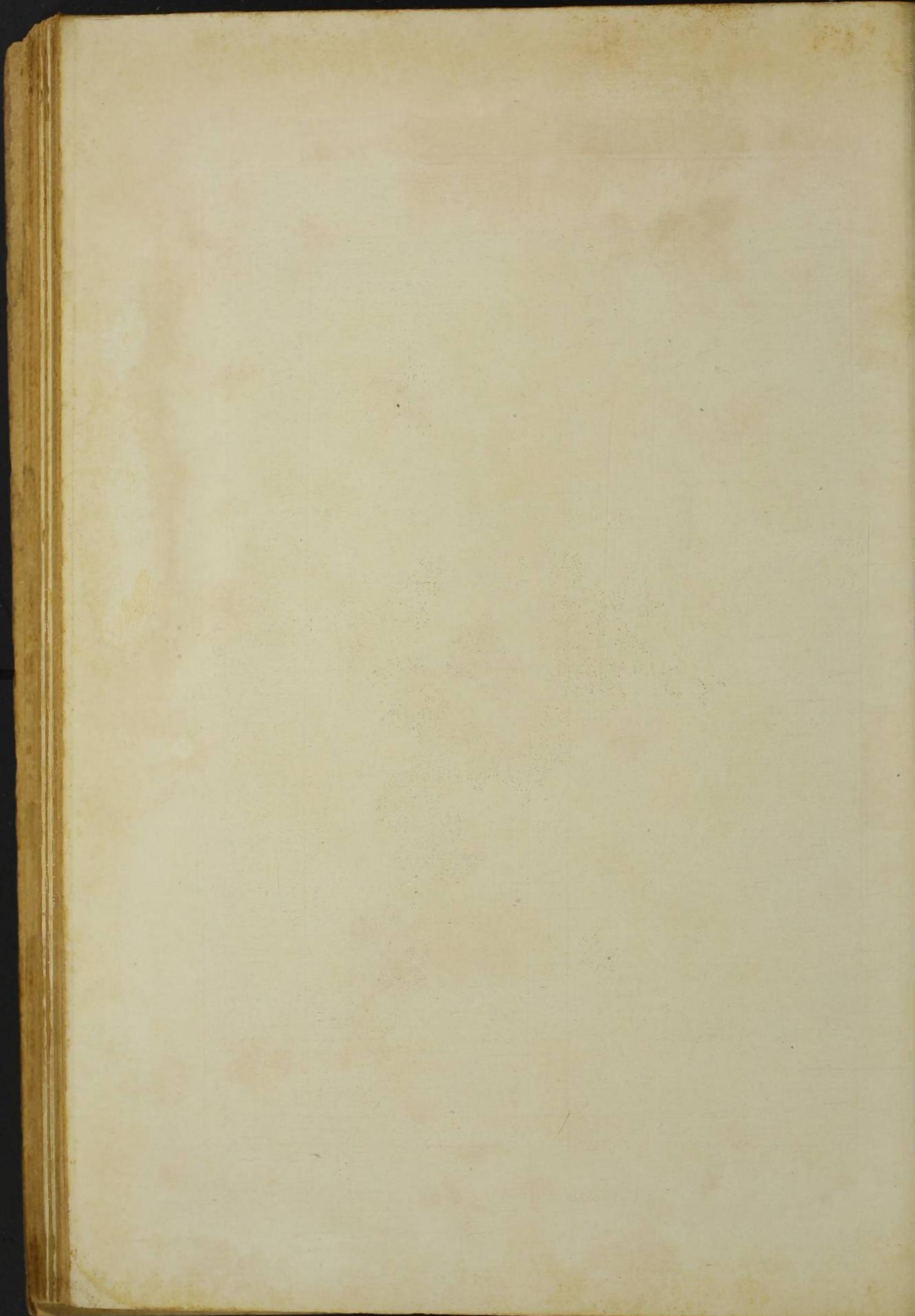
Volta-me o sangue... A alegria
Brotá em meu peito doente
Como um lyrio surprehendente
Numa caveira sombria.

E espero poder em breve
— Sadio, intrepido, forte,
Minha existencia depor-te
Nessas mãosinhás de neve.

E destas:

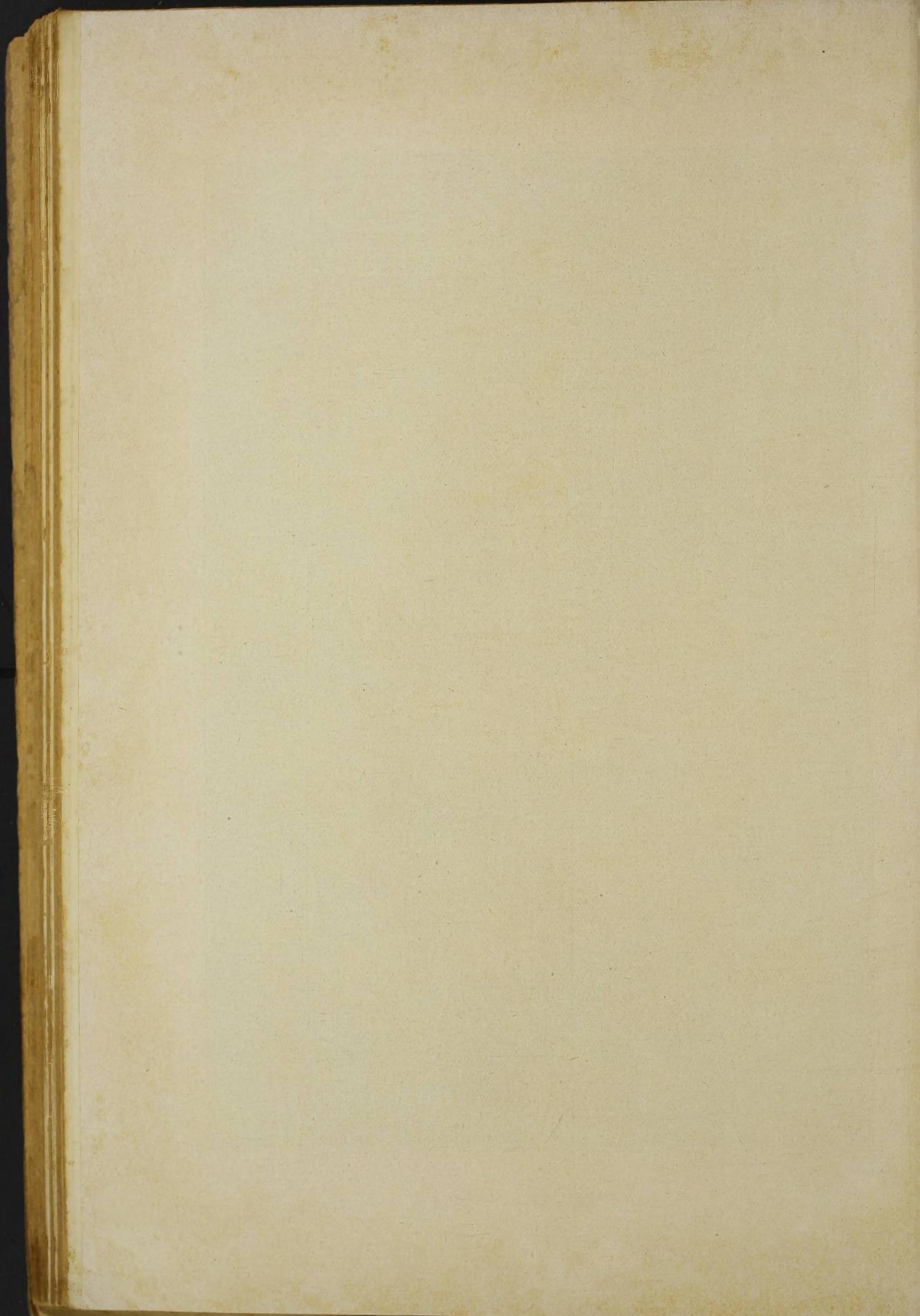


ANGELO CANTÚ — *Retrato*





ANGELO CANTÚ — *Retrato*



Era um tronco sombrio,
Morto de sede á beira da corrente...

Sobre os barrancos asperos do rio
Bebia unicamente
Frescura e seiva — quando o rio erguia
As aguas turvas na explosão da encheute.

Mas então como o triste revivia!
Como vingava o pobre tronco, ufanó,
Numa hora de alegria
A tristeza de um anno!

Soffregamente submergindo n'agua,
Bebia-lhe a frescura;
E ao fundo dessa magua
Nua, infecunda, dolorida, escura,
Folhas brotavam, rebentavam flores,
Reverdecia o tronco...

O' minha pura,
O' minha doce amada! Em meus amores
Sou como essa raiz morta de sede
E que floría de anno em anno apenas.

Raro, raro succede
Que raie em minhas penas
A ventura de ver-te... Passo a vida
Triste, ausente de ti, desconsolado...

Mas basta que te veja o rosto amado
Para sentir minh'alma reflorida.

Versos de moço que tinha vinte annos,
e que era sinceramente, nos seus versos
como na sua vida, um moço... Um moço
que cantava a volta de Setembro tra-
zendo o sol:

Olá, de volta, primavera!
E's tu, bem vejo e se conhece
No céu azul que reverbera,
No campo em flor, que reverdece.

Formoso sol! E' certamente
A festejar a sua volta
Que a natureza impaciente,
A natureza desenvolta

Garridamente se engrinalda
De flores e mostra a riqueza
Dos seus vestidos de esmeralda,
Das suas joias de princeza.

Meu coração, esse estouvado
Que a luz da aurora contamina,
Sente-se prezo e asfixiado
Entre as paredes da neblina.

Mas hoje voltas, primavera,
A' terra, verde e reflorida,
Ao céu azul que reverbera,
A' minha vida revivida...

Noiva do sol e minha noiva...

Quando, a sorrir, surges e tornas
Quando, radiosa e alegre, assomas
No céu, e sobre a terra entornas
As tuas amphoras de aromas;

Meu coração floresce todo,
Por elle todos os risos vêm;
E eu rio, rio como um doudo
E sou feliz como ninguem!

Não era natural que esse moço de
vinte annos fosse triste, e sim que sen-
tisse e cantasse o que a vida lhe dava,
e mais ainda, o que lhe promettia. Mui-
to mais tarde, elle referiu-se áquella

Canção de amor sentida e murmurante
Que eu vim cantando, sem saber si a
[ouviam,
Pela manhã de sol dos meus vinte an-
[nos...;

Velho, resumes a velhice inteira:
Cançado approximar do ultimo sonno,
Bruxoleio de lampada agoureira,
Melancólica tarde em céu de outomno;
Abysmo onde a alma cheia de cansaço,
Dorme dos desalentos carcomida
E para onde me arrasta cada passo
Com que tropeço pelo chão da vida.

Vendo-te, lembra-me a velhice, ó velho!
Sombra que foste aurora e primavera,
Olho-te, e vejo como num espelho
A imagem do futuro que me espera.
Ha de tambem cahir, saudosa e calma,
Sobre o meu dia a tarde merencoria,
E assistirei morrerem na minh'alma
Sonhos de amor, aspirações de gloria.

Em ti bem vejo o que hei de ser, lá
[quando
Para o deante, seduções e enganos
Da mocidade — forem-me rolando
Na correnteza rapida dos annos.
Quando a força vital que hoje me anima
Fugir-me aos frouxos membros — e eu,
[no escuro,
Erguer os olhos pelo céu acima...
E não achar nem astros, nem futuro.

Deve ser triste olhar para os caminhos
Da vida, e ver, na troca das idades,
Flores transfiguradas em espinhos,
Esperanças mudadas em saudades;
Deve ser triste, por um chão agreste,
Desilludido de illusões falazes,
Ir procurando a sombra de um cipreste
Como si fosse um derradeiro oazis...

O poeta tinha, com o presentimento
de que envelheceria, um melancolico re-
ceio da velhice. Hão de comprehendel-o,
e dar-lhe razão, todos os que já vive-
ram, como eu.

Apparecia tambem no "Relicario" uma
outra nota humana — nos versos escri-
tos a propósito de uma creança morta.
Mas o poeta de vinte annos não podia
definir em toda a sua extensão a dôr
causada por essa crueldade da natureza
que é a morte de uma criança. A mo-
cidade pôde soffrer, mas só a vida já
vivida ensina a comprehendêr o soffri-
mento. Os versos a que me refiro fe-
riam apenas, muito de leve, a superficie
do assumpto:

Amanhã tu serás o lodo de um monturo,
Uma caveira a rir um riso de idiota,
E surgirás no limo, e has de ser verme
[impuro,
E has de vir na herva má que a sepul-
[itura brota.

Embora! Terás sempre a alvura do ala-
[bastro
A' vista espiritual de uma illusão ma-
[terna.
Ah, para tua mãe, tu serás sempre um
[astro
Fulgurando no azul de uma saudade
[eterna.

Foi sobre o mesmo thema, mas com alma mais experimentada, e uma arte mais amadurecida, que escrevi, muitos annos depois, o "Pequenino morto". Havia tambem no "Relicario" uns versos, a "Marinha" que acabo de ouvir deliciosamente gorgeiados, na forma definitiva, por uma de vós. A "Marinha" é um documento de que o poeta começara a libertar-se das impressões das leituras, e começava a interessar na sua arte mais o que via do que o que lêra... Mas tal qual sinceridade na emoção e simplicidade na expressão, fidelidade nas imagens e cohesão nas idéas, qualidades essenciaes da poesia vivida, apareciam no "Relicario" ainda com meros prenúncios. E quando foi da reforma, ou da destruição das "Ardentias", em 1909, tive de refazer tambem o "Relicario", de que apenas uma parte, e essa mesma muito alterada quanto á forma, foi conservada no volume dos "Versos da mocidade".

O "Relicario" apareceu em 1888. Mau grado a benevolencia rara com que o festejara a critica, a publicação desse livrinho não me contentou. Eu sentia bem que não tinha ainda adquirido a lingua em que precisava falar. Recolhi-me a um longo silencio de quatorze annos. E só em 1902 publiquei — "Rosa, rosa de amor..." O successo daquelle pequeno poema estimulou-me a reunir em volume o que tinha escripto de melhor; e em 1908 apareceram os "Poemas e Canções". A esse livro eu dei tudo que tinha. Fiz nesse, e por elle, o maximo de que era capaz uma vida tão trabalhada de preocupações de outra ordem. Na terceira edição, aparecida o anno passado, o livro vem augmentado de algumas produções dos ultimos annos, entre elles alguns trechos da "Arte de Amar", poema da madureza, que eu não sei si me restará vida para concluir... Infelizmente não faço versos quando quero, e sim quando elles querem. Quanto á orientação com que procuro encaminhar a minha poesia resumi-a nesta nota á primeira edição dos "Poemas e Canções":

Na escolha das poesias aqui reunidas adoptou o autor como criterio preferir as que lhe pareceram exprimir menos mal, isto é, em phrases simples e corredias, com imagens, sóbrias e mais

ou menos claras e fieis, idéas concebidas com logica, sentimentos sinceros, impressões recebidas. A poesia, como sempre ambicionou o autor deste livro realisa nos limites ao seu alcance, deve ser, antes de tudo cousa que se entenda. Si neste livro ha extravagancias aparatozas, quer de idéas abstruzas, quer de sentimentos artificiales, ou de phrases complicadas, ou de palavras meramente decorativas, a ellas resvalou o autor sem o perceber e a contra gosto; e disso se penitencia humildemente".

Eis, longamente contada, a minha pouco interessante biographia literaria. Quero apenas accrescentar-lhe um traço. Faz hoje precisamente um anno que eu recebi da nossa terra uma comovedora manifestação de apreço, por occasião do apparecimento dos "Poemas e Canções" em nova edição. Foi, exactamente a 10 de junho. A coincidencia é interessante. E desvanece-me receber a tão curto intervallo duas tão expressivas demonstrações de estima pelo teimoso poeta que sou. Creio que á minha teima em rimar devo em boa parte a sympathia de que cercaes e que honra o meu nome. Os poetas precisam envelhecer, e envelhecer fazendo versos. Em nossa historia literaria é commum o caso de poetas que só o foram na mocidade. Quantos, a meio do caminho, desanimam da arte que só por esse motivo não chegam a conquistar! A biographia dos poetas que envelhecem é uma lição a esses desanimados sem razão. Os moços devem ganhar coragem verificando que a tenacidade, e esforço, e os annos, podem levar um poeta desde a poesia informe das "Ardentias" e das tentativas incertas do "Relicario" até bastante longe dellas. E vale a pena insistir. A suave emoção que esperimento, minhas jovens patricias, ao ver aureolados pela vossa estima os meus versos, recompensa de sobrejo os trinta annos de esforço que tenho gasto rimando estrofes e namorando a gloria. Por essas emoções que a vossa generosidade me proporciona, eu, tão orgulhoso quanto agradecido, beijos as mãos...

Vicente de Carvalho.

(D'A Cigarra).

O COMMERÇIO EXTERIOR DA FRANÇA E DO BRASIL

No banquete recentemente offerecido em Paris pelo ministro do commercio e da agricultura aos addidos commerciales acreditados na capital franceza, enalteceu esse ministro, em phrases calorosas, a accção desenvolvida por aquelles funcionários, que, desejando, como lhes competia, produzir obra util aos respectivos paizes, haviam comtudo contribuido tambem, e enormemente, para o reerguimento moral e material da França.

Em verdade, quando os addidos commerciaes estrangeiros faziam nas principaes cidades da França, com intuitos natural e forçadamente egoisticos, a propaganda do commercio, da industria das suas patrias de origem, forneciam ao mesmo passo aos commerciantes e homens de negocios franceses informações preciosas para os seus proprios interesses, incitando-os ao estudo e á observação de novos mercados estrangeiros, que, sendo centros de produção para determinados artigos, eram tambem, para outros, magnificos centros de consumo. Das palavras do ministro Dupeyrat, deprehende-se terem os addidos commerciaes concorrido grandemente para o equilibrio da balança commercial exterior, já quasi conseguido em 1921.

Parecerá estranho á primeira vista que os agentes estabelecidos por cada governo em França com o fito de incrementarem ali a "importação", possam actuar de forma a concorrerem para equilibrar a "importação" e a "exportação" francesas e não, ao contrario, para desequilibrar-as... Os paizes europeus, porém, cujo territorio é, em geral, insuficiente á produção dos viveres necessarios á subsistencia dos proprios habitantes, fundam a sua prosperidade económica no trabalho industrial, pelo qual as materias primas "importadas" se transformam em productos de "exportação". O facto de crearem em França novos mercados consumidores de materias primas, levou os addidos commerciaes estrangeiros a darem á industria francesa novos elementos de trabalho. E como, para a venda facil de taes mercadorias no paiz, aquelles addidos tornavam conhecidas em França as praças de além-mar, "ipso facto" forneciam tambem ao commercio frances possibilidades excepcionaes de collocação commercial no estrangeiro dos artigos de fabricação francesa.

No nosso paiz, como em todas as nações agricolas em desenvolvimento, o phenomeno é inverso. Aqui, nós veinmos forçados a importar, quando não as proprias sementes e os braços para semeal-as, pelo menos as máquinas e os utensilios agrarios que nos permitem arregalar, arar, semear, colher, enfardelar... A nossa exportação depende assim tambem, em maior ou menor escala, da nossa importação. E como as culturas agricolas se estendem aqui por zonas cada vez maiores, é tambem cada vez maior a necessidade que sentimos de obter do estrangeiro os instrumentos de trabalho imprescindiveis á grande obra civilizadora. D'ahi o desequilibrio permanente, sempre desfavoravel, da nossa balança commercial, que só se poderá inverter definitivamente quando a área productiva em exploração alcançar mais de metade da superficie total da Patria.

As condições economicas da França, inteiramente diversas, permitem-lhe, depois de crise grave, equiparar as cifras do seu commercio exterior com facilidade relativa. O capital por ella empre-

gado na compra de materias primas, volta acrescido, outra vez, á nação, logo que, ao fim de limitadissimo tempo, taes materias primas, transformadas pelo trabalho fabril, são de novo enviadas para fóra do paiz.

De acordo com o resumo estatistico publicado agora, as importações francesas sofreram no anno de 1921, relativamente ao anterior, a diminuição imensa de "vinte e seis milhões trezentos e cincocentas e seis milhões e quatrocentos e vinte e quatro mil francos", baixando de francos 49.904.897.000 em 1920 a francos 23.548.437.000 em 1921 — ou seja "menos da metade da cifra total anterior!"

Quanto á exportação, alcançou ella a somma global, em 1921, de francos 21.553.101.000, contra 26.894.938 francos em 1920, ou sejam menos francos 5.341.837.000.

A diferença entre a importação e a exportação, que fôra de 23.009.959.000 francos num anno, já no seguinte se reduziu a 1.995.372.000.

Em relação ao Brasil, são estes os algarismos do commercio frances, em milhões de francos:

Importação

Em 1920 :	881
Em 1921 :	537
Diferença para menos :	344

Exportação

Em 1920 :	362
Em 1921 :	129
Diferença para menos :	233

Conclue-se destas cifras terem sido os saldos "a nosso favor", em milhões de francos:

Em 1920 :	519
Em 1921 :	408
Diferença para menos :	111

No discurso com que o addido commercial brasileiro em Paris, sr. Francisco Guimaraes, respondeu, por delegação de todos os seus collegas, ao brinde do ministro Dupeyrat, frizou esse esforçado funcionario a importancia crescente da missão desempenhada por essa classe especial de agentes representativos, a cuja accão tanto deve o desenvolvimento do commercio internacional. E agora, que o Congresso, após haver tomado conhecimento da limpida mensagem do sr. presidente da Republica, vai refazer o orçamento de despesa, é opportuno lembrar aos legisladores a necessidade de fornecer-se ao paiz, com a reorganização do seu apparelho de propaganda no estrangeiro, com a criação de novos cargos de addidos e da reparição central de informações commerciaes, os meios que tão lamentavelmente lhe têm faltado até hoje, de desenvolver pratica e intelligentemente o seu commercio exterior.

Afonso Lopes de Almeida.
("O Paiz").

VIDA FORENSE

O ciclo do idealismo, mesmo nesta phase grosseira da vida humana, ao contrario do que muita gente pensa, ainda não se encerrou. Hoje, como nos primeiros seculos da civilização christã e na era esplendida da cavallaria andante, ainda ha quem morra por uma idéa e quem padeça por uma crença. Mudou-se apenas o conteudo de uma e outra. Não se põe mais dentro da crença a figura de um Deus, nem se indaga da espiritualidade da idéa. Epoca da "jazz band", que é a expressão musical da doença de São Guido, tudo nos serve hoje, na meia demencia em que vivemos, para exercicio da facultade de renuncia e de ascenção que, ora viva, era adormecida ora visivel, ora occulta, cada um de nós traz dentro de si. Exilados os deuses, cananalisce a fé em disponibilidade para o culto dos programmas em que os politicos desdobram a sua capacidade de cynismo e das promessas de bemaventurança social com que as seitas revolucionarias laudan saí as misérias do rebanho humano. Menos exigentes que os judeus do Exodus, não pedimos que seja de ouro o bezerro a cujos pés deitamos o tributo da nossa adoração. Acetamol-o até de barro e não nos repugna que elle seja, no real ou no figurado, um touro arioso...

Demonstração eloquente desse pheno-meno psychologico ahi está nesse caso foreNSE, que o "Estado" noticiou na sexta-feira ultima, — no caso daquella dama que, por amor a uma boneca, agitou os tribunaes civis e criminaes, afim de obter para a companheira que se apoderou da figurinha querida um aposento na cadeia publica. Na conquista do velocino de ouro. Theseu não gastou provavelmente mais energia do que a dispendida na retomada da boneca, por essa deimandista heroica. A proesa do grego reclamou muito menos obstinação e muito menos sangue frio do que a dôse minima a qual não se levava termo, em nossos dias, com exito ou sem elle, o mais insignificante processo.

Duas causas intentou a dama para adquirir a boneca. Imagine-se quantas não intentaria se, em vez da boneca, lhe houvesse a amiga escamoteado o escolhido do coração, se ella não é das que pensam que os homens valem menos que as bonecas...

O que mais nos admira, nesse episodio, não é a fria intrepidez da dama que se aventurou aos trabalhos e as decepções de dois processos. E' a soberba da que supportou até o fim, por amor da boneca, os intoleraveis incomodos dos ácidos processos e viu, sem desfalecimento, abrindo, a pouco e pouco, para sorvel-a, as portas do calabouço. Nem Abelardo recebeu nunca de Heloisa demonstração de amor tão ardente como essa que uma simples boneca acaba de receber das duas damas que a disputaram. A guerra de Troya, como pheno-meno de aberraçao mental,

mingua de importancia diante dessa batalla foreNSE. Trucidarem-se dois povos pela posse de uma mulher, que era a mais bella do tempo, é loucura, mas, loucura que se comprehende e que, pela sua galanteria, se absolve... Degladiarem-se, porém, duas pessoas na arena dos tribunaes, que é toda sulcada de laminas cortantes, para o domínio de uma boneca, é coisa que ultrapassa a nossa capacidade de comprehensão e de indulgência.

Até agora figurava em primeiro logar, na lista das pendencias curiosas entre mulheres, aquella que, a propósito da maternidade de uma criança, foi sentenciada por Salomão. D'oravante, esse logar pertence, de pleno direito á controvérsia sobre a maternidade da boneca.

Muita gente haverá para quem este episodio não será mais do que uma simples florescencia no terreno judiciario, da roseira do capricho feminino, que é a mais tenaz, a mais prolifera, a mais avassaladora e a mais venenosa das plantas humanas. Entretanto, não é assim. Será antes, parece-nos, manifestação singular da fatalidade e da exhuberancia do amor na alma da mulher. Cançada de amar bonecos de carne e osso, entrou ella a amar bonecas de "biscuit"... E' uma expressão nova do mesmo sentimento que a submette á tyrania pouco asseada dos cães e dos gatos. A sua necessidade de affecções não soffre interrupção, nem disfarce. E' permanente e imperiosa. Parasitafazela, tanto lhe monta um boneco locomovel, como uma boneca estatica — um homem ou uma figura de porcellana.

Nem se diga que é uma extravagancia. Responderia ella que não é: entre a boneca de louça e o boneco de musculos a diferença é muito menor do que se cuida. E' apenas de calor: o boneco temo proprio, ao passo que a boneca precisa que lhe communiquem. De espirito não ha entre os dois diferença apreciavel... ("O Estado").

LEI DE IMPRENSA

A propósito da debatida questão de uma lei de imprensa no Brasil, escreveram os nossos brilhantes collegas d'"O Estado de São Paulo":

"E' preceito eterno de justiça que a todo accusado se devem proporcionar os meios de defesa: na imprensa nacional, contra o que se pratica em todo o mundo civilizado, esse preceito é letra morta. Um homem ferido em sua honra, injuriado, enlameado, coberto de calunias atrozes, achinalhando com requintes de ferocidade ignobil, ou tem que appellar para o recurso terivel do revólver, ou tem que resignar-se a tragar todos os dias uma afonia, a ver todos os das o seu nome rolando nas sargentas. Porque o recurso ás nossas famosas leis, ás nossas magnificas, admiraveis leis, é dispensioso, é lento, é precario, e é quasi sempre contraproducente.

Além de injuriado e calumniado, o infeliz que incorreu na colera de um louco, ou de um malvado irresponsável, tem que martyrizar-se nas agruras, nas idas e vindas, nas chicanas, nas lutas, nas despesas e nas demoras de uma acção judicaria, para, no fim, como cem exemplos têm demonstrado, ver o seu carrasco escapar pelas malhas ou falhas da lei ou do processo, voltar ao pelourinho armado na praça e continuar vitoriosamente na sua faina de perseguição caprichosa, inqua, crudelíssima, levando a dor, a vergonha, a confusão e o desespero a famílias inteiras, inocentes das pretensas faltas de seus membros aggredidos.

Haverá quem desconheça esta situação? E haverá quem a pretenda conservar, como preciosidade inestimável e intangível do nosso património de conquistas liberaes? Não, não é possível que semelhante situação encontre defesa. Só cobardes e miseráveis poderão reclamar para si o direito de viver atufados na irresponsabilidade, como o sapo no charco ou o escorpião na pedra. A máxima responsabilidade é complemento indispensável, é corollario forçado, é consequencia obligatoria da liberdade máxima, — ou então a liberdade já rão se chama senão licença e desordem, e não leva a outra coisa que á tyrannia, mil vezes peor que todas as outras tyrannias, dos pasquineiros armados de audacia e de cynismo.

Ora, a imprensa brasileira, com todos os seus defeitos, pôde peccar, frequentemente, por excesso de paixão, mas não pecca por propósito reflectido e assentado de injustiça e de irracionalidade. A imprensa brasileira ha de apoiar qualquer projecto que tenda apenas a tornar efectiva a responsabilidade jurídica do jornalista, dentro das concepções aceitas e em vigor, — porque esse projecto, convertido em lei, só poderá trazer á imprensa um sensivel accrescimo de respeitabilidade e de autoridade.

Mas .. só disso cuidará o futuro projecto? só de tornar efectiva aquella responsabilidade? só de fornecer meios efectivos de defesa aos offendidos? E's a grande questão!

Se o projecto não passar desses limites, terá o nosso apoio. Se, porém, ameaçar a liberdade de manifestação do pensamento, tendendo a difficultal-a ou entravala de qualquer modo, combatel-oemos com a maxima energia".

"TIRADENTES, HEROE E SANTO"

Em nosso numero de Junho de 1921 inserimos sob este título um estudo do sr. prof. Joaquim da Silveira Santos, da Escola Normal de Piracicaba, neste Estado.

"Inter-America", revista que se edita em New York, fez traduzir para o inglez e em seu numero de Fevereiro publicou na integra esse trabalho, acompanhando-o

das seguintes linhas, pelas quaes se vê o alcance da propaganda brasileira, que assim devemos ao nosso prezado colaborador: "Um movimento obscuro e um grande heróe, quasi inteiramente desconhecidos no mundo que fala inglez, são aqui claramente desenhados. O autor demonstra, ainda uma vez, que o sangue de um martyr pôde ser a origem de uma vigorosa nacionalidade".

A "ARTE DE AMAR"

A "Arte de Amar" de Julio Cesar, que tanto sucesso tem alcançado no Brasil, vae agora firmando a sua reputação na Europa. Em Paris, muitos jornaes se têm referido com carinho ao bello trabalho do nosso illustre poeta.

No "L'Intransigeant" de 24 de Janeiro do anno corrente, na sua secção critica "Les Lettres", encontrámos o seguinte:

"Il y a quelque temps, écrit la "Revista do Brasil" de São Paulo, Mme. Aurel commentait "L'Art d'aimer" d'Odile dans la "Grande Revue" et demandait avec chaleur si un poète français n'opposerait pas un peu de psycholog e affective á ces leçons d'un maître ignorant tout ce qu'il veut enseigner.

Sous ce titre "Arte de Amar", un grand poète brésilien, Julio Cesar da Silva, avait, peu auparavant, réuni des poèmes où la femme est révérée comme elle ne le fut jamais chez les Latins.

Même de loin, l'exemple nous serait ainsi donné d'autre-Atlantique".

BRASIL, MAIOR PAIZ DA TERRA

Bryce, na sua viagem á America do Sul, não se conteve e disse diante do Amazonas: — Que maravilhas fariam aqui os homens do Mississipi! Muitos brasileiros se indignaram com essa phrase, mas em tudo é preciso não esquecer a equação pessoal. O sr. James Bryce é inglez e se tornou celebre estudando a civilisação norte-americana. E' natural portanto, que vendo uma terra tão rica de possibilidades se lembrasse, num momento de expansão poetica, da sua gente tão rica de energia creadora. Mas o proprio publicista inglez reconheceu como nossa esta terra incomparável pela sua grandeza e variedade.

O esforço que a nossa gente portugueza e brasileira desenvolveu para tomar conta deste território sem par é um dos feitos mais notaveis da historia e honra sobremaneira a nossa raça. Os portuguezes dos tempos da colonização e os primeiros brasileiros eram como que predestinados — procuravam ampliar a terra conquistada.

Para alargar o domínio, foi preciso dispersar a população. O povoamento intermitente foi assim a causa da nossa riqueza geographica e da nossa pobreza so-

cial. Os homens dispersos, sem comunicação directa, sem troca de productos, não progridem, e assim tivemos e temos nucleos de população que apenas guardam o patrimônio para os descendentes.

Foi melhor assim. De outra maneira, o Brasil não poderia ter sido grande como é. Para conservar a herança, o império teve de encontrar, na conservação da escravidão, um elemento de solidez para o apparelho social. Ha em toda a historia como que uma teleologia; tudo se conduz como que procurasse uma finalidade.

A dispersão das "entradas" e das "bandeiras" garantio o maior patrimônio da terra e para conservá-la tivemos de governo, a centralisação de direcção e de trabalho. Sem esses elementos, nunca teríamos conseguido a estabilidade, como Rosas não alcançou a restauração do vice-reinado do Prata.

O caso norte-americano é diverso. Os Estados Unidos, grandes como são hoje, são resultado de conquista, de absorção, de compra, de expansão. O Brasil, não. Desde os primeiros tempos da colonização, ficou sendo virtualmente o que hoje é: — o maior paiz do mundo. O maior paiz do mundo que contém todas as possibilidades de riquezas e de progresso.

O Brasil é a maior reserva de matérias primas do globo. E' um paiz que assenta num bloco de ferro e no seu immenso território ostenta uma area florestal sem possibilidades de confronto. Assim oferece todos os elementos para fornecer as utilidades que o homem necessita. A sua terra é fértil, tão fértil que muitos productos dão mais de uma colheita por anno.

No nosso immenso território ha todos os climas aproveitáveis, por que no planalto a altitude corrige a latitude. De modo que para todos os ramos da actividade humana apresenta o paiz condições naturaes incomparaveis. Mas justamente por ser a maior area ocupada por um só paiz e governada por um só Estado, é que a sua situação é particularmente auspíciosa. Os nossos publicistas, os nossos escriptores, os nossos autores de compêndios, todos os que se ocupam de historia e geographia do Brasil ainda não apanharam uma verdade clara, ainda não descobriram até agora que o Brasil é o maior paiz do mundo.

Um "paiz" só pôde ser considerado como tal quando é constituído por uma só "nação", por uma só "nacionalidade", com as mesmas aspirações nacionaes. Para esse efeito, povos subjugados, vassalos ou tributários, não fazem parte do mesmo paiz. Assim a Russia era politicamente um "grande paiz" e está hoje dividida em varias repúblicas, que ainda tendem a outras subdivisões...

O maior paiz do mundo dentro dessa definição é o Brasil. O segundo, os Estados Unidos.

"Paiz" no sentido de nacionalidade, é o território ocupado, sem solução de continuidade por uma só "nação", com o mesmo "Estado", as mesmas aspirações nacionaes, língua, tradições, direito. Das grandes collectividades da terra só o Brasil e os Estados Unidos da America do Norte poderiam entrar em competição. Ora, hoje já é um ponto pacífico de que os Estados Unidos, não contando com território de Alaska, que não é ligado ao seu, formam uma area sem solução de continuidade menor do que a do Brasil.

A Russia foi maior e pode voltar a ser. Mas será maior em virtude de conquistas militares, de compressão política, militar e policial. A Sibéria não é Russia, o Caucaso não é Russia, todos os paizes do Báltico não são Russia, a Ucrânia não é Russia, Vladivostock não é Sibéria e podemos ir reduzindo quasi indefinidamente o antigo território dos Tzares, tão diversas são as suas tradições, raça, idéas, línguas, contingências, nacionalidades...

Com a China dá-se a mesma causa.

Não ha chinez que se considere compatriota de um mandchú, de um mongol, de um thebeteano, de um turkestano... E um mandchú, um mongol, um thebeteano, um turkestano não quer ser chinez... Seria o mesmo do que considerar "hespanhol" um "brasileiro" ou um "portuguez" nos tempos dos Philippes ou inglez um "sinn-feiners" e antes da guerra um tcheco austriaco e um alsaciano alemão... A China, propriamente dita, é a herdeira das grandes tradições, tem 1.501.000 milhões quadrados, apesar de sua formidável população de cerca de 400.000.000 de habitantes... O que constitue o território de 4.287.000 milhas quadradas, maior do que o do Brasil são a Mandchuria (360.000); Mongolia... (1.076.000); Tibet (75.000); Turkestan (600.000); paizes vassalos, tributários ou annexados. A Mongolia é mesmo um paiz autonomo sob o protectorado da China, e essa autonomia foi confirmada ainda recentemente pelo tratado de Kia-khts (1915).

Assim, dentro da nossa definição, o Brasil é o maior paiz da terra. Os Estados Unidos são o segundo. Porque reuniões artificiais de terras e antigos Estados forçados por vencedores de ocasião, mesmo quando prevalecem por muito tempo, não formam caracteristicamente nacionalidade. Vimos, porém, que a antiga Russia já se desfez e que a China dos nossos compêndios não é um paiz uniforme como o Brasil dos nossos mappas. Por isso, podemos proclamar com orgulho que o Brasil é o maior paiz da terra...

Victor Vianna.

(Jornal do Commercio)

AMORES DE DOSTOIEWSKY

Dostoiewsky, ou porque puzesse a mulher acima de julgamentos humanos, ou porque a não considerasse digna de que sobre ella se formulasse um juizo absteve-se de estudar o coração feminino, e até aos vinte e oito annos não conheceu mulheres. O genio arredio que o afastava dos homens, com medo de vulgarizar-se, afastava-o das mulheres, com medo talvez, de ser humilhado, vendo as fáceis conquistas dos frívolos e dos inconscientes. Ou seria dureza de alma, ocupado como andava em dar por terra com os tyrannos?

Sobreveiu-lhe a prisão; esteve a dois minutos de ser fuzilado. Cumpriu destrerro na Siberia, fazendo depois, aí mesmo, o serviço militar. E só então amou aos trinta e tres annos.

No livro publicado na Alemanha pela filha de Dostoiewsky, sob o título *Dostoiewsky geschildert von seiner Tochter*, ha um capitulo consagrado ás mulheres do celebre escriptor, e que a imprensa largamente reproduziu.

Não é, pois, uma novidade, mas poderá ser uma lição, a todo o tempo, para os incospertos.

E' até certo ponto, a confirmação de que os homens de talento não são dos mais felizes com as mulheres, de que a sua ingenuidade é por vezes humilhação nivelando-os com as crianças, de que sua alma simples e boa não tem na vida a compensação das virtudes que a exornam. O genio, sendo incomprehendido, é um suppliciado. Dostoiewsky, no seu convívio com mulheres, foi mais que isso, pois foi um ludibriado.

Devemos, porém, dizer, em abono da mulher, que a culpa foi em grande parte do proprio escriptor, que se entregava nas mãos da primeira que o requestava. Este é o perigo dos que não herdaram as armas de D. Juan, para conquistadores: são conquistados.

E senão vejamos.

A primeira a querer apoderar-se do coração do romancista foi a mulher de um capitão do regimento, que era doente e mal podia fazer o enlevo de uma futil, arvorada em intelectual, como Maria Dmitrinevna. Com o seu romantismo morbido, enlaçou o inexperiente soldado, ornando-o seu amante.

Morto o capitão, serviu-se ella de todas as manhas para induzir Dostoiewsky a tomá-la como esposa.

Vendo que o romancista hesitava, inventa um supposto pretendente, a que devia uma resposta, pois tinha que zelar seus interesses e os do filho. Dostoiewsky aconselha-a a que aceite a proposta.

Mais tarde, é uma desavença com o noivo e a saudade do amigo longínquo. Dostoiewsky obtém licença, no regimento, afim de ir visitá-la e fazer a reconciliação entre ella e o prometido. De posse do amante, declara que, ou o casamento com elle, ou a morte. E ameaça suicidar-

se. Diante de tamanha desgraça... Dostoiewsky não viu outro remedio senão casar-se com Dmitrinevna.

Esta mulher atraírou o futuro marido até o dia do casamento, com um pequeno professor, que sempre a acompanhou, depois, até se aborrecer della. E foi então que, num grito de odio e de desespero, por se ver abandonada pelo amante, lançou em rosto a Dostoiewsky a verdade crua de que nunca o amara, de que só lhe votara desprezo, vendo nela, não o escriptor, mas o homem humilhado pela prisão. E cospe-o de injurias.

Onde foi Dostoiewsky procurar esta mulher, com quem resolveu ligar-se para a vida e para o morte?

No adulterio, fóra de todas as leis. Talvez se illudisse, crendo numa paixão romântica. Mas a paixão não se repete, como se repetiam os homens, nos amores faceis da Dmitrinevna do quartel...

Expulso, entre achincalhos, com quem foi entender-se o romancista, para de novo encher o vacuo de seu coração?

Com uma estudante, dessas estudantes russas, cuja vida é tão livre como a dos rapazes, com os quaes se permittem toda a sorte de camaradagem.

Mas ella fizera-lhe uma declaração ardente de amar, e era nova e bonita. Dostoiewsky de nada mais quiz saber, nem se preocupou com o passado da nova escolhia.

Fazem o projecto de uma especie de viagem de nupcias ao estrangeiro. Negocios de uma revista fazem que Dostoiewsky se demore um pouco mais em S. Petersburgo, e a bella Paulina parte só. Pouco depois, o escriptor recebia uma carta de Paris, em que ella lhe dizia que um francez amavel lhe prendera o coração, e que punha de lado velhos amores.

Desesperado, o romancista corre a Paris, a reencontrar o afecto da menina estouvada. E' recebido a ponta de espada, e regressa triste a S. Petersburgo.

Mais tarde, abandonada pelo amante francez, Paulina escreve a Dostoiewsky, suplicando-lhe que venha agora ter com ella. Desilludido, o romancista respondeu-lhe, aconselhando-a a que procurasse resignar-se.

Ella insiste, e o amigo ahi vem de novo até Paris, mas disposto só a aconselhar resignação.

Mas Paulina entra uma noite pelo quarto de Dostoiewsky, com uma faca de cosinha na mão, ameaçando suicidar-se, tal qual como a outra.

O resultado era fatal, e lá vae elle correr a Itália, em companhia da nova conquistadora, entregando-se ao vicio da roulette.

Como, porém, os inimigos do escriptor fizessem correr o aleive de que o romance *Crime e Castigo*, a que servia de protagonista um estudante, visava achincalhar a classe, Paulina, num espirito de solidariedade exemplar para com os colegas, desligou-se ruidosamente de Dostoiewsky.

Segui-se depois Anna Krukowskaia. Ella era anarchista, e Dostoiewsky fizera-se monarchico, persuadido da necessidade do czar, que promovesse a educação social do povo.

Irmãos em literatura, mas antipodas em política, houve nova separação, e Dostoiewsky ficou outra vez só.

Mas, finalmente, encontrou a mulher que lhe servia. Procurou-a no trabalho honesto; era uma dactylographa, inteligente, que lhe copiava os manuscritos.

Admirou sinceramente o escriptor, suportou com elle dias amargos, administrou-lhe com zelo os rendimentos de seu labor intellectual, proporcionando-lhe vinte annos de vida, relativamente felizes, em meio de dois filhos, que ella lhe deu também.

Dostoiewsky precisou fazer a experiência de quatro mulheres, para no fim encontrar uma ás direitas. Peor seria se nem a quarta o reconciliasse com o sexo... Mas havemos de convir em que a culpa, neste caso, foi menos das mulheres, que da levianidade ou ingenuidade com que Dostoiewsky se deixava conquistar por elles. Fraquezas do genio...

Portanto, o seu exemplo só comprova, até certo ponto, a incapacidade da mulher, para devidamente apreciar os homens de talento, e para os amar...

*J. M. Gomes Ribeiro.
("O Paiz")*

O HOMEM NECESSARIO NO BRASIL

Quem percorresse os Estados Unidos nos primeiros decennios do seculo XIX, ficaria horrorizado com o medonho chaos social que encontraria nesse paiz. Ninguem então poderia imaginar que daquella gestação confusa emergiria a formidavel e esplendida unidade que hoje constituem os Estados Unidos.

De todas as partes do mundo vinham as mais disparatadas raças para a America do Norte, com as mais variadas caracteristicas, com costumes, linguas, habitos e religiões diversissimos. Era aquillo — os Estados Unidos no principio do seculo XIX — um conglomerado heterogeneo no qual ninguem poderia prever a formação de uma consciencia nacional.

De 1820 a 1919 entraram nos Estados Unidos 33.200.103 imigrantes, dos quais 8.205.675 eram ingleses, 5.494.549 alemaes, 4.068.421 austriacos e hungaros, 4.100.740 italianos, 3.311.406 russos, 2.134.414 dinamarqueses, suecos e noruegueses, 834.450 canadenses, 523.806 franceses, 352.883 gregos, 311.404 turcos, 225.030 japonezes e outros em menores contingentes.

O povo americano actual é, como se vê, o composto hybrido dos descendentes de todos esses disparatados elementos componentes. Entretanto, ninguem pôde negar a esse povo presentemente uma

alma nacional, uma perfeita unidade mental e uma completa harmonia collectiva.

Que é que operou o milagre dessa prodigiosa unificação, dessa formidavel fusão tão completa e perfeita?

Foi o colosal apparelhamento educativo instituido nos Estados Unidos, foi essa incomparavel expansão das instituições do ensino, taes como nenhum paiz jamais as possuiu em nenhuma época da historia.

Ha 22.000.000 de alumnos matriculados nas escolas primarias americanas, nas quaes leccionam 650.000 professores e se gastam mais de 550.000.000 de dollars, isto é, em moeda brasileira, approximadamente quatro milhões e quatrocentos mil contos de réis.

No Brasil, até hoje não se comprehendeu que é essa a causa de todos os nossos males — o descaso pela educação do povo. Entretanto, já em 1882, em seu famoso relatório sobre a instrução primaria, dizia o conselheiro Ruy Barbosa: "Ao nosso vêr, a chave mysteriosa das desgraças que nos affligem, é esta, só esta: a ignorância popular, mãe da servilidade e da miseria. Eis a grande ameaça contra a existencia constitucional e livre da nação; eis o formidavel inimigo, o inimigo intestino, que se asylas entradas do paiz. Para o vencer, releva instaurarmos o grande serviço da "defesa nacional da ignorância", servço a cuja frente incumbe ao parlamento a missão de colocar-se, impondo intransigentemente á tibia de dos nossos governos o cumprimento do seu supremo dever para com a Patria".

Nada se fez do que Ruy Barbosa pro-pugnava já em 1882 e por isso o Brasil arrasta ainda e sempre a mesma vida in-gloria.

A America do Norte teve em Horace Mann o formidavel apostolo da educação popular, o genio da propaganda que arrastou o paiz a realizar a colossal acção educativa que ora lá se presencia.

Horace Mann foi o orador eloquente da causa da instrução popular, o pregador, o tribuno da educação. Graças a elle formou-se nos Estados Unidos o grande movimento generalizado que arrastou os seus concidadãos á comprehensão da alta necessidade da educação do povo e dos benefícios da instrução.

Horace Mann conduziu a campanha com ardor e entusiasmo inegualaveis, de um apostolo apaixonado.

O seu entusiasmo, a sua eloquencia e o seu espírito humanitario eram empolgantes.

Dizia elle aos seus concidadãos:

"Como?! Se amanhã vos dissessem que se encontrará uma mina de carvão de pedra rendendo dez por cento, todos correriam para explorá-la; entretanto, ha homens de que poderieis tirar 40 a 50 por cento, se fôssem instruidos, e vós os deixas esterilisarem-se na ignorância. Vós sabeis servir-vos das plantas e dos animaues: de um terreno esteril e arenoso fizestes sahir o trigo, do chacal fizestes

o cão, e tendes filhos de que nada saíais tirar!

"Vós construís hospícios e creaes tribunaes. Para que? Para punir homens que a ignorância tornou criminosos, para recolher miseráveis que não puderam ganhar a vida por falta de instrução. Mas não sós vós mesmos os autores ou os cúmplices inconscientes destes males que tentais em vão impedir ou remediar? Creaes escolas. Acabareis assim com a ignorância, o crime e a miséria. Diminuireis assim os odios e fareis a felicidade e a grandeza da Nação pela prosperidade e moralidade de cada um dos seus filhos".

Eis ahi a voz que devia reboar, sonora e viril, pelo Brasil inteiro para acordar os nossos concidadãos ao cumprimento do grande dever que Littré resumiu na frase: "Toda a moral social resume-se nisto: instrui-vos, instrui aos outros".

Horace Mann devotou-se inteiro á sua propaganda nos Estados Unidos. Em uma occasião elle chegou a falar vinte e cinco dias em seguida deante de auditórios diferentes.

Mas foi sobretudo pela publicação dos seus relatórios, como commissário de Educação, que Horace Mann mais effazemente agiu sobre a opinião americana. As doze memórias que elle redigiu, de anno em anno, constituem um verdadeiro monumento pedagógico. Occupam ellas cerca de mil páginas na edição de suas obras. Essas memórias, editadas em dezenas de mil exemplares, circulavam em toda a parte. Officinalmente dirigidas ao Bureau de Educação, na verdade ellas visavam ao povo americano, a quem era urgente fazer compreender a importância da instrução popular. Eram verdadeiros manifestos escolares, appellos á opinião para reforma e desenvolvimento da educação do povo.

Mann foi o verdadeiro fundador das escolas normaes nos Estados Unidos, que hoje contam mais de 200 dessas escolas. Dizia elle: "Eu considero as escolas normaes como um novo instrumento de progresso para o adeantamento da raça. Eu considero que, sem ellas, as escolas públicas perderiam sua força e seu poder benefício e se tornariam simples escolas de caridade."

Ninguem mais energicamente que Horace Mann formulou a lei da solidariedade que, unindo uma a outra as gerações sucessivas, faz da instrução universal uma dívida social, que a nação deve solver tomando a seu cargo todas as despesas das escolas. E' o que elle formulava nas seguintes proposições:

"1.ª — As gerações sucessivas dos homens, tomados collectivamente, constituem uma grande comunidade.

2.ª — De todos os bens que ella posse, esta comunidade é devedora a todos os seus filhos, tendo em vista uma educação que seja tão desenvolvida quanto baste para os pôr ao abrigo da pobreza e do vício, e para os preparar a cumprir

conveniente mente seus deveres cívicos e sociais.

3.ª — Os detentores successivos destes bens não são senão depositários, obrigados pelo dever mais sagrado a executar fielmente seu mandato; subtrair tais bens ao seu destino, á educação dos menores, isso não é menos criminoso para com os descendentes, e o seria muito mais, que não o são as violações do mesmo gênero para com os contemporâneos."

Mario Pinto Scrua.

(“A Patria”)

"A LAMPADA VELADA"

Hermes Fontes perdeu o entusiasmo que lhe inspirava a contemplação do mundo externo. Astros, céos, mares e terras, a fauna meúda que parasita o homem, tudo, afinal, que, de começo, foi o grande motivo da sua arte passou para sempre, e o poeta cerrando os olhos pôde ver quão mais digna é a belleza íntima e espiritual que sae da alma em gottas de eterna alegria, segundo se compara no verso celebre de Keats.

Pôde-se agora através dos seus poemas recompor-lhe o drama da vida, porque, pela primeira vez, a sinceridade falou mais alto, deixando perceber aos olhos estranhos que a musa da "Lampada Velada" foi a Dôr, inspiradora infallivel de toda a grandeza, vara de gloriosa magia, cujos prodígios são o encanto da existência humana.

Nas "Apotheoses" era uma creança aturdida pelo resplendor da natureza, cantando ambientes, escandindo lôas ao sol, como um selvagem no coração da floresta a render culto ás forças brutas que não comprehende. Simples movimento da consciencia infantil, que, no entanto, foi bastante a revelar no poeta talentos incomuns de rythmos novos, originaes e livres na concepção e na fórmula, do que dá testemunho a palavra severa de Bilac. Todo elle vibrava de commoção perante o mundo phisico, feliz pela visão, inexperiente dos males da existencia que representam, em ultima analyse, a unica verdade e por conseguinte a belleza unica. Mas o embevecimento desfez-se porque era transitorio, como transitorios são os proprios phenomenos que o provocaram.

A intelligencia não pôde ficar perdida no gozo ephemero dos aspectos naturaes, sem que lhes imprima a alma, a sua propria feição, os mysterios tristes e as influencias sedutoras. O que, apparentemente, está numa combinação de cores do céo, na majestade das aguas, na magnificencia das montanhas, reside, em realidade, dentro do nosso espirito, medida racional das coisas universaes. O mundo é uma projecção do individuo, e delle volta o homem para si proprio, incontente do espelho em que a sua alma se reflecte, procurando o fundo do coração, que é a boceta real de Pandora, donde todo o

bem dimana e todo o mal provém. Hermes Fontes fez qual o derviche do conto. Sahiu-se á aventura de percorrer o mundo e, depois de muito andar, considerando que tudo era mal, voltou ao silencio do deserto, sem outra companhia que o seu proprio pensamento. E desde então começou a crescer.

“Lampada Velada” é o livro da contemplação interior, que o poeta amadureceu nos pezares da vida, assistindo á morte lenta das aspirações de gloria que animam a gente ao entrar nos scenarios das letras ingratas. Bem o diz o nome que lhe deu. A lampada é o symbolo do Ideal que não morre, mas se attenua sob o véo do recolhimento. No inicio, eram “Apotheoses”, altos clangores de entusiasmo, rubras esperanças de amor, ansias gritantes de victoria immediata. Mas desgraçadamente a natureza é a eterna inimiga: não proporciona as condições physicas do individuo com a elevação do seu intellecto. Cerceia a probabilidade do exito absoluto dentro de uma minucia ridicula de conformação. Encerra o estro de Virgilio numa gaguice invencivel, torce o pé a Byron e paralysa as pernas a Heine em pleno vigor de uma mocidade dominadora. O exercicio do pensamento enfeia, dil-o Oscar Wilde, e eu adeanto que só a imbecilidade consente a formosura integral. No entanto, reconheço que o segredo da amargura de muitos espíritos superiores reside na consciencia duma inferioridade minuscula que aos seus olhos assume a feição de um desastre irremissivel. E nisso pôde o critico encontrar o fundamento das tristezas desarrazoadas de quantas estrophes eternizam a beleza suave dos crepusculos, dos sentimentos reconditos, das queixas dissimuladas contra a rudeza inclemente dos destinos.

Adivinho na “Lampada Velada” a tragedia constante da desillusão, sobrevinda dia a dia, nas lutas asperrimas do meio, no trato diurno dos homens, do qual, na voz de um santo padre, o homem volta sempre menos homem. Hermes Fontes foi neste seu livro verdadeiro consigo e com os outros. Disse, poeta soberbo que é innegavelmente, a sua magua com muita força de communicabilidade, impondo-a aos seus leitores, que della chegam a participar como se propria fôra. Ninguem sentirá sem doce perturbação o influxo da luz amortecida que deixa o espirito na penumbra da piedade pelo que soffreu e cantou o seu sofrimento. Maior é a sympathia pela musa de Hermes Fontes, quando se a percebe despida daquelle aspecto formidavel de philosophia materialista, producto das leituras baratas de Haeckel e Buchner. Eu temo a erudição na poesia. Principalmente a erudição de espantalho, que entra fundo no estrambótico dos nomes para impôr de verdadeira e estupefaciente. Hermes, no caminho para a perfeição, comprehendeu o horror de ser corrido em coisas de Darwin e, despreocupando-se das origens tumultuarias dos planetas e dos homens, passou a cuidar de si, da sua maneira de entender

a vida, com a multiplicidade dos seus males que são, bem pensado, o seu supremo encanto.

A “Lampada Velada” é a obra natural de Hermes Fontes, a que ficará ligada ao seu nome, para consagral-o poeta entre os vindouros que souberem ler. Sim, porque eu duvido muito que a humanidade do futuro se apoquente com as coisas ingenuas da poesia de todo o tempo. Acho que a obra de Cadmus e Guttenberg está destinada ao desapparecimento, desde que Edison descobriu o phonographo. Daqui a cinco mil annos, tudo estará reduzido a disco, no mundo do pensamento. Os livros precisarão de Champollion, porque o alfabeto de hoje passará a ser o mais detestavel dos hierogliphos. Pois bem. Se algum sabio de boa vontade nessa época remotissima do futuro quizer dar aos seus contemporaneos uma amostra phonographada do que era a poesia no Brasil, no seculo da electricidade, de par com o “Não é assim que se maltrata uma mulher”, da musa carnavalesca, imprimirá o “In extremis” de Olavo Bilac e a “Odyssea” de Hermes Fontes. E os homens ineptos confundirão os tres no mesmo aplauso sincero.

Mas deixemos a antevisão da velhice do planeta, que Anatole prophetizou, com tão grande arte, no seu “jardim” immortal. Baste-nos saber que os que amam a belleza encontrarão na “Lampada Velada” muito alimento á sua sede de emoções. Queima nella o azeite da desillusão, que sempre conservou a chama da verdade. Só os homens felizes sabem mentir. Os que amargurados se retiram, contentando-se com a realeza dentro da sua Dôr, nada dizem de falso nos versos, que distillam a modo de lagrimas. Leiam a “Lampada” os amantes dos bons livros e dos bellos versos. Talvez ella tenha as virtudes da que possuiu Aladin e possa ao simples contacto das mãos desvendar cavernas mysteriosas de preciosidades immensas. Apreciei o poeta evoluindo francamente para a sua derradeira feição de lyrismo temperado. Permitta o Senhor que elle a alcance dentro em breve para honra do nosso tempo. Poeta de nascimento dos que não poderiam pensar sem metro, Hermes Fontes conquista com “Lampada Velada” um lugar mais alto na cadeia dos nossos cantores, onde, infelizmente, os cimos escasseiam. Por isso a Academia Brasileira de Letras não o escolheu sabiamente para o seu gremio. Os literatos de valor precisam estar em minoria, na gloriosa associação, a bem dos seus creditos de competencia. Houve, porém, cinco homens simples que votaram em Hermes Fontes. Feliz a Academia de tel-os. A falta de cinco varões justos, Sodoma e Gomorrha foram devoradas pelo fogo do céo. Desgraçadamente, esse punhado de louvaveis furtou a Hermes Fontes a maior consagração: o nome em branco na lista dos seus illustres competidores.

Austregesilo de Athayde.
(“Correio da Manhã”).



DEBATES E PESQUIZAS

A PURIFICAÇÃO DE SAPHO

... Sapho não foi uma cortezã. Sapho foi uma dama mui grave, mui respeitável, mui apegada aos seus avoengos e até muito intransigente no que respeita a bons costumes.

Para nol-o demonstrar, o sr. Theodor Reinach, membro do Instituto de França, começa por destruir a antiga biographia peccaminosa. Logo, constrói a nova, honesta e austera. A primeira parte não é difícil. Os primitivos biographos da illustre poetisa, athenienses do tempo de Pericles, desconheciam por completo os costumes de Lesbos e não sabiam tampouco o que, dois seculos antes, havia sido a existencia das hetairas. Para elles, uma mulher que, em suas poesias, exaltava as paixões com franqueza absoluta, não podia ser sinão avó de Aspasia. Basta, porém, estudar a historia de Mitilene, para se saber que naquelle ilha bemaventurada as cortezãs não occupavam nunca a posição que se lhes concedia na Attica e que lhes permitia, na epoca de Alcebiades, figurar como companheiras respeitadas de seus amantes. "Não ha exemplo — (diz o nosso cicerone) — de que na Grecia classica e, menos ainda, na Grecia archaica, uma mulher de bom nascimento, e com maior razão, uma mulher de familia nobre, fizesse profissão de galanteria em sua propria patria. No seculo VI, mesmo nas cidades mais indulgentes, a posição social da cortezã era humilima: quasi todas eram escravas e muitas dellas estavam a serviço dos grandes santuarios". Depois de falar assim, Reinach pergunta si é porventura possível que em taes condições Sapho tenha sido peccadora... Porque a alta prosapia da musa lesbiana é indiscutivel. Os eruditos allemaes Welcher e Muller demonstram que, nascida em Mitilene, ella se casou muito joven e enviuvou em pouco tempo. Suas poesias não falam de seu marido. Em compensação,

falam de sua filhinha Clevis, a quem adorava. Um de seus irmãos era copeiro no Pritaneo, o que claramente significa linhagem e muito boa fortuna.

Outra prova de nobreza é que, ao cahir o governo aristocratico, o dictador plebeu Pittacos desterrou as principaes familias, entre as quaes se achava a de Sapho.

Tudo isto, si bem que baseado em conjecturas mui plausiveis, podia prestar-se a que alguem objectasse:

— Muito bem: a dama era de linhagem e rica... Ademais, é certo que tinha uma filha... Porém, demonstra isso que fosse casta?... Já é algo estranho que nada se saiba de seu marido. Além de tudo, porque não havia de poder ser, já que não uma hetaira, ao menos uma aristocratica cultora do amor livre?... Em todas as epochas e em todos os paizes, têm havido filhas de mui nobres berços, cujas aventuras têm assombrado o mundo.

E por saber apenas o que Müller e Welcker nos ensinam, teríamos que responder a quem assim nos falasse:

— E' certo...

* * *

Aqui, porém, nos encontramos onde os novos panegiristas da musa nem si quer aceitam que ella tenha tido amantes.

"Em suas poesias — diz o sr. Reinach — não cita nenhum." Nos fragmentos que possuímos não ha, com effeito, nomes. Mas ha amor, ha uma febre magnifica de amor muito humano, muito directo, muito pouco casto, muito exigente, muito devorador. O que não haveria em suas obras destruidas?...

Por que se não deve perder de vista que o que dos antigos se conserva é o que escapou ás chamas inquisitoriaes dos religiosos de Byzancio. O proprio papa Leão X escreve, não sem nostalgia: "Ouvi dizer em minha infancia a

Demetrios Chaleondyle, homem muito sabido nas letras gregas, que alguns sacerdotes christãos haviam tido credito junto aos imperadores bysantinos para obter delles o favor de queimar por completo um grande numero de obras dos antigos poetas gregos que continham pinturas amorosas e sentimentos licenciosos e que assim foram destruidos os comicos Menandro, Difilo, Apolodoro, Filemón e Alexis, e os lyricos Sapho, Erina, Anacreonte, Mimnerme, Bion, Alemain e Aleco. Substituiram-nos pelos poemas de nosso Gregorio de Nazlanze, que embora se inspirem em sentimentos religiosos, não podem, sem embargo, pretender chegar a uma elegancia tão attica". Mas emfim, com relação á nossa musa, devemos confessar que o que de suas poesias nos resta basta para nos fazer ver o fundo insaciavel de sua alma enamorada. Enamorada de um só homem, de um esposo unico?...

Os que querem nol-a apresentar qual a mais honesta burgueza, mãe de familia exemplar, terna filha e irmã solícita, chegam até o extremo de nos replicar: — "Sim, de um só esposo..."

* * *

Em que fundam tão arriscada opinião?... Nada mais que em uma ode descoberta ha poucos annos pelos eruditos allemaes Grenfeld e Hunt. Eis aqui essa composição:

"Oh! Cipris e vós, Nereidas, dáe que meu irmão volte aqui são e salvo e que os desejos de sua alma se realizem. Si peccou em outro tempo, que se olvide tudo isso: que de hoje em deante seja uma alegria para os seus amigos e uma affeição para os seus inimigos, ou melhor, que não tenha nunca inimigos, si isto é possivel. Que se vote a fazer com que se rendam a sua irmã as homenagens e honras que merece; que olvide por completo as sombrias humilhações que antes o entristeceram e me arrancaram a mim o coração. Quando escutava as palavras injuriosas que, em meio dos festins, mordiam ao vivo a sua carne e apenas desvanecidas, tornavam a elevar-se"...

Para dar a esta ode o alcance que desejam os srs. Reinach e companhia, temos que aceitar como veridica outra lenda poetica, relativa a seu irmão, que os chronistas gregos nos referem nos seguintes termos:

"O bello Charaxos, irmão de Sapho, amava a corteza "Cara de Rosa" e era amado por ella. Ia frequentemente ao Egypto para vel-a. Em uma dessas viagens, "Cara de Rosa", sentada, olhava o Nilo e buscava no horizonte a vela do navio que conduzia Charaxos. Um de seus sapatinhos havia sahido de seu pé impaciente e brilhava sobre a alfombra; viu-o uma aguia, colheu-o com seu curvo bico e remontou aos ares.

"Achava-se nessa occasião o rei Amasis em Neucratis, onde estava a sua corte e o rodeavam os principaes digni-

tarios. A aguia que havia levado o sapatinho de "Cara de Rosa", sem que esta soubesse, deixou-o cahir sobre os joelhos do Pharaó, que experimentou natural surpreza. Jamais havia visto sapatinho tão pequeno e tão lindo. Propôz-se, em seguida, o monarcha averiguar a que pé correspondia o calçado, e fez experimentar o sapatinho em todas as mulheres de seu domínio. Nenhuma pôde calçá-lo, a não ser a sua verdadeira dona. O rei se enamorou de "Cara de Rosa" e quiz que fosse sua amante... Julgamos que ella permaneceu fiel ao belo Charaxos."

Si temos de crer em Reinach, com effeito, todos esses peccados passados que a poetisa atira á face de seu irmão, não são sinão suas velleidades de casar-se com "Cara de Rosa", a quem havia comprado como escrava para convertê-la pouco a pouco em sua dona e senhora. E naturalmente, Reinach acrescenta: "Si Sapho se montre à ce point sensible tout ensemble à l'inconduite de son frère et à la réprobation motivée por cette inconduite, comment admettre un instant qu'elle n'ait pas été innocente des débordements publics dont la comédie athénienne chargea sa mémoire? Comment surtout admettre que ses contemporains, ses concitoyens aient rangé parmi les courtisanes cette femme de haute race, gardienne vigilante, jalouse, ombrageuse, de l'honneur de sa famille?"

Certo. Uma dama que tão intransigente se mostra com um irmão amado só para o castigar por ter querido unir sua sorte á de uma corteza, não podia nunca nos parecer capaz de praticar o amor livre, nem de ter aventuras. Porém, é, acaso, seguro que as censuras crueis da ode se referem só áquellas relações com "Cara de Rosa"? Notemos, desde logo, que os amigos de Charaxos "o injuriaram" nos banquetes "por causa da sua conducta".

Entre homens, no entanto, não é, nem tem sido nunca motivos de injuriar o acto de querer casar-se com uma concubina. Logo, não esqueçamos que Charaxos, ainda que de nobre familia, commerciava em grande escala, possuia barcos, exportava e importava, e, em uma palavra, manejava enormes cabedais. Porque, nesse caso, não havemos de crer que "as sombrias humilhações" poderiam ter origem em alguma bancarrota, melhor do que em um episodio sentimental?... Mas, emfim, por não contradizer ao sr. Reinach e a seus discípulos, eu não vejo inconveniente em aceitar sua these, imaginando a musa lesbiana tão inimiga das "mesaliances" qual uma duqueza dos tempos de Luiz XIV. Em seu orgulho indomavel, vejo-a mui bem erguendo-se contra a idéa de que uma escrava galante entre a fazer parte de sua familia. Apenas, ou muito me engano, o que mais a offende não é o galante, mas a escrava.. .

* * *

Acceitemos, pois, que Sapho não foi cortezã. Seu contemporaneo Alceu, ao falar della, chamou-a: "a casta musa, a dos risos de violetas, a do sorriso de mel". E si vamos dar credito a Grenfel e Hunt, isto de "casta" não é simples lisonja. Já na antiguidade um critico havia dito, falando da Poetiza, que tudo nella era idealismo ou pensamento e que seu cenaculo podia comparar-se com o de Sócrates. Reinach, porém, vae mais longe e assegura que não só não teve amantes a divina poetiza, como até as fogosas caricias que faz a suas bellas amigas, os jovens que lhe inspiram os mais doces madrigaes, são puros brinquedos de meninas, mui affectionados, mui cortezes, mui hellenicos e mui honestos. E' acceitavel? Sem citar de novo os hemisticchios de fogo dirigidos "A uma mulher amada", parece-me que até os mais curtos fragmentos que de suas obras nos restam, têm um auento de sensualidade que embriaga. Eis aqui alguns versos dispersos que só se unem entre si pela so-dadura da paixão e do desejo:

"Quero cantar por minha bem amada um canto agradavel."

"... Então minha lyra divina fala e adquire uma voz."

"... A cigarra produz com suas azas um ruido harmonioso, quando o sopro do estio, voando sobre as messes, queima-as... Assim, eu canto queimada pelo sopro do amor..."

"Eu retorço meus membros em um brando leito;

"A lua se banha no mar,
"E nella as pléyades; a noite está em sua metade.

"A hora passa.
"E eu estou acostada, solitaria".

"O amor, que quebranta os membros, vem a agitar-se de novo; serpente doce e cruel que não pode destruir-se!"

"Por mim, amarei a voluptuosidade enquanto tenha a dita de ver a luz brilhante do sol e de contemplar tudo o que é bello..."

"O amor rompe a minha alma como o vento abate as cumieiras nas montanhas..."

"Teu talhe é semelhante a uma palma... Ao som de tua voz minha alma se funde... eu pasmo de amor..."

Tudo isto é casto como o pretende Alceu?... E' puramente ideal como o assegura Maximo de Tiro?... Não. Até no mais breve, no mais insignificante, no mais impersonal desses versos soltos, se sente o forte aroma de fervor carnal, de religiosidade amorosa que distingue de seus compatriotas de todos os seculos aquella mulher singular, enamorada da paixão tanto como do prazer. Que diferença entre sua concepção absoluta, irreflexiva, tyrannica e humilde do amor, e a dos convivas do Banquete, tão donos de si mesmos, tão gallantes, tão capazes de discretear, mesmo nos momentos de maior entusiasmo sensual! Melhor que uma pagan contemporanea de Anacreonte, parece uma italiana do Renascimento, digna de sabo-

rear com deleite o que o desejo tem de mais subtil, de mais enfermiço, de mais fundo, de mais mysterioso. Que digo! Com as mesmas santas que desmaiam de mystico arrebatamento, pode comparar-se aquella extraña pagan! Neste ponto, os antigos biographos são mais perspicazes que os novos. Um delles, depois de citar certas paginas de Santa Thereza, que tem como um sopro de loucura igual ao da "Ode a Cipris", escreve estas significativas palavras: "Vê-se bem que só muda o objecto do amor, porém, que é o mesmo amor, o mesmo ardor, os mesmos transportes. Sob o céo de Hespanha, cheio de sol, como sob o céo da Eólida, nesse ar doce e perfumado — seja depois dos banquetes coroados de rosas, onde se embriagam com vinho de Lesbos, em meio de canções e de lyras, ou junto a essas jovens do clauстро, que debilitam o cerebro, excitado pelos cantos do orgão e pelo silencio; seja nas bellas ilhas do mar Egeo e do mar Jonico, verdejantes, como dizem os poetas, de espessas sombras inimigas da innocencia, ou nesses conventos de Avila e de Alba, tambem de sombras mysteriosas; nos pateos dos monasterios cheios de sonhos, ou nas discretas cellas — como defender as almas ou os sentidos contra a paixão, erotica ou seraphica, e contra os dardos inflamados?" E accrescenta, com um bom senso que não possuem os mais modernos glosadores das odes: "Esta mulher, em uma pa'avra, não foi mais que amor. Amor ideal ou amor sensual? Em seu tempo não se faziam distincções. Não se sabia outra psychologia que a de Homero, que mescla e confunde sem cessar, mais philosophicamente do que se pensa, o estomago e o coração, os sentimentos e os appetites. Todavia, Platão não havia chegada ainda para isolal o espirito na cabeça, a força no peito e relegar ao ventre os appetites, pouco mais ou menos como em sua republica aristocratica relega para o terceiro plano o povo obreiro. Pelo anno 590 antes da nosso era, não se sabia analysar tudo isto e, na poesia, como na vida, não se subtilizava o amor. Sapho amou, pois, á maneira de deuses homericos; mas, sem poder, como Jupiter sobre o monte Ida, quando encontra Juno ornada com a faixa de Venus, envolver-se numa nuvem de ouro". Nessa mescla confusa de idealismo e de sensua idade, nessa chamma interior que funde e confunde a ternura e a luxuria, é precisamente no que se estriba a sublime graça desta mulher que, saltando por sobre as religiões e as raças, se approximou ao alvorecer da civilização hellenica das que mais tarde haviam de saber agonizar de prazer e fervor.

E não se trata das tragicas agonias que conheceram as heroínas do theatro grego. as Fedras, as Nedéas, as Clitemnestras. Não. Entre os dois polos do amor antigo: o polo risonho do prazer e o polo terrivel do crime ou do martyrio, só ella, a Musa, encontra o divino termo medio de onde se exhalam

já todos os sublimes suspiros que mais tarde immortalizarão as amantes legendárias. Como é possível, tenho me perguntado mais de uma vez lendo a ode a Afrodite, como é possível que os que buscam mães a Heloisa, a Francesca de Rimini, a Cleopatra, á doce Julieta, ás almas mais ternas e mais fogosas, ás mais completas na sublime complexidade do querer sem limites, não tenham pensado na divina Sapho? Os gregos chamararam-na — Ella — em signal de adoração. Nós poderíamos canonisal-a como verdadeira patrona das que têm santificado o amor e, si se quer, até a luxuria. Porque, por mais que queiram os eruditos fazel-a parecer uma especie de abadessa de convento ou de mestra de escola, não lograrão nunca acostumar-nos a tão peregrina visão. Que não seja uma cortezan, aceitamolo. Que seja uma boa burgueza, não, não...

* * *

E' curioso o quadro que Reinach traça para collocar ao centro Sapho purificada. "Algumas damas que por viuvas ou por terem empobrecido tinham que procurar occupações para os seus ocios — disse — souberam reunir em seu derredor, talvez na forma de associações religiosas, enxames de moças que foram para elles amigas e discípulas, e ás quaeas comunicaram não só seus conhecimentos musicais e poéticos, como também suas graças refinadas e seus nobres ideaes. Sapho não foi a unica que teve uma destas "casas de musas" segundo sua propria expressão: "O nome de duas de suas emulas chegou até nós e Sapho lhe faz, a uma delas, a cruel censura de não saber vestir-se com elegancia".

Estas instituições femininas não eram desconhecidas em outras comarcas helénicas. Reinach reconhece que desde os tempos archaicos existiam na Lacedemonia. Seu verdadeiro apogeu se encontra, porém, em Mitilene, no seculo VI, que chegou a possuir institutos poéticos aos quaeas as famílias ricas das ilhas vizinhas e até de paizes remotos e barbaros, mandavam suas filhas para aprenderem os segredos da musica, da poesia, da elegancia e da seducao. Havia nessas escolas algo de convento aristocratico, á maneira franceza, algo de conservatorio artístico e tambem de club elegante com os que existem na Inglaterra e nos Estados Unidos. "Uma estreita e terna amizade — accrescenta Reinach — unia as alumnas entre si e ás mestras. Uma directora secca, beata, severa, havia feito murchar em flor as tendencias affectuosas daquelle enxame, dando-lhe um carácter claustral. Por fortuna, a superiora de Mitilene, a nosa, não tinha nada de insociavel, nem de desagradável, sinão o contrario". E' muito agradável a imagem physica que de Sapho nos traça nosso douto cicerone. Eil-o aqui no original para que nada perca do seu encanto:

"C'était une petite femme brune, vive, de belle humeur et de franc parler, tressaillant à toutes les émotions de la nature et du cœur, malicieuse avec grâce, aimante avec fougue, de plus poëtesse inspirée, musicienne accomplie et novatrice, reflétant dans son âme et dans son langage tout le charme de cette île enchanteresse où le ciel et la mer célèbrent un mariage perpétuel. A l'égard de ses jeunes compagnes, son attitude n'est pas celle d'un pedagogue, mais plutôt celle d'une sœur aînée qui fait de cette vie commune, trop brève, l'bole indulgente de leur maturité, qui couve, avec une sollicitude de tous les moments, l'élosion de leurs perfections corporelles et morales. L'ardeur dont elle célèbre leurs progrès, la véhémence dont elle gourmande leur paresse, quand les roses de Piérie les laissent indifférentes, la douceur qu'elle trouve à communier avec elle dans toutes ces réjouissances naïves que la religion grecque imprégnait et sanctifiait de sa beauté, la blessure de son affection lorsqu'elle ne rencontre pas dans un de ces jeunes cœurs tout l'écho réclamé, par le sien, le déchirement des séparations ultimes, soit lorsque la mort prématuée fauche une de ses aimées au passage, soit à l'heure inévitable où la fleur, épanouie par ses soins, est cueillie par le fiancé conquérant et parlois transplantée vers de lointains rivages — tout cela forme là trame d'une existence sentimentale, à la fois très simple et très riche, dont la pareille n'a pu se produire que pendant certains courts intermedes de la Renaissance italienne, et plutôt encore dans le rêve que dans la réalité".

Já vêdes que nada pode ser mais ternoo, mais sentimental, mais affectuoso e ao mesmo tempo mais puro. Reinach tem grande empenho em convencer-nos de que o que atravez dos seculos se tem chamado "amor saphico" e "amor lesbiano" não tem nada que ver com Lesbos nem com Sapho.

"Quest-ce qu'il en sait?" — podemos perguntar-lhe, repetindo uma frase famosa... Porém, elle nos responderá citando odes de nossa grande poetiza, descobertas recentemente e dedicadas a antigas discípulas suas. Uma destas poesias diz:

"A meude, desde Sardas, sua cidade natal, seu pensamento se volta para nós;

"Para a vida que vivemos juntos. Tu sabes que Arignota te considerava qual uma deusa e que tua canção a encantava mais que nenhuma outra;

"Agora brilha entre as mulheres de Lidia tal qual se vê brilhar a lua, quando o sol se põe;

"Dominando todas as estrelas e deramando sua claridade sobre o mar salgado e sobre os campos floridos.

"Sem embargo, Arignote vae e vem, inquieta, sonhando com Athis amavel.

E uma languidez roe seu espirito subtil, e a tristeza morde seu coração.

"Com voz aguda, ella grita nosso nome, chamando-nos, e a noite nos traz, atravez os espaços marinhos, seu lamento incomprehendido".

Pode dizer-se que nesta ode não ha sinão affecto amistoso como o assegura o nosso cicerone?

Eu, na verdade, não me atreveria a ser tão bem intencionado.

Reinach, porém, em seu desejo de suprimir todo peccado, nos faz a subtil explicação seguinte, que prefiro não traduzir para lhe não tirar nada de sua engenhosa elegancia historica:

"L'amitié de ces femmes d'élite s'exprimait avec d'autant plus de ferveur et d'abandon qu'elle ne supportait pas la concurrence de l'amour. On sait d'ailleurs que dans la Grèce archaïque, l'amour sentimentale entre les sexes apparaît aussi rarement dans la vie que dans la littérature. L'esprit analytique des hommes d'âge semble avoir considéré comme contradictoire la réunion, sur un même object, d'une affection vraiment élevée et d'un penchant commune à l'homme et à la bête, la matérialité inhérente à l'un semblait vicier irrémédiablement ce qu'il y avait dans l'autre de noble, d'éducatif et de généreux. De là l'importance prise par ces attachements, tantôt plus tendres, tantôt plus heroïques, entre personnes de même sexe, mais d'âges différents. Et si l'on s'étonne de recontrer parfois dans la poésie saphique, à côté des sages conseils de l'amitié la plus pondérée, l'invocation d'Aphrodite et d'Eros, des paroles de feu et de fièvre, des orages et des tourments tout pareils à ceux de l'amour, on n'a qu'à relire quelques lettres de Madame de Sévigné à sa fille pour savoir comment sous notre doux ciel de France, loin des étés embrasés et des parfums grisants de ces îles de la Grèce".

("Nosotros", de Buenos Aires).

E. Gómez Carrillo.

Paris, 1921.

A EXPLORAÇÃO DAS NOSSAS RIQUEZAS FLORESTAIS

A exportação de madeiras attingiu, no anno passado, a 109.499 toneladas contra 125.394 em 1920, 103.324 em 1919, 181.799 em 1918 e 20.310 em 1913.

O valor correspondente foi de réis 17.977:000\$000 em 1921, 20.483:000\$ em 1920, 13.317:000\$000 em 1919, 21.000:000\$000 em 1918 e 2.021:000\$ em 1913.

Convertido em moeda ingleza, esse movimento representou 619.000 libras esterlinas em 1921, 1.198.000 em 1920, 806.000 em 1919, 1.139.000 em 1918 e 135.000 em 1917.

Assim, a nossa exportação de madeiras ainda é pequena em relação ás nossas riquezas florestaes, cuja exploração ainda não é systematica e intensa. Mas

em relação ao commercio anterior á guerra, não é possivel esconder a progresso realizado.

Conquistamos os mercados do Prata, e convem que saibamos mantel-los, expandindo ainda mais as nossas vendas. Na nossa exportação de madeiras predominou nos ultimos decennios a pinho dos Estados do sul destinado ás Repúblicas do Prata; mas com a suspensão da navegação para os paizes europeus em que se supriam, os paizes vizinhos tiveram de augmentar os campos no Brasil.

O Brasil exporta principalmente pinho, cedro, Gonçalo Alves, jacarandá, pão-Brasil e Sebastião Arruda.

O acapú sae do Pará para Portugal; o cedro, do Pará, Paraná e Rio Grande para a Argentina, Estados Unidos, Noruega, Portugal, Uruguay, etc.; o jacarandá, da Bahia, Victoria e Rio de Janeiro para quasi todos os paizes da Europa e dos Estados Unidos; o pão-Brasil, principalmente, do Rio para os Estados Unidos; o pinho, da Bahia e Santos, mais principalmente dos portos do Paraná e Rio Grande para Argentina e Uruguay; e Sebastião Arruda para Al'emanha, Belgica, Estados Unidos e França.

A exportação do pinho foi de 11.932 toneladas e 832 contos em 1913, 30.719 toneladas e 1.794 contos em 1915, 152.021 toneladas e 16.825 contos em 1918, 103.823 toneladas e 13.316 contos em 1919 e 125.398 toneladas e 20.483 contos em 1920.

("A Patria").

A LUA CAHIRA' SOBRE AS NOSSAS CABEÇAS?

Acabam os jornais inglezes de estampar alarmantes e curiosas entrevistas obtidas recentemente com o astronomo inglez Crommelin.

Nas suas declarações, o popular astronomo principia dizendo que havia observado certos movimentos suspeitos no ultimo eclipse da lua. O sol não se apresentou — diz Crommelin — com exactidão ao local fixado pelos calculos dos astronomas, parecendo não obedecer mais estritamente á lei de Newton sobre a gravitação universal; o satelite da terra accelera o seu movimento, e se isto continua, nós estaremos ameaçados da sua queda, qualquer dia, sobre as nossas cabeças.

O problema, entretanto, não é novo. Em 1693, Halley mostrou que a marcha da lua não era uniforme e que depois de 2.000 annos ella parecia ter avançado sobre sua trajectoria theorica duas vezes em torno do diametro.

Elle concluia que um tal estado de coisas annuncjava simplesmente a approximação continua do nosso satelite e que esta acceleracao secular, continuando, a lua acabaria fatalmente cahindo sobre a terra.

Porém, em 1787, Laplace demonstrou, por sua vez, que o phenomeno se ex-

plicava muito bem pelas leis da mecanica celeste.

Nós sabemos todos que a terra descreve em torno do sol, durante um anno, não uma circumferencia mas uma elipse; pois bem, Laplace demonstrou que esta elipse não tem a mesma forma. Nós poderíamos comparal-a a um arco de barril sobre o qual se exerce uma pressão lateral e que se alonga mais ou menos.

Como de outra maneira a lua gire em redor da terra, ficando submissa á atracção do sol, concebe-se que toda a mudança na distancia do nosso globo ao astro do dia tenha por consequencia um aumento ou uma diminuição de accão sobre nosso satellite.

O padre Moreux dá de sua parte uma explicação mais completa:

"Observastes — diz Moreux — quanto são numerosas as apparições dos meteoros nestes ultimos annos?

A cada momento os jornaes assignalam novos apparecimentos.

Este poço celeste que rodeia o sol em cima da terra deve formar um meio mais ou menos resistente: ora, demonstrei depois de muito tempo que a condensação dessas particulas sobre o sol exerce uma influencia no apparecimento das manchas solares; haviam zones mais ou menos densas em comparação com a accão do sol, e quando nós atravessamos uma dessas ondas, é natural que a lua accelere o seu movimento. E a prova que o espaço celeste está mais ou menos cheio de materiaes cósmicos nas regiões que nos ocupamos é a coloração dos eclipses lunares, como se provou recentemente.

Assim, na sua volta ao redor da terra, a lua, segundo as épocas, attrahiria um numero mais ou menos grande de meteoros, e, se approximando de nós, ganharia mais velocidade".

Esta seria a explicação do mysterio que intriga os sabios ha mais de dois seculos.

Em todas as previsões, não ha nada que possa fazer crer na probabilidade da realização mais ou menos longinqua do cataclysmo previsto pelo astronomo Crommelin.

(*"A Patria"*).

FRAGMENTOS DE PHILOSOPHIA POLITICA

Os problemas financeiros actuaes só terão solução possível olhados em função do tempo. Com o seu concurso, a dívida mais colossal torna-se tão pequena quanto se deseja. Só as collectividades são capazes de realizar essas combinações baseadas no poder do tempo, porque a sua vida é illimitada.

As revoluções não têm, em geral, outro resultado final que substituir uma olygarchia por outra.

O comunismo russo mais uma vez verificou esta lei historica.

O erro individual é tido por uma verdade desde que se torne collectivo e nenhum argumento racional pode impedir a sua propaganda.

Um regimen politico só é fecundo quando leva em consideração os elementos permanentes da vida de um povo.

As agitações populares são comparáveis ás vagas tumultuosas que alteram a superficie do oceano sem perturbar a serenidade de suas aguas profundas.

Uma das grandes difficultades da idade moderna consiste em fazer viver conjuntamente homens que aspiram á igualdade, quando os progressos das civilisações se realizam unicamente como os da natureza, por desigualdades progressivas.

Todos os naturalistas sabem que o estado actual de um sér qualaquer, desde a planta até o homem, é determinado pela successão de seus estados anteriores e que as transformações realizaveis a cada geração são sempre minimas. O estado social de um povo é igualmente determinado por seus estados anteriores e eis porque as mudanças radicais sonhadas pelos partidos politicos permanecem irrealizaveis.

Os sonhadores não têm nenhum poder creador, mas seu poder destruidor é ás vezes considerável. Sob sua accão dissolvente, as instituições penosamente edificadas pelo tempo rapidamente se desagregam.

Bastaram alguns mezes aos communistas russos para mergulhar a Russia moderna na barbaria.

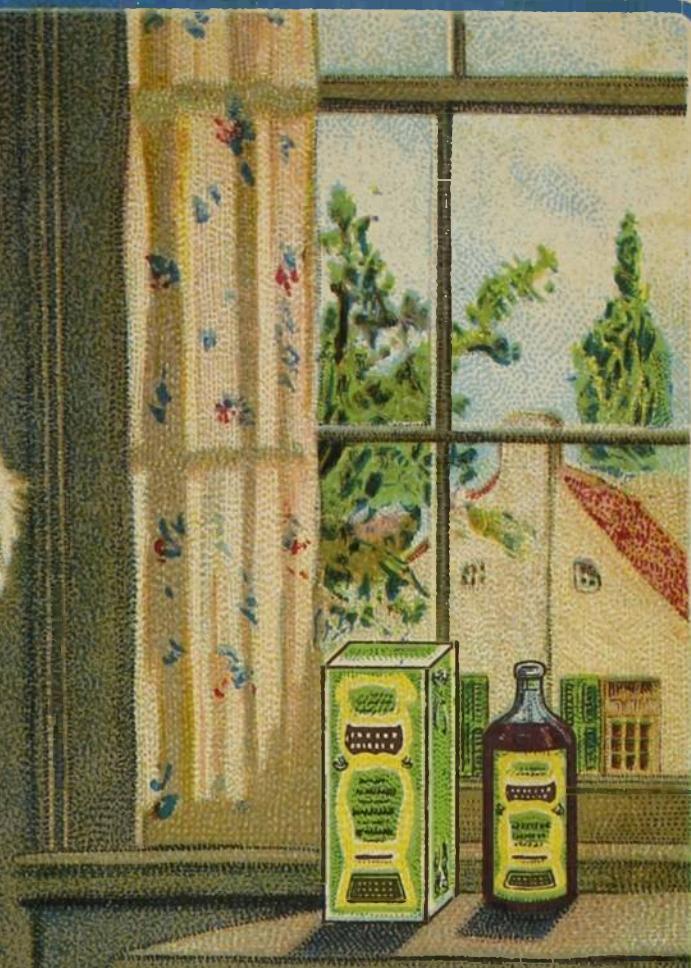
A igualdade na miseria sem meio de sahir della, termo fatal das theories socialistas, pode se considerar preferivel ás desigualdades que permitem todas as ambições e são para o homem um estimulante energico de esforços e por conseguinte de progresso?

Qualquer que seja o modo de governo, termina sempre na olygarchia: permanente no regimen monarchico e ephemero no regimen democratico.

(*"Les Annales"*, de Paris).

Gustave le Bon.

Si sou um menino
gordo e corado
devo tudo ao
Biotônico
Fontoura



BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

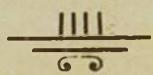


Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA
CURA A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio calice antes do almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá, conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIOTONICO injectável

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em injeção intramuscular.

COM O USO DO

BIOTONICO

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de appetite.
- III — Desaparecimento completo das dôres de cabeça, insomnio, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados pela tuberculose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e de saude.
- X — Cura radical da leucorréa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das forças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas convalescências de todas as molestias que produzem debilidade geral.



O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
científica do professor
DR. HENRIQUE ROXO

Atesto que tenho prescrito a clientes meus o

Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de observar que ha, em geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo se me tem afigurado o seu uso quando ha accentuada denutrição e ocorrem manifestações nervosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1920.

(B.) Dr. Henrique de Brito Belfort Roxo

Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constantemente em minha clínica o
Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado que não me posso mais furtar à obrigação de o receitar.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Atesto ter empregado com os maiores resultados na clínica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro 12 de Julho de 1921.

A. Augusto Silveira

Professor catedrático da clínica neurologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Palavras do eminente
cientista Exmo. Sr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescrito a doentes meus e sempre que lhe acho indicação therapeutica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & C. I. A. - S. Paulo

OS INIMIGOS DO TELEGRAPHO

Os leitores conhecem a historia, certamente apocrypha, do camponio simplicio, que, ao enviar noticias ao filho, soldado em Africa, lhes juntou um par de sapatos, que suspendeu ao fio electrico, persuadido de que o embrulho seria transportado, num fechar de olhos, da França a Algeria.

Os camponezes estão hoje mais familiarizados com o telegrapho, preferindo o "colis" postal ao telegraphic, enquanto esperam que o "colis" por avião seja definitivamente introduzido nos nossos usos e costumes.

Todavia, outra razão ha para que o camponio nada mais suspenda ao fio telegraphic, e as crianças se abstêm de tirar pedras aos postes. E' por que a lei os defende e os infractores são severamente punidos.

Assim, os postes telegraphicos, os fios e isoladores são geralmente respeitados pelo homem. Têm, porém, outros inimigos, que não raciocinam e muitas vezes escapam á vigilância e repressão. São os animaes quadrupedes, os passaros, peixes e os próprios insectos.

Os peixes atacam os cabos submarinos. O espadarte é o mais temivel. Encontram-se aos cabos fragmentos de barbatana, em fórmula de espada, de são provados, a qual penetra até os fios do cabo que arrebenta.

Tambem se observaram sérias avarias, produzidas por baleia, no cabo do golfo Persico. O cetaceo, coberto de parasitas, quizera desembaraçar-se delles, esfregando-se de encontro ao cabo, e com tamanha violencia e persistencia, que o envoltorio se rompeu. O enorme mammifero foi colhido pelas juncções dos fios, que o estrangularam completamente.

Ainda mais perigosos são alguns vermes, principalmente o "teredo navalis", que corroem e furam o cabo, abrindo os fios protectores, o envoltorio de canhamo e a gutta-percha, de tal modo, que o cabo, colocado em grande extensão, fica em condições de não poder ser reparado, tendo de ser substituido.

Felizmente está ahi a telegraphia sem fio, para compensar largamente a telegraphia submarina, até que de todo a substitua.

As linhas telegraphic terrestres estão mais expostas aos ataques e á hostilidade dos animaes do que as submarinas.

Muitos quadrupedes esfregam-se de encontro aos postes, quando sentem comichão, e não raro é vêr uma vacca ou um cavallo deixar o pasto e ir coçar-se nos postes das estradas.

Nos países habitados por macacos, estes quadrumanos alçam-se aos fios e nelles se balançam como num trapezio, estorvando, assim, a comunicação telegraphic.

Os passaros, como corvos, pégas e gralhas alcandoram-se nos fios e deitam, no local onde permanecem, uma camada de guano, bastante prejudicial ás linhas telegraphic. Não falemos dos pardas, das andorinhas e de outros passarinhos, que pagam caro a sua temeridade, quando fazem poleiro dos fios. A' primeira transmissão electrica levam um choque terrivel e vão despedaçar a cabeça de encontro aos postes e ás pedras. No campo são frequentemente encontrados passaros mortos junto aos postes do telegrapho.

Um dos inimigos alados perigosos para o telegrapho é o pica-pau, que trepa nas arvores para caçar insectos. Dá bicadas fortes nos furos dos isoladores de porcelana ou vidro, julgando que servem de esconderijo aos insectos. E' não se engana, porquanto, muitas vezes mais de um ali se aboleta, e as aranhas tecem as teias nos logares onde o telegrapho não funciona constantemente.

Os noruegueses constataram muitas vezes que o urso é inimigo do telegrapho, e que deruba os postes.

Explica-se. O rumor produzido pela transmissão da corrente electrica é semelhante ao zumbir das abelhas; dahi o acrítar o urso que os isoladores são colmeias, derrubando o poste, que é, para elle, uma arvore, afim de fazer cair a presuposta colmeia e colher o mel de que tanto gosta.

Os lobos, ao contrario, evitam, com prudencia, passar por baixo das linhas telegraphic, parecendo que as tomam por armadilhas suspensas.

Os suécos aproveitam-se do seu temor prudente, estabelecendo os curraes, tanto quanto possível, nas proximidades dos telegraphos.

ORIGENS ARABES DE DANTE E DE PASCAL

E' o hespanhol M. Asin Palacios quem, em estudos tão profundos quão curiosos, demonstrou as origens musulmanas da *Divina Comedia* re integrando assim o Islam entre os elementos que têm presidido á nossa arte occidental.

O primeiro versículo da "Sourate XVII", intitulado *A viagem nocturna*, marca o inicio das investigações de M. Asin. Sobre um simples versículo do Alcorão, a imaginação oriental preparou as mais surprehendentes visões.

Todo um cyclo de *hadits* ou commentários se abre lá, desenvolvendo as maravilhas que o propheta, montado sobre o cavallo feérico Borac, ou conduzido pelo archanjo Gabriel, viu nos mundos ultraterrestres. Toda uma *eschatologia* se imagina lá em cima: descrição das torturas da gehenna e das alegrias do paraíso.

Uma primeira metamorphose poetica se opera nos *hadiths*: as descrições tendem a excitar os sentidos os mais delicados,

os pelos quaes se pode exercitar já a se despregar da materia, isto é: o olfacto, o ouvido e a vista; o viajante se eleva a um paraizo se perfumes, de musica e de luz.

O mais completo desses desenvolvimentos da legenda primitiva é constituído por uma parte do *Fotuhat*, uma obra do theologo Abenarabi de Murcie, pertencente à seita dos *soufites*, isto é, dos mysticos. Elle é discípulo de *Abenmossarr*, um theologo cordovão instruido por doutrinas orientaes, em particular da heresia montazilta e da philosophia alexandrina, e que devia influenciar profundamente a escholastica christã.

O *Fotuhat* d'Abenarabi contem o historico duma evolução interior, uma autobiographia religiosa semelhante á d'uma Santa Thereza, ou dum santo Jean-de-la-Croix. Esses exercicios, sinceramente narrados e attingindo aos mais altos extases, nos mostram não sómente que a mystica christã e a mystica musulmana são irmãs, mas que ha entre seus adeptos uma especie de unidade psychologica.

Todos os detalhes das visões infernaes e paradisiacas d'Abenarabi, a descrição dos supplicios e a ascensão através as espheras celestes apresentam com a *Divina Comedia* inumeras relações. A demonstração de M. Asin se desenrola com um rigor que perturba. A semelhança manifesta-se por tudo. Dante, por outro lado, fala seguindo dos arabes. Elle considera o Islamismo não como uma religião diferente, mas como uma seita christã. Dante transmuda a velha legenda e a applica a sua vida e a eleva a sua altura. Unia viajem através o inferno, o purgatorio e o paraizo torna-se uma viajem através uma alma humana.

M. Asin Palacios escreveu um estudo do mesmo genero sobre as origens arabes dos estudos de Pascal. A argumentação de Pascal se encontra no theologo arabe Al-Ghazali.

Os apaixonados trabalhos de M. Asin Palacios nos mostram como duas civilizações podem forjar sobre o problema do além concepções similares.

Jean Cassou.

("La Connaissance")

A INSTRUÇÃO NO PIAUHY

O Dr. João Luiz Ferreira, governador do Piauhy, reuniu em Therezina, um congresso de municipalidades, no qual os representantes dos 31 municipios do Estado adoptaram por unanimidade as seguintes resoluções:

"1.º — Cada municipio despescerá com a instrução primaria vinte por cento, no minimo, do total de sua receita arrecadada annualmente.

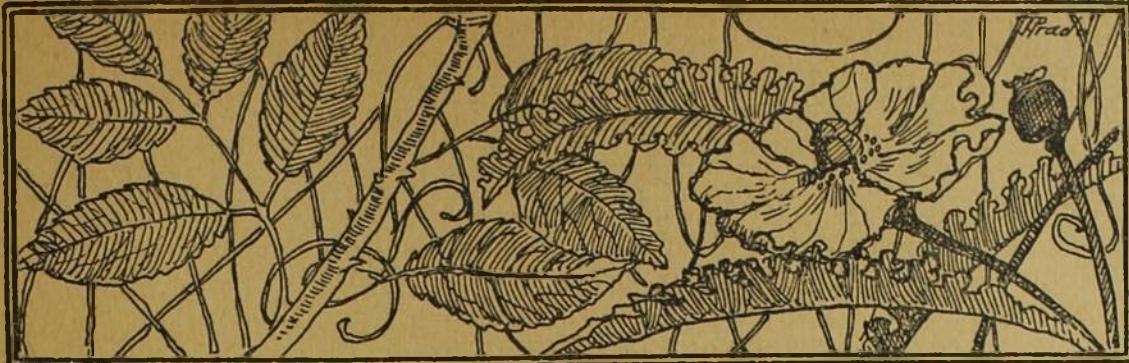
"2.º — A Intendencia de cada municipio procederá, de 5 em 5 annos, a principiar de Janeiro de 1922, ao recenseamento da população em edade escolar, isto é, dos 7 aos 14 annos de edade. O resultado deste recenseamento servirá de base á criação de escolas para cada sexo ou para ambos os sexos englobadamente, na proporção de 50 alumnos para cada escola das cidades e villas, e 25 nos povoados.

"3.º — As escolas mantidas pelas municipalidades ficarão sob a jurisdição technica e administrativa da Directoria Geral da Instrução Pública, quanto ao registro escolar, fiscalização e nomeação de professores. Os municipios fornecerão para essas escolas, além dos vencimentos dos professores, casa para sua installação, material escolar e de expediente, livros, papel e roupa aos alumnos pobres. Os professores não poderão residir nos predios escolares.

"4.º — Quando o municipio não puder manter escolas para instrução primaria, será applicado seu auxilio para a installação e manutenção de escolas estaduaes e para desenvolvimento do ensino de iniciativa privada.

"5.º — As subvenções a escolas de iniciativa particular, feitas em consequencia da conclusão anterior, só deverão ser realizadas quando essas escolas apresentarem o numero de matriculas indicado na conclusão 2.º, observarem o programma das escolas publicas e preencherem os demais requisitos do regulamento geral da instrução do Estado, ficando facultado ao municipio exigir tambem o ensino gratuito para crianças pobres.

"6.º — Cada municipio poderá dentro da quota com que contribuir para a instrução primaria, manter ou subvençionar alumnos no curso da escola normal, os quaes se obrigarão, depois do curso, ao magisterio no municipio"



QUESTÕES SOCIAES

O CRIME ORGANISADO

Deu-se, ha dias, nesta cidade, um facto horrivel, de um horrivel profundo e inenarravel, como um pesadelo obsessor. Entretanto, passou quasi despercebido! Vinte linhas singelas e frias de um journal, perdidas entre mil outras coisas, contenham embora o extracto condensado dos horrores possiveis, passam sempre despercebidas.

Vamos ao theatro, e a aventura vulgar de um pôtro insoffrido, melosamente apaixonado por uma lambisgoia ingrata, nos põe tremeliques na palpebra humidecida; e, da platéa as galerias, percebe-se que rechinam, em suspiros abafados, entre furtivos revôos de lenços, as comportas da universal choradeira, prestes a estalarem — só porque o moço romantico gême com eloquencia e sem vergonha as decepções o seu appetite. Lemos uma novella, escipta nos confins o mundo, com uma trama nos confins do passado e da realidade; e bate-nos o coração com ma's força ao enxergarmos, meio diluido em tantas brumas, um espectro vagamente humano que soluce uma desventura corriqueira. Passa, porém, a Desgraça ao 'é de nós, e espalha sofriimentos atrozes, com urros e gemidos soantes com sangue e lagrimas de verdade, com desesperos e pavores que sacolejam e esfarrapam alnas vizinhas ás nossas, — e nada vemos, nada percebemos, nada sentimos, beatificamente ocupados á procura de emoções dynamisadas, em livros e obras de arte, muitas vezes vazios de humanidade e de intelligencia como esculturas de papelão e gesso armadas com sarrafos!

*

O caso do outro dia é de uma simplicidade atroz.

Em S. Paulo ha leis que prohibem o trabalho das crianças nas fabricas; mas

as fabricas revogam as leis e aproveitam o trabalho das crianças. São estas uns operarios ideaes: fracos, mas espertos, t'midos, respeitosos; governam-se facilmente; ganham pouco. Venha, pois, quanto ma's se puder arranjar dessa lenha tenra e preciosa, que arde bem e custa barato! Encham-se as officinas de rapazelhos na primeira flor, delgados e pallidos estes, corados e jovaes aquelles, uns bulicosos e brincalhões como borboletas, outros silenciosos e diligentes como formiguinhas aju'zadas; labutam monotonamente em cantos escuros de galpão, a dobrar impressos, verguem e suem ao peso de cargos, manobrem mecanicamente a cochilar, ao pé de um appa' lho estupido. tostem-se ao calor de uma caldeira ou ao bafo de um forno, absorvam gazes, acidos, sacs e poeras nocivas bezuntam-se de graxas e tintas, encurvem-se, repuxem-se, torçam-se e esfalfem-se na repetição indefinida de posições forçadas e de movimentos excessivos, percam a cór e a alegria, tomem ares pavidos de cãezinhos maltratados, ou ares opacos de homens sem mais innocencia nem ma's doçura, chatos e rudes... oh! que importa tudo isso, desde que as machinas funcionem e a fabrica renda!

Quebra-se ás vezes um braço, ás voltas de uma polia? Rebentam-se todos os dedos da mão sob o choque de uma barra de ferro ou ao golpe de uma alavanca? Parte-se uma cabeça no soalho, ao peso de uma rumia de coisas, por effeito de um tropeção infeliz? Tudo isso é nada diante do interesse supremo das empresas ricas, conchavado com a ganancia ignorante dos paes.

Vai dah', ha dias, um pequeno de doze annos, cançado, ao f'm do trabalho, adormeceu num canto da fabrica, e lá ficou esquecido.

Somno pesado devia ser o seu — o somno dos que trabalham e não fazem mal; somno descuidado, somno tranquillo, talvez povoado de doces visões.

Quadro interessante: as entradas complicadas de uma fabrica em socego, cheia de sombras profundas com laivos de claridade frouxa, de onde em onde, a lambarerem traves, ferragens, perfis de máquinas; e, neste ambiente desolado e alagado, resonando sobre um caixão, sereamente, como numa cama de plumas em seu lar aconchegado e feliz, uma criança de doze annos...

Mas na fabrica havia um guarda terrível. Esse guarda terrível d' spunha, para o seu serviço, de cinco ou seis cães policiais, fortes e bravos, afeitos a farejar carne humana, e com dentes magnificos nuns maxilares de aço. Ora, o guarda, quando a noite era fechada, saiu, como de costume, a percorrer a fábrica, levando os seus bellos cães por diante. Os molossos correm, afuroam, farejam, e, de repente, dão com o pequeno adormecido. Estacam, ladram e roram, erriçando o pello, arrebitando a orelha, arreganhando a dentuça, alçando a cauda, e acabam por investir com o menino, que, naturalmente, já acordado, se encolhia retransido de pavor, defendendo-se com os braços, e mordem furiosos, e retalham roupas e carnes, e arrancam talvez pedaços frementes e sangrentos do corpino estrebuchante...

Acóde afinal o guarda, contém os cães, e soccorre a criança. Mas, antes houvesse deixado que morresse logo! Ela só morreu muitas horas mais tarde, após inuteis e atrozes cuidados que só puderam prolongar-lhe a agonia e o sofrimento.

*

Imagine-se um pouco, se é possível, o que se passou na alma desse desgraçadinho que acorda de repente atacado, como um animal bravio, por uma matilha de cães assanhados... E imagine-se a expressão de horror com que elle succumbiu no seu martyrio.

Pobre criança! O teu sacrifício ainda seria bom, se tivesse a virtude de levar um rebate bastante forte ás consciências empedernidas e ás almas egoistas e crueis, e daí resultasse acabar-se com a ignominiosa, a infame exploração do trabalho infantil, em terras de S. Paulo. A tua agonia espantosa ainda poderia ser abençoada, se fosse o signal da redenção para esse imenso rebanho, composto de milhares de meninos-forçados como tú, que desabrocham frouxamente para a vida numa atmosfera escura e pestosa de malvadez, de insensibilidade e de hipocrisia. A tua morte seria quasi bella no seu horror, se tivesse o poder de lançar uma sincera, religiosa rajada de pedrade, de arrependimento e de ternura através desta sociedade estéril e chata, futil e feroz, que esmaga e devora impassivel os renovos e as flores da propria vitalidade. Mas, pobre criança! A tua tragedia parece que nem sequer foi percebida...

E' certo que os jornais a noticiaram, — rapidamente, como cumpria em caso tão

breve, tão simples e tão "desagradável". Mas a historia não abriu o mínimo sulco na consciencia da população.

Não houve para ahi coração de mulher que deixasse escapar um bramido de maternidade arrepiada, diante desse menino de doze annos que dorme descuidoso e tranquillo, e acorda dilacerado e triturado entre as tenazes e as púas de seis fauces diabólicas. Não houve boca de sociólogo, de philanthropo, de educador ou de moralista, que viesse clamar contra o estupido, o ignobil descaso com que tratamos a infancia pobre sujeitando-a a um regimen atrofiant e desmoralizador de escravidão ao dinheiro dos ricos. Não houve sequer consciencia bastante destemerosa ou bastante desprendida, para se dar o grande incommodo de um protesto contra esta inominável iniqüidade e esta requintada ferocia de se fazer polícia de fabricas com o auxilio de toda uma matilha de cães, sob o risco, já agora provado, de se trucidar um inocente, ou de se cumprir uma injustiça nimoral e sanguinaria, sem processo e sem exame, indo imediatamente da suspeita ao suppicio!

Mas, porque essa indifferença? E' simples. A população andava attenta a outros objectos, mais serios do que a morte de uma criança, fosse embora num desastre horripilante e culposo.

Havia as exhibições futuristas: a arte e a literatura são fontes de alta emulação (com que se regalam principalmente os iniciados) — e a Vida, ao que parece, não commove, nem interessa. Havia o Carnaval que chegava: o tempo era escasso para os preparativos da sumptuosa e réis bacchanal, — unico verdadeiro divertimento possivel para uma sociedade que vive aos balanços entre a crueldade-tórra e o sensualismo esbagachado, e que é incapaz desses doces recolhimentos do espírito, em que as almas religiosas e sinceras se vão rehaver e reconfortar em silencio. E havia a campanha presidencial — outra modalidade do profundo e coheso carnavalismo indígena, feita como os demais de espetaculosidades, de rumores, de vaias, de intrigas, de imposturas e de "fantasias", e que, como as demais, depois de dar a impressão de um oceano em fúria, acaba tristemente, atraíar de uma quarta feira de cinzas, como um prestito desmantelado e róto sob a chuva...

Iorssá, é pobre criança! a tua tragedia enternecedora e medonha apareceu, nos jornais, aos olhos indiferentes da multidão, como o relato resfriado de alguma atrocidade oriental, colhido em livros de argila com inscrições cuneiformes, dos tempos de Assur-bani-pal, ou de Sennacheribe.

Mas, ao cabo, tu ainda foste feliz. Tu dormias, tranquilla, num canto da fabrica. Sonhavas, talvez. Talvez sorrisses. O assalto da ferocidade humana transfundida nos cães deu-te a amostra mais intensa e perfeita desta civilisação canina, que organizou o crime, para o qual o

amor e a doçura são vergonha; e, em seguida, lançou-te para o outro mundo, onde continuarás o teu sonno tranquillo, e talvez — quem sabe? — o teu sonho!

Amadeu Amaral.

(“O Estado”, 4-3-922).

POLICIA DE CÃES

I

Era de Christo. Século XX. Em São Paulo. No interior de uma fábrica.

Silêncio e solidão. Nas sombras da noite morta, entre raros retalhos de escassa claridade, mal se distinguem os vultos negros das grandes máquinas, as quais, mudas e inimóveis como que se amontoam, exhaustas de fadiga, a dormirem o pesado sonno da matéria inerte, paralysada, por algumas horas, a cyclopica força, que lhes infunde, na musculatura de aço, a intelligencia humana.

Já vai alta a hora. Embuçado em seu capote, porrete à mão, em passo lento e cauto, lançando o olhar perquiridor, ora para a direita, ora para a esquerda, um homem entra a percorrer os corredores, longos e escuros.

E o vigia da fábrica, um pobre diabo, que, para não morrer à fome, ali passa as noites a montar guarda aos milhões do patrão, enquanto este, descuidado e feliz, dorme regaladamente, ou destrutta os nocturnos prazeres da fortuna. A sua frenz, correm, alvorocados, saltarilhando, farejando os cantos, desapparecendo aqui, resurgindo acolá, seis terríveis cães policiais.

São a guarda do guarda.

Ora, na vespera, prostrado pela cansaça de oito ou dez horas de trabalho, um pobre menino de doze annos, — a bem dizer uma criança! — recostára-se sobre um monte de lenha, a um canto escusado da fábrica. E, quanto esta se evasou, ao cair da noite, da multidão de operarios, vencidos de fadiga e de fome, mas alegres com o pensamento de repouso nos modestos lares, aquelle operariosinho humilde para ali ficára, abandonado, a dormir profundo sonno. A dormir e a sonhar, talvez. A sonhar que já era moço e forte, que já menos lhe pesava o rude trabalho quotidiano, que já ganhava mais alguns mil réis diarios, e que, embora, estes mal lhe dessem para comprar o suado pão de cada dia, talvez já lhe fosse possível pedir a namorada em casamento...

Como é bom sonhar! E que lindo sonho aquelle!

Eis que de subito, o rapazinho acorda, tremulo de susto: ouvira, bem junto aos seus ouvidos, um rumor pavoroso, que, de começo, não pôde comprehender se era o rolar de trovões, ou o rugir de alguma fera... Mas, ai! não era uma fera: eram seis feras, que, de improviso

e de roldão, se lhe atiraram sobre o franzino corpo, encarniçada e sanguisidamente.

Desvairado pelo terror, o misero operariosinho tenta levantar-se, para correr, para fugir, para defender-se ao menos a pontapés, dos seis ferocissimos molossos. Já não pôde, porém, sequer levantar-se. Fôude apenas gritar. Gritou, apenas, mas não só de medo: gritou de dôr, num desespero inenarrável, porque sentia retalharem-se-lhe as vestes e rasgarem-se-lhe as carnes, nos dentes, agudos como púas, daquelles seis lobos bravos.

Acorre, presurosamente, o guarda, o chefe da matilha, anioso por se apoderar da caça humana (algum ladrão...), pela qual o patrão lhe daria, com certeza, uma grossa gorgeta... Mas, ao deparar a scena, recuou, horrorizado, como um criminoso em presença da sua vítima: o pequeno operario, com as roupas dilaceradas e tintas do sangue que lhe escorria, em filetes, das faces e das mãos, nem já, com estas, podia mais cobrir, sequer, o rosto, contra a implacável sanguina das seis dentuças, que o investiam, pois acabara desmaiando.

Aquelle desmaio já era o começo da agonia franca: desvelos da familia, recursos da medicina, foi tudo inutil. E, ao cabo de longas horas de atrozes sofrimentos, o desgraçado operariosinho pôde, enfim, continuar o seu derradeiro sonno, do qual, já agora, não conseguirão mais arrancá-lo o egoísmo dos scelerados dinheirosos e a ferocidade dos seus cães de fila!

Ninguem se ocupará mais com o caso. Não se guardará sequer o nome desses pequeninos martyr da actual organisação “desta sociedade esteril e chata, futile e feroz, que esmaga e devora impossivel os renovos e as flores da sua propria vitalidade”, desta “sociedade que vive aos balanços entre a crueldade tórrua e o sensualismo esbagachado”, em summa, desta nossa admirável “civilização canina, que organizou o crime, e para a qual o amor e a doçura são vergonha...”

Mas, sobre a sepultura, rasa e sem louisa, desse anonymo pequenino martyr, mais resplendente do que os soberbos sarcophagos da opulencia, ficará resplandecendo, como um halo de gloria a formosa grinalda de piedade, que, como alguém já disse, commovidamente lhe teceu em artigo emocionante, o alto e nobre espirito de Amadeu Amaral.

E, ao lado dessa grinalda, ha de ficar a arder, perennemente, a chama puríssima da sagrada indignação do poeta, para queimar, como um castigo, as faces dos que se approximem desse tumulo, sem sentirem nellas um pouco de calor, de revolta, ou de vergonha.

Heitor de Moraes.

(“Commercio de Santos”, 19-3-922).

POLICIA DE CÃES

II

Não faltará quem diga, e já foi dito, que esse caso, da morte do pequeno operário, esquecido a dormir num canto da fábrica, é, sem dúvida, impressionante e doloroso, mas, afinal de contas, se reduz apenas a um lamentável acidente.

Na verdade, não é justo se pretenda ver, no triste facto, uma prova directa da maldade fria, com que, salvo raras excepções, os senhores industriaes costumam tratar os seus operários. Mas, ninguém poderá negar que esse episódio é uma vergonhosa consequência do espírito de iniquo e sordido egoísmo, que preside, ainda hoje, em pleno meio-dia da civilização, a nossa evolução social.

Ahi está a prova, a tremenda prova, de que é um verdadeiro crime a habitual apatia, a inimutável inércia, em que permanecem, na sua quasi totalidade, os nossos chamados estadistas, em face dos múltiplos, graves e delicados problemas da questão social, a qual, em ultima analyse, outra coisa não é senão a urgente, a inadiável necessidade, sentida por todos os povos cultos, de se reformar, de alto a baixo, de maneira menos injusta e mais humana, o actual regimen do trabalho.

Um desses problemas mais delicados é o da regulamentação do trabalho fabril da infancia. Este é um dos maiores males, de que soffre a sociedade moderna, cuja melhor vitalidade, cujo sangue mais novo, porque é o sangue da infancia, e constantemente dessorrido, envenenado, eliminado, por esse cancro roaz, que, assim, lhe esgota, dia a dia, hora a hora, as forças vivas e as novas energias.

Entre nós, não temos ainda, ou se os temos não os applicamos convenientemente, leis e regulamentos, que protejam a saúde, física e moral, dos infelizes filhos do proletariado, aos quais a miseria, ou a ganância dos paes obriga a sacrificar o melhor da vida, que é a meninice, no penoso trabalho das fábricas. Assim, ao passo que, em varias legislações estrangeiras se estabelece o máximo de seis a oito horas diárias para o trabalho dos menores, de 10 a 14 annos de idade, aqui, no Brasil, em S. Paulo, um dos seus maiores e mais cultos industriaes, de espírito reconhecidamente liberal, confessou, *coram populo*, que nas suas fábricas tem a seu serviço cerca de 300 crianças, de ambos os sexos, as quais "trabalham todas dez horas, como os adultos"; e que isto é um mal, também o reconheceu o mesmo cavalheiro, embora procurando attenuar o seu conceito, nessa significativa confissão... "o relativo inconveniente, que confessou, do trabalho de dez horas para essas crianças."

Ora, sem já falar do que ficou, e da miseria dos salários, que elas ganham, os quais variam entre 1\$200 e 2\$000 por dia, pensemos, um minuto, nos perigos de toda sorte, com que ameaça a in-

fancia o trabalho fabril. Até hoje, eram conhecidos os perigos ordinarios, resultantes do funcionamento das máquinas, ou dos descuidos dos imprudentes: uma polia, que fila por um braço um infeliz, e em segundos lho tritura, ou lho decepa, de arrancada; uma linguada, que, de subito, se desprende do guincho, e esmaga um thorax, ou uma cabeça; a ruptura de um cano de agua a fervor, que irrompe, inesperada, e escalda as faces de um desgraçado; o imprevisto escapamento de algum gaz asphyxico; uma explosão inopinada...

O que, porém, até ha pouco, não se conhecia, o de que não se suspeitava, era esse perigo extraordinario, absolutamente inédito, de esquecer-se um operário vencido de cansaço, a dormir num canto da fábrica, e de repente acordar num sobresalto como num pesadelo, transformado em pasto de cães ferozes! Eis o perigo, o inaudito perigo, denunciado no emocionante artigo com que Amadeu Amorim protestou "contra esta inominável iniquidade e esta requintada ferocia de se fazer polícia de fábricas com o auxilio de toda uma matilha de cães, sob o risco, já agora provado, de se trucidar um inocente, ou de se cumprir uma injustiça immoral e sanguinaria, sem processo e sem exame, indo imediatamente da suspeita ao suppicio!"

Mas, já não ha que admirar na prática de tais abusos, por particulares, se se considerar que elles nada mais são do que os fructos naturaes dos altos exemplos de altruísmo, demonstrados pelos detentores dos poderes publicos, nessa nossa liberrima democracia de botucudos.

Sinão, vejam esta scena:

Em Santos — na terra da liberdade, a "Chanaan dos captivos". Na Praça dos Andradas. Na Cadeia Pública.

Injustamente suspeitado da prática de um acto muito vulgar, e, em seus efeitos, muito semelhante ao que, nas rodas da alta politica, tem a elegante qualificação de advocacia administrativa, um pobre homem do povo, com o rosto colhido ás grades do xadrez, mata o seu tempo a observar o que se passa, no lugubre casarão, já mergulhado nas primeiras sombras da noite.

Reina, em torno, o silencio, o silencio abafado das prisões, onde, de quando em quando, se ouve o ranger dos ferrolhos ou brado das sentinelas, ou um grito de desespero no fundo de um carcere.

Eis que se abre o pesado portão central. Entram no pateo dois negros, em passo arrastado e cambaleante. Segue-os, de perto, o carcereiro, acompanhado de um enorme cão policial. Os dois pretos, com um ar de apavorados, param, um instante... Desgraçados! Porque ousaram parar? Cahe-lhes em cima, brutalmente, a soccos e pontapés, o miserável, que os conduz. Não reagem. Soffrem o insulto, sem uma só palavra de protesto. Atordoados, dobram-se-lhes os joelhos, estendem-se por terra. O carrasco faz um ra-

rido signal ao cão. Este se lança, então, sobre as duas victimas, e, numa furia igual á do seu d'igno emulo, e amo, lhes estraçalha as vestes e lhes rompe as carnes. Presos de pavor, levantam-se os dois homens, com extrema dificuldade. Tentam, num grande esforço, livrar-se com os braços e com os pés, das dentadas do terrivel animal. Mas, este continua a investida. Ataca-os, ora num salto, pondo-lhes as possantes patas sobre os hombros, ora num rastejo, cravando-lhes nas pernas a dentuça de aço... E assim, acuados, como caça, a dentadas, sopapos e pontapés, lá se vão os dois miseriosos pretos para a solitaria, onde os aguardam outros horrores de novos supplicios.

Mais tarde, foram removidos para o carcere, onde, aos companheiros de infortunio, mostraram as pernas ainda manchadas do sangue escorrido das dentadas, que lhes déra o cão, com tamanha furia, que, em certos pontos, lhes atravessaram as carnes, de um lado para o outro.

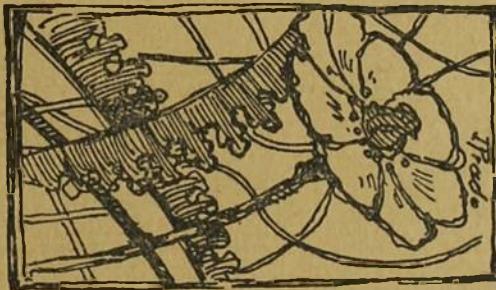
Haverá ainda, em Santos, quem duvide da veracidade d'esse caso, conhecida como é, e de ha muito provada, a monstruosa, a inaudita ferocidade da polícia canina, que aqui campea á solta, a assaltar a bolsa e a vida dos desprotegidos, e a manchar de opprobio as tradições d'este nobre povo, amante da liberdade e amigo da justiça, cujo passado se enobreceu de gloria na campanha libertadora dos escravos?

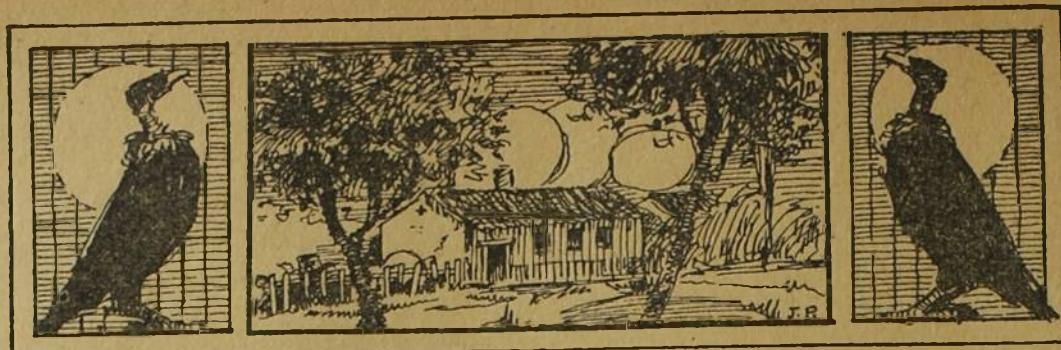
Custa a crer, na verdade. Mas, eu creio, porque a vergonhosa scena me foi narrada por uma testemunha ocular. E essa testemunha, homem do povo, humilde mas honrado, merece absoluto credito.

Que a Providencia se amerceie de nós, na sua infinita misericordia!

Heitor de Moraes.

(“Commercio de Santos”, 21-3-922).





NOTAS DO EXTERIOR

“ANDANZAS QUIJOTESCAS”

Os novos

Para a “REVISTA DO BRASIL”

I. — Salvador Alfredo Gomis.

Um mocinho pallido de uns vinte annos, de olhos verdes, de alma sensivel e coração de princeza... Prosa alegre, que contrasta com sua pallidez; fina ironia propria, sem meditado esforço para encontral-a, tal é o director da revista mensal “ELPIS”.

Conheci-o em um Ateneo Literario fazendo uma conferencia sobre a poesia argentina, e logo mais, quando o sympathico periodista espanhol — e me refiro a A. Martinez Lujan, — me apresentou ao conferencista, experimentei uma alegria sem limites, toda uma satisfaçao porque adivinhei em Gomis um companheiro para minhas *andanzas*.

Foi uma noite memoravel! “La del alba serian...” quando nos estreitamos as mãos após termos sellado um pacto de franca amizade.

Abriu-me as portas de sua revista, em germen naquelles dias, e havendo recahido nossa conversação, em diversas occasões, sobre as letras do Brasil, disse-me em uma oportunidade: “Você, meu amigo, poderia começar ocupando-se dos escriptores brasileiros. Creio de superior importancia para o desenvolvimento e intercambio das letras sul-americanas, começar a serio, a fazer conhecer aos leitores da Argentina, o caracter e as obras dos escriptores cariocas. “Elpis” teria muito que lhe agradecer se você se encarregasse d’isso”...

E assim foi: ficamos de acordo, e certa tarde marchamos para Palermo; collocamo-nos entre um massigo de rosas, e as paginas de “O Professor Jeremias” foram se sucedendo, enchendo-nos de intimas sensaçoes.

Quando falamos das letras d’esse paiz, quasi esquecido por estes escriptores argentinos que se julgam consagrados e sós na terra com seu talento como fards!...

Depois me mostrou sua obra toda inedita, sem publicar-se, não por falta de meios, sinão por apathia, em vista do vazio que se faz ao nobre da arte, ao puro da arte.

Sua obra? Um volume de versos — “Ritos al Sol”, uma novella — “Un raro”, duas comedias — “La farandula” e “El provinciano”, um drama — “Los humildes”, além de uma serie de artigos breves, detañes de observação sob o titulo “Acotaciones al margen de mi vida”. E toda esta obra, como ficou dito, permanece inedita, porque Gomis tem uma marcada indifferença para tudo que é seu, para “todo lo proprio...”

Eu que sou um dos poucos que conhecem seu labor literario, posso afirmar que Salvador Alfredo Gomis é um d’esses estranhos escripto-

res todo idealismo, todo pureza, todo sentimento, que se esforça por não crer no merito de sua producção.

Sua producção é um expoente de honradez artistica, de valor literario... em que pese á sceptica e injustificada opinião de Gomis.

II. — Nicolas Olivari.

Este escriptor da moderna geração argentina é um temperamento mordaz, e, si bem que não esteja de acordo com sua apreciação critica, não deixo de reconhecer-lhe uma intelligencia superior e um conhecimento sensato na exposição.

Olivari é um amante furioso de Pio Baroja, Azorin, Araquistain e de João do Rio, e trata de pôr em castelhano as satyricas palavras do endiabrado "caroica".

Olivari, como quasi todos os que passam por esta chronicá, é pouco conhecido, apesar de ser numerosa sua producção disseminada por diversas revistas, e ainda, creio, tem trabalhos dignos de menção em alguma anthologia.

E se digo que não compartilho da opinião critica de Olivari, é porque me refiro a sua tendencia de "masacrar" tudo que não esteja de acordo com seus principios. E mais ainda pelo amor que professa a um mediocre critico — vil mercador que com pretengões de León Bloy contemporaneo arremette contra as letras e os homens da Espanha. Refiro-me a Alberto Hidalgo.

No mais, Nicolas Olivari é um d'esses homens que chegarão mui longe, e sem tardar, antes que tenha 25 annos. Pertence ao grupo da revista **ELPIS**.

III. — E. M. S. Danero.

Ha na Espanha um escriptor dos mais raros que pode imaginar-se, — Ramon Gomez de la Serna; um escriptor com o qual mui poucos podem competir, por seu estylo e seu talento. Em França tem causado sensação Jean Giroudoux, um irmão quasi gêmeo de Gomez de la Serna; e aqui, entre um grupo de amigos intellectuaes, tambem o encontramos em E. M. S. Danero, que com suas "Apostillas" num estylo "cortado" e telegraphico, de dar accão, sensação e opinião critica de muitas coisas a um tempo, com um humorismo cheio de graça e refinado donaire, pode e se faz credor do titulo de irmão, tambem quasi gêmeo de Ramon.

Danero encanta co msuas apostillas, como Gomez de la Serna com suas "Gregueiras".

Uma "Gregueria" é, segundo a affirmação de Alfonso Reyes, uma coisa complicada, sem pés nem cabeça, algo assim como um 8, a que não se pôde encontrar o pé e nem a bocca; talvez como o proprio Gomez de la Serna, porque elle é pangudo, pequeno, como si os pés e a cabeça, estivessem guardados nos bolos interiores da "americana".

E Danero, o creador da **Apostilla** na America não é mais que um reflexo de sua propria creaçao. Eu imagino a "Apostilla" como uma coisa longa e pontuda, sem mãos, sem corpo, sem pés, uma coisa longa e pontuda como lança de indio. Tal é a figura de Danero, fraco, comprido, mais comprido que fraco. Parece um ponto de admiração com ponto e tudo, e o ponto é precisamente seu "sombrero" claro contrastando com seu elegante traje azul.

E' um exquisito moralista; são perto de 25 as obras que tem publicadas, onde campeia um humorismo são e firme como o estylo de suas endiabradadas "Apostillas".

IV. — Juan José Godeol.

Este escriptor reside em Rosario de Santa Fé: uma clara intelligencia, um audaz e rico temperamento em comprehensão psychologica, como o demonstrou em seu livro de poesias satyricas — "Breves" e em seu ensaio de psychologia experimental atravez de um ser, como titula sua novella "Moral de topos".

Godeol é muito joven, tem 25 annos e é um apreciado professor de philosophia e letras. Em Rosario é estimadissimo nas aulas e nos cenarios literarios. Tem essa franqueza spontanea e grata que tanto encantava a Baltazar Cracian. Sabe admirar e que o admirem, sua critica é certeira, ordenada e altamente humana, não tendo esse auto-didactismo que se nota na maioria dos "mettidos" a redemptores.

Fundou algumas revistas que lhe mereceram estimação e suas conferencias sobre literatura classica são dignas de escutar-se e ter-se em conta. Confesso que considero Godeol como o herdeiro directo d'esse grande espanhol, modelo de estylistas e pensadores que se chama Ramon Perez de Ayala.

V. — Flaminio Pedraza.

Em 1918 fundou Flaminio Pedraza n'este Buenos Aires barulhento, uma revista intitulada "LA GESTA" que foi em seu curto periodo de vida, uma das melhores publicações que vieram á luz n'este paiz. A penna forte, completamente forte, d'este luctador não poude tomar pé no campo da ideologia argentina. Quiz fazer obra de pensamento e de accão, porém, n'esta cidade, como em todas onde prima o interesse material das coisas, foi um fracasso que guardou o ideologo em sua gesta de homem sincero. Pedraza, não em realidade condoido por sua cruzada feita em pedagos, mas para sahir destas agglomarações, onde os pensamentos, para serem lançados ao mercado necessitam uma etiqueta de contrôle como os queijos, retirou-se para o campo, longe, muito longe, para a província de Corrientes, cerca do Paraguay, a fazer obra sincera, ao pé dos cerros, mão a mão com a natureza não tão ingrata como seus filhos...

Seu estylo—transparece em seus artigos e chronicas—é, pela mencionada razão, livre, pujante, robusto, forte como a natureza mesma.

Tenho em minha mesa de trabalho um de seus ultimos artigos, escripto especialmente para "Elpis", intitulado "Una barbaridad", que é uma alavanca formidavel para a verdade em marcha e uma realidade de conceitos sanissimos. Homem de campo, prefere cultivar seu regadio, luctando com os elementos, mirando frente a frente ao sol, à modestia citadina, sob uma roupagem de senhoritismo, com que as mais das vezes só se cobre um coração anquilosado de bastardas sensações e interesses. Pedraza será em sua obra um valor realmente sincero como o foi Barret e como o é Horacio Quiroga, pois como estes dois grandes impressionistas do coração maneja o ensaio e tambem a narração pequena e solida dos factos da vida dos homens que passam pela sabana immensa da natureza.

VI. — Jomer B. Villa.

Este joven novelista é dos mais popularizados, pois sua assignatura figura de continuo nas mais estimadas revistas de Buenos Aires.

Sua residencia é em Córdoba, essa Córdoba colonial e santarrona onde grandes artistas e pensadores da altura de Arturo Capdevila, Arturo Orgaz, Martin Cil e Andrés Terzaga.

Jomer B. Villa, narrador aprazível, espirito romantico, docemente sonhador, relata suas sensações, proprias de um coração todo cheio de espuma. Não conhece as desatadas e trepidantes emoções da dor e é carinhoso crepusculo toda sua alma.

As mulheres são as mais affeitas a essas narrações novelescas de Villa, das quaes resalta logo o homem bom que não conhece a dor ou que não quer alojar-se em sua morada...

Dizia-me não faz muito em uma de suas cartas: "He sufrido poco, y talvez, sea ese mi ensueño... mas tarde, despues, cuando sufra, talvez entonces, no dire mis emociones, para no contradecir mi ensueño a los ojos de mis lectores y mi sufrimiento sera mas grande porque tendre que fingirme a mi mismo una alegría que no sciente mi pobre corazón..."

O homem se pintou a si mesmo. Não faz muito tempo, publicou sua melhor obra, — "Motivos de Oriente" pequenos poemas á maneira de Tagore, cheia, como toda sua obra anterior, de uma espiritualidade sincera.

Aqui, como em toda parte, não só merecem estimação aquellas figuras que "chapotean" — nas melhores publicações e dão mensalmente um livro á luz, seja prosa ou verso. O melhor sóe as mais das vezes, achar-se em rincões modestos, em cenaculos de incipientes, em revistas jovens cheias de luz, nos andares mais altos dos edificios modernos...

Por isso, esta chronica para a "Revista do Brasil", vai dedicada á juventude brasileira que luta pelo ideal, para que saiba que em toda parte o coração juvenil bate apaixonadamente pelas magnas realizações...

DO PLAGIATO

A "Revue de l'Epoque", de Paris, fez um inquerito entre certo numero de homens e de mulheres de letras acerca do seguinte: "Que estratagem usaria para lançar sua futura obra? Simularia o plagiato ou plagiaria, realmente. Caso estes artifícios lhe repugnem, que pensa a respeito?" A' primeira vista, essa "enquête" parece bizarra.

E' bom lembrar-se, entretanto, que Pierre Benoit reproduziu no seu livro "Lac Salé" algumas linhas das "Choses vues" de Victor Hugo e declarou quando um de seus leitores percebeu isso que o fizera de propósito, tomando a precaução de comunicar com antecedencia o facto ao ministro da Instrução sr. Leon Berard. Era o que o jovem romancista chamava "uma armadilha": esperava elle que algum critico idiota lhe censurasse o seu mau estylo, citando por exemplo uma phrase que não lhe pertencia, mas sim a Victor Hugo. Os criticos são pouco clarividentes: ao menos essa é a opinião de todo auctor que não foi bastante louvado. E sua ignorância é geralmente profunda como o fazia observar o sr. Pierre Mille na sua resposta à "Revue de l'Epoque..." Todavia nenhum delles caiu na pega armada pelo sr. Pierre Benoit. Elles podem não saber de cõr a literatura universal, ou não ter uma lembrança muito prompta, não reconhecendo de relance uma curta passagem de uma obra secundaria, mesmo de um auctor celebre, que um folhetinista tenha recopiado. Entretanto, veem raramente erros de franez onde não os ha, e nem todos se parecem com aquelle velho professor de rhetorica, um tanto distraído a quem um alumno tinha entregue um discurso latino inteiramente trasladado de Cicero, e que escreveu a seguinte noticia:

"Alguns progressos, mas latinidade ainda bem fraquinha". De qualquer modo, muitos confrades de Pierre Benoit pensaram, com ou sem razão, que elle procurou nessa pequena "fumisterie" uma reclame para o seu romance. Comprehende-se agora melhor a razão do questionario da "Revue de l'Epoque".

A maior parte dos escriptores interrogados responderam honestamente dizendo que punham todo o cuidado em escrever as suas obras, e outros qualificaram sem indulgencia toda e qualquer sorte de plagiato.

Ha algumas respostas divertidas como a de Fernando Divoire que diz: "Plagiar? Não tenho tempo. E' muito mais rapido crear". Ou a de Mme. Valentine de Saint-Point que "só acha interesse em realizar o que não viu nos outros auctores" e vangloria-se de ter sido ella mesma plagiada. Cumprimentos! Não é plagiado quem quer.

Quanto aos modos de se ser "lançado", só ha dois verdadeiramente efficazes: o premio "Goncourt" e um bom processo por tendencias immorais ou subversivas. De resto, tudo isso é dispensavel. O processo de "Madame Bovary" fez vender imediatamente um grande numero de exemplares; mas esse romance não seria menos lido, hoje, nem Flaubert menos illustre.

Os jovens auctores contemporaneos são terrivelmente impacientes e se inquietam porque a critica não os leva aos sete céus. Mas uma obra de valor depois de uma espectativa mais ou menos longa, acaba por fazer o seu caminho. O melhor meio de conquistar o publico é fazer uma obra prima. E cedo ou tarde, a justiça virá... X.

(Diario de Pernambuco)

A GLORIA DE FLAUBERT

No mez de dezembro ultimo, no jardim do Luxemburgo, foi inaugurado solemnemente o monumento a Flaubert.

O monumento é uma obra de arte harmoniosa e simples, que ficará bem no quadro desse jardim encantador de Luxemburgo. Elle não contém nenhuma composição symbolica, mas unicamente um busto, o busto do sculptor Clésinder, ampliado pelo sculptor Escuola, sobre um soclo em forma de banco, obra do architecto Paquet.

Todos os jornaes e todas as revistas evocam a personalidade e analysam a obra do grande romancista que nasceu em Ruão ha exactamente um seculo. Elle pretence ao numero daquelles cuja gloria perdura e se engrandece através das gerações. A posteridade fez-lhe justiça, e hoje — pormenor curioso — o procurador da Republica, sr. Lecouvé, faz parte do "comité" promotor da homenagem ao autor do romance da

"Bovary", accusado outrora pelo procurador do imperio Pinard, de ultrajes aos bons costumes e à moral burgueza.

O numero do "Paris-Noticias" consagra alguns artigos a Flaubert e reproduz o magnifico retrato gravado por Favier para a edição de luxo, do livreiro Conard. Num desses artigos, Paulo Osorio estabelece um paralelo entre Eça de Queiroz e Flaubert, entre os quaes, quer na obra em geral, quer no estylo, as afinidades são numerosas. Ambos procuravam devotadamente, infatigavelmente, a perfeição do estylo.

"Ha em mim, literariamente falando — escreveu um dia Flaubert — dois bons homens diferentes: um, apaixonado pelas tiradas, pelo lyrismo, pelos grandes vôos de aguia, por todas as sonoridades da phrase e pelas curiadas da idéa; um outro que cava e rebusca o exacto tanto quanto pôde".

Falando do autor da "Salammbô", o critico Emile Faguet disse que o seu espirito se partilhava entre a necessidade da realidade e a necessidade tambem de uma imaginação desenfreada e poderosamente fecunda, que essas duas inclinações se balancaram no decurso da sua vida literaria e de tal modo que, na sua penna, uma obra romantica succedia invariavelmente a uma obra realista.

Não é verdade que tudo isso se poderia applicar a Eça de Queiroz?

"Sem duvida, Eça de Queiroz possuia a ironia, o espirito critico que se não encontram em Flaubert. Já o têm comparado, por isso mesmo, a Anatole France. Mas quando um dia escreveu que os seus romances, no fim de contas, eram fracezes, que elle proprio o era quasi inteiramente, que a sua cultura, a sua educação tinham sido feitas nos livros fracezes, pelas idéas fracezes, as maneiras fracezes, os sentimentos fracezes, o ideal fracez, — por certo elle pensava no poeta solitario do Croisset e nesse Oriente de sedutoras visões onde os dois tinham ido orar á deusa Fantasia, num scenario de maravilhas, como Renan orou á Clara Athenéa, na collina do Parthenon".

Num outro artigo recordam-se algumas velhas phrases de Anatole France, que synthetizam admiravelmente a vida e a obra de Flaubert.

"Trabalhou como um boi, escreveu o autor de "Thais". A sua paciencia, a sua coragem, a sua probidade, a sua boa fé, ficarão para sempre como exemplos. E' o mais consciencioso dos escriptores. A sua correspondencia dá o testemunho da sinceridade e da continuidade dos seus esforços. E' preciso admirar, é preciso venerar esse homem de muita fé, que eliminou por um trabalho obstinado e pelo zelo do bello o que o seu espirito tinha naturalmente de pesado e de confuso, que suou lentamente os seus soberbos livros e fez ás letras o sacrificio methodico da sua vida inteira".

A PROPAGANDA DAS LETRAS BRASILEIRAS

O Sr. Isaac Goldberg, a quem me referi em artigo anterior, fez o favor de escrever-me que seus estudos brasileiros se acham sobre uma firme base depois de encetadas as nossas relações, e que daqui por deante escreverá sobre nossas grandes figuras literarias com a mesma frequencia com que se tem ocupado de analogas personalidades hispano-americanas, acabando justamente de dedicar um admiravel artigo a Florencio Sanchez e tendo editado, um anno ha, um bello volume de estudos sobre a literatura hispano-americana, volume de 400 paginas, em que, após definir a renovação modernista, o autor trata separadamente de Ruben Dario, Rodó, Santos Chocano, Eguren e Blanco Fombona numa série de ensaios, entremeados de traduções que são profundos e luminosos.

O sr. Goldberg escreveu-me assim simplesmente porque tem agora quem lhe proporcione a materia prima bibliographica. Diz elle, com muito criterio, no prefacio do seu livro que acabo de mencionar, que ainda não chegou o tempo com relação á nossa producção ibero-americana de ensaios puramente criticos, que se trata antes de sugerir do que de definir, dando excerptos traduzidos para dessertar o appetite para essas literaturas descorhécidas. O seu desejo no de tocante ás lettras brasileiras, é fazer primeiro uma anthologia, no genero da que Victor Orban fez na lingua francesa, mas talvez mais reduzida, mais rigorosamente seleccionada, importando mais a qualidade que a quantidade, e com introduções criticas a cada um dos nomes.

O gosto estrangeiro impõe mesmo tal selecção. Não seria possivel, segundo aponta o Sr. Goldberg, verter para inglez um romance sensual como o "Cortiço", que alarmaria o sentimento puritano, e tambem o leitor americano prefere a accão rapida, o jogo incisivo das personagens, à discussão de idéas e propósitos ou à descripção de costumes. As idéas

entretanto, commenta o Sr. Goldberg, têm mais vida e são elles que guiam as personalidades.

O Sr. Goldberg está preparando um volume de estudos brasileiros idêntico na forma e espirito ao volume hispano-americano. Sua idéa é publicá-lo no decorrer do anno próximo, sendo assim adequadamente orada a nossa independencia no seu primeiro centenario. Outra commemoração está preparando o professor da Universidade de Stanford Alfred Coester, o qual é autor de uma "Historia Literaria da America Hespanhola", como não existe mesmo outra na America Latina.

O autor está agora preparando uma edição hespanhola desse livro e escreveu-me em Julho passado que lhe está dando maior desenvolvimento e que projecta uma parecida "Historia Literaria do Brasil" que, nas suas palavras, faça conhecida dos norte-americanos (pela primeira vez vejo usada esta expressão nos Estados Unidos) a rica literatura do Brasil, ajuntando que por causa dos muitos estudos de critica literaria feitos por brasileiros como José Verissimo e outros, semelhante livro não exigirá tamanha somma de pesquisas como o outro sobre a literatura hispano-americana.

O livro do Sr. Coester não poderá deixar de ser um trabalho consciencioso e comprehensivo. A sua elaboração não pôde ter sido estranha a inspiração do grande amigo do Brasil que é o Presidente emerito da Universidade de Stanford, o Dr. Branner, assim como á orientação do Sr. Goldberg não foi alheia, muito pelo contrario, a direcção recebida em Harvard do professor Ford, que no departamento das linguas românicas ali se occupa com desvelo e com autoridade de quanto diz respeito á lingua e á literatura de Hespanha e de Portugal e suas antigas dependências americanas.

E' interessante notar o prestigio de que entre os estudiosos das cousas brasileiras goza o falecido José Verissimo, que nunca foi um espirito derramado numa expressão favorita de a Michado de Assis, antes um espirito severo, que nunca procurou impôr-se pela familiaridade ou pela lisonja. O seu nome accede sempre em primeiro lugar ao tratar-se da nossa critica literaria e suas opiniões fazem fé. Ainda nestes ultimos dias isto ocorria numa carta em que o Sr. C. K. Jones, da Biblioteca do Congresso, outro excellente conhecedor das letras ibericas, me informava de que fôra convidado para apresentar á reunião que em Dezembro proximo realizará em Baltimore a Associação das Linguas Modernas, uma memoria sobre as presentes condições e tendencias da literatura ibero-americana, na qual elle pretende comparar certas phases de theoria e de idéas literarios como a polemica entre Sarmiento e Andrés Bello, a influencia do romantismo de Echeverria, as idéas dos modernistas, etc., desejando fazer outro tanto com relação ao Brasil.

A referida Associação organizou no seu seio um "comité" de literatura hispano-americana, presidido pelo professor Hills, da Universidade de Indiana, que é igualmente autoridade nestes assumptos.

Aqui se costuma fazer a distincção entre "hispano-american" (a Hispania abrangendo a Lusitania) e "Spanish-American", o que é entretanto susceptivel de confusão, pelo que, ao anuir em ser membro do "comite", fiz sentir que na reunião de Dezembro deveríamos mudar o seu nome para "ibero-americano", que abrange as duas secções da Peninsula.

Eu proprio fui convidado a apresentar em Baltimore uma memoria sobre "como deverá a literatura brasileira ser estudada nos collegios e universidades dos Estados Unidos, a saber, que autores deverão ser lidos primeiro e em que edições".

E' claro que a memoria comporta uma parte bibliographica, sem a qual não seria practica, pois que o fito do novo "comité" da Associação é promover e organizar o estudo regular das letras ibero-americanas nos estabelecimentos de ensino superior norte-americanos: o Sr. Hills tambem se serve desta expressão.

Fazendo-me vêr a conveniencia da minha presença e da apresentação da memoria solicitada, o professor Hills dizia-me na sua ultima carta: "A maior parte dos presentes serão hispanistas e eu receio que todo o tempo seja concedido ao hespanhol e nenhum ao portuguez, se alguém, como o senhor, não fallar ácerca da literatura e da civilização brasileiras. Estimariamos especialmente dados bibliographicos concernentes aos escriptores do Brasil, seus melhores livros, seus classicos e seus actuaes movimentos literarios".

No dia em que o Brasil historico e literario figurar nos "curricula" das Universidades americanas, teremos conquistado nossos plenos fôros intellectuaes.

CARICATURAS DO MEZ



— E' horrivel essa dependencia em que vivemos dos nossos maridos, em materia de dinheiro; o meu, antigamente, adoptava o systema de dar-me uma mezada; depois eu achei melhor que elle me desse dinheiro sempre que lh'o pedisse. E V. que systema adopta?...

— Adopto os dois, ao mesmo tempo.

(JEFFERSON — *D. Quixote*).

INDICE GERAL DO VOLUME XIX

<i>O Momento</i>	3
<i>São Paulo nos tempos coloniaes</i> , por Saint-Hilaire	5
<i>Uma estação de amor</i> , por Horacio Quiroga	17
<i>A victoria da mulher na poesia</i> , por Benjamim Lima	30
<i>Em torno da geographia da alimentação</i> , por Bernardino José de Souza	36
<i>No trem de ferro</i> , versos por Paulo Setubal	40
<i>Variante carioca de um subdialecto brasileiro</i> , por Antenor Nascentes	44
<i>O curandeiro</i> , por Luiz Gonzaga Fleury	50
<i>Importancia da riqueza mineral no progresso das nações</i> , por Miguel Arrojado Lisboa	56
<i>Bibliographia</i>	66
<i>Resenha do mez</i>	70
<i>Debates e pesquisas</i>	82
<i>Notas do exterior</i>	90
<i>Caricaturas do mez</i>	93
<i>O Momento</i> , por B. F.	97
<i>A literatura em São Paulo</i> , por B. F.	99
<i>Géca Tatú e o princípio da excepção creadora</i> , por Brenno Ferraz .	106
<i>Educação civica</i> , por A. Sampaio Doria	110
<i>Zé da Foice ou o Homem que roubou um pão</i> , por Léo Vaz . . .	120
<i>Ouro Preto, a cidade unica</i> , por Enrique Loudet	127
<i>Sonetos</i> , por Aristêo Seixas	138
<i>Rastro de sangue</i> , por Mario Sette	141
<i>O medico e a sua physionomia</i> , por Renato Kehl	148
<i>Ronald de Carvalho</i> , por João Pinto da Silva	152
<i>São Paulo nos tempos coloniaes</i> , por Saint Hilaire.	161
<i>Bibliographia</i>	173

<i>Resenha do mez</i>	176
<i>Debates e pesquisas</i>	183
<i>Notas do exterior</i>	188
<i>Caricaturas do mez</i>	191
<i>“Revista do Brasil”</i>	193
<i>A literatura em São Paulo (A sub-raça — O regionalismo)</i> , por Brenno Ferraz	194
<i>O professor Ramalho</i> , por Albertino Moreira	201
<i>A piedosa ironia</i> , por Monteiro Lobato	207
<i>São Paulo nos tempos coloniaes</i> , por Saint-Hilaire	212
<i>Rastro de sangue</i> , por Mario Sette	227
<i>Importancia da riqueza mineral no progresso das nações</i> , por M. Arrojado Lisbôa	237
<i>Com morto não se brinca</i> , por Tranquillino Leitão.	244
<i>Bibliographia</i>	254
<i>Resenha do mez</i>	258
<i>Debates e pesquisas</i>	271
<i>Notas do exterior</i>	277
<i>Caricaturas do mez</i>	285
<i>A “Evolução das idéas argentinas”</i> , por Monteiro Lobato	289
<i>O crime inutil</i> , por Lucilo Varejão.	295
<i>Os dois Brasis</i> , por V. Coaracy	307
<i>Velhinha rendeira</i> , por Jayme D'Altavilla	314
<i>A philosophia natural do dr. Von Ihering</i> , por Rodolpho von Ihering.	316
<i>Trinta annos</i> , por Oscar Brisolla	323
<i>Variante carioca de um subdialecto brasileiro</i> , por Antenor Nascentes	327
<i>Importancia da riqueza mineral no progresso das nações</i> , por M. Arrojado Lisbôa	333
<i>Bibliographia</i>	339
<i>Resenha do mez</i>	348
<i>Debates e pesquisas</i>	363
<i>Questões sociaes</i>	371
<i>Notas do Exterior</i>	376
<i>Caricaturas do mez</i>	382

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbos de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone: 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

REVISTA DOS TRIBUNAIS

PUBLICAÇÃO OFICIAL DOS TRABALHOS
DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE S. PAULO,
DIRIGIDA PELOS ADVOGADOS

Plínio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade!

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Numero avulso	3\$000

Redacção: RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO

LOTERIA DE S. PAULO

Em 28 de Abril

20:000 \$000

Por 1\$800

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE

MARIA E AS MULHERES BIBLICAS

Um dos mais bellos trabalhos literarios de Claudio de Souza, o mais fecundo e popular dos nossos escriptores theatraes. "Maria e as mulheres biblicas" — é uma reconstituição historica de alguns typos femininos tornados immortaes pelas suas grandes virtudes heroicas. Claudio de Souza, com o prestigio da sua arte, deu a essas mulheres uma vida estranha e miraculosa. Livro de grande moral e de empolgante suggestão. E' um livro que todas as senhoras de bom gosto devem lêr. A edição, feita pela "Revista Feminina", é um primor de arte typographica e illustrada com encantadoras gravuras.

Vende-se na redacção da "Revista Feminina", avenida S. João, 87. Preço, 4\$000. Pelo correio, registado 4\$500.

DIABETICOS

é preciso combater a perda
de assucar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funções dos orgãos internos
essenciais a vida e restabelecer o appetite e a função
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

Trabalhos typographicos

EXECUTA-SE QUALQUER ESPECIE DE TRABALHO TYPOGRAPHICO NAS EXCELENTES E MODERNAS OFFICINAS QUE A S. A. E. OLEGARIO RIBEIRO ACABA DE INSTALLAR A' RUA DOS GUSMÕES 70, CONJUNCTAMENTE COM A EMPREZA MONTEIRO LOBATO & CIA.

NA REDACÇÃO DA

REVISTA DO BRASIL

Vende-se uma collecção completa da REVISTA
“EU SEI TUDO”

46291

MOVEIS ESCOLARES



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antônio de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

AS MACHINAS LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis pa-
ra a laboura, segundo experien-
cias de ha mais de 50 annos no
Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e ac-
cessorios para a laboura.

Correias - Oleos - Telhas de zinc -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para
conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaisquer
machinas, canos de ferro batido galva-
nisado para encanamentos de agua,
etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO